O JORNAL DE MAIOR EXPANSÃO NO MUNDO PORTUGUÊS

ANO XIII 1955 4517 PREÇO $80

DIÁRIO POPULAR

LISBOA 4.ª feira 4 Maio

Director: FRANCISCO DA CUNHA LEÃO

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones: 29201/2/3 — Telegramas «Popular»

VIAGEM PRESIDENCIAL

UM MONUMENTO

AO HERÓICO PACIFICADOR DA GUINÉ

JOÃO TEIXEIRA PINTO

FOI HOJE INAUGURADO PELO CHEFE DO ESTADO

BISSAU, 4 — Os feitos heroicos de um homem que ao Ultramar decicou toda a sua vida e que no Ultramar encontrou a morte, João Teixeira Pinto, foram hoje consagrados como exemplo para os jovens filiados da Mocidade Portuguesa e perante doze velhos régulos fulas, antigos companheiros de armas do herói da pacificação da Guiné, que rodeavam o monumento esta manhã inaugurado pelo Chefe do Estado, perto do Alto Crim e em cujo sopé de granito ficaram as palavras de homenagem do sr. General Craveiro Lopes ao herói que, contra a opinião de muitos e a animosidade de alguns levou a cabo a obra que visionara — a pacificação da Província.

Um pelotão de soldados indígenas e outro de marinheiros desembarcados do «Bartolomeu Dias» e do «Lima», ambos com as respectivas bandeiras, prestaram a guarda de honra ao monumento e uma companhia de Caçadores indígenas prestou a guarda de honra ao Chefe do Estado, que chegou acompanhado

(Continua na 13.ª pág.)

DECLARAÇÕES

DE HERBERT MOSES

À SUA CHEGADA

ao Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 4. — De regresso de Portugal, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses, comunicou aos jornais as duas mensagens de que era portador, uma do Presidente Craveiro Lopes, a outra do Ministro Paulo Cunha.

Depois de descrever a impressão grandiosa que trouxe de Portugal sobre a recepção que o Governo e o povo portugueses fizeram ao Presidente Café Filho, Herbert Moses acrescentou:

«Levaria horas a descrever o que vi, e o que senti nunca mais o esquecerei. Quero terminar, dizendo que Portugal me proporcionou, no inverno da vida, uma das maiores emoções. E, agora, tenho a absoluta certeza de que o triangulo — Portugal, Ultramar português e Brasil —

(Continua na 16.ª pág.)

DISPUTA-SE

ESTA TARDE

EM GLASGOW

O ESCÓCIA-PORTUGAL

No célebre «Hampden Park», de Glasgow — que, com uma lotação de 140.000 espectadores, é um dos mais grandiosos estádios do Mundo, não obstante ser propriedade do clube amador «Queen's Park Rangers» — vai realizar-se, hoje, ás 18 e 30, o desafio internacional de futebol entre a Escócia e Portugal.

É o segundo encontro entre as duas selecções, pois portugueses e escoceses já se defrontaram no Estádio Nacional, em Maio de 1950, verificando-se um empate a duas bolas.

Para o desafio de hoje, a selecção de Portugal alinha:

Costa Pereira; Caldeira e Carvalho; Caiado, Passos (cap.) e Graça; Águas, «Matateu», Coluna, Travaços e Martins.

Costa Pereira estreia-se na selecção A por Carlos Gomes se ter magoado num treino, já em Glasgow. Graça e Coluna são também estreantes.

A selecção da Escócia apresenta: Younger; Parker e Haddock; Evans, Young (cap.) e Cumming; Smith, Robertson, Reilly, Gommel e Liddell.

Amanhã, o «Diário Popular», publicará os comentários a este importante encontro do seu redactor desportivo e enviado especial a Glasgow Ricardo Ornelas.

Em Piccadilly Circus, no coração de Londres, um engraxador da rua, resolveu ampliar os seus serviços... instalando, ao ar livre, para os fregueses apressados, uma autobarbearia... Meia duzia de máquinas de barbear eléctricas resolvem o problema dos que não têm tempo de fazer a barba em casa ou nos estabelecimentos próprios

A vida fabulosa de AGA-KHAN

2

É UM DEUS VIVO PARA VINTE MILHÕES DE FIÉIS, O 48.º DESCENDENTE DE MAOMÉ

POR GÉRARD FRESTE

Sua Alteza «Sir» Maomé Xá Aga, Sultão Khan III, é o imã dos ismaelitas, seita dos muçulmanos *schiitas*. É, portanto, o chefe espiritual de cerca de vinte milhões de fiéis, que

Enquanto um primo seu desviava a atenção do livreiro, enchia os bolsos...

se estendem da Síria a Singapura e do Turquestão á Africa do Sul.

Os *schiitas* formam uma «secção» (foi o significado de Schia que lhes deu o nome) que se opõe aos sunitas, defensores da tradição. Não se pode compará-los aos protestantes, pois são precisamente os *schiitas* que conferem ao imã, sucessor do profeta, os poderes espirituais de um soberano pontífice. Em suma, são eles os «papistas».

O IMÃ DOS ISMAELITAS TEM HORROR AO FANATISMO

Numerosas seitas divergem quanto á genealogia dos imãs. Uma das mais importantes faz remontar essa filiação a Ismael, que o Aga Khan reivindica para seu antepassado. Ismael descende, naturalmente, de Maomé, por sua filha unica, Fátima, que desposou seu primo Ali.

O primeiro Aga, avô de Aga Khan, era genro do Xá da Pérsia, mas, tendo guerreado contra o seu soberano, foi obrigado a fugir, em 1840, para Bombaim.

Foi lá que Aga Khan (nascido em Carachi, actual capital do Paquistão, em 2 de Novembro de 1877) passou a sua infancia. Constituindo uma magnifica cidade dentro da cidade, numerosos palácios elevavam-se na cerca desta residência, que, em Paris, ocuparia numerosos bairros. Uma vasta comunidade de mais de mil pessoas vivia nesta espécie de comuna livre, reconhecida pelo Supremo Tribunal de Bombaim em 1888. Outros palácios de férias agrupavam-se em Poona.

O pai e o avô do actual Aga foram verdadeiros desportistas e, apesar da sua corpulência, o Aga II era um apaixonado Nemrod. Morreu porque, tendo perseguido, durante todo um dia, uma peça de caça, nos pantanos, apanhou um resfriamento, de que morreu em Agosto de 1885. Uma criança de 8 anos tornava-se imã, e todos os fiéis iam inclinar-se diante das funções sagradas que, agora, o revestiam.

Desde então, esse rapaz de olhos

(Continua na 11.ª pág.)

Nas reuniões preparatórias da conferência de Viena, os Embaixadores dos quatro países ocupantes com o Subsecretário dos Negócios Estrangeiros do Governo austríaco, Bruno Kreisky

ASSUME AMANHÃ

A PLENITUDE DA SUA SOBERANIA

A ALEMANHA OCIDENTAL

QUE EM 1957 TERÁ ORGANIZADO O SEU EXÉRCITO

BONA, 4. — Logo que entrem em vigor os acordos de Paris e a concessão da soberania á Republica Federal, amanhã, o rearmamento da Alemanha Ocidental entrará no plano da realização prática, preludio da organização efectiva das unidades da futura «Wehrmacht».

Segundo os planos estabelecidos pela repartição «Blank» (futuro ministério da defesa nacional), os contingentes alemães compreenderão 500 mil homens, dos quais 400 mil de Infantaria, 80.000 aviadores e 20 mil marinheiros.

O exército de terra compôr-se-á de 12 Divisões, das quais 6 blindadas, 4 de acompanhamento e 2 de Infantaria, além de unidades de Artilharia e Engenharia, assim como 3 brigadas de pára-quedistas e 3 de caçadores alpinos. A Aviação compreenderá 20 esquadrilhas, com cerca de 1.350 aparelhos (além de 4 esquadrilhas de transporte), representadas unicamente por «caças» de jacto.

A Marinha disporá de 180 barcos, dos quais submarinos até 350 toneladas e «destroyers» até 3.500 toneladas, draga-minas, vedetas rápidas, assim como unidades de transporte e de desembarque.

Antes que o primeiro soldado alemão possa vestir o seu uniforme, os orgãos legislativos deverão elaborar certo numero de leis, visto a antiga legislação militar ter sido abolida na altura da capitulação alemã.

A primeira chamada de recrutas não poderá fazer-se antes de 1957

A organização dos quadros de oficiais, provávelmente em numero de 150.000, com 40 generais, exigirá

(Continua na 16.ª pág.)

MENSAGENS

DA GUERRA DE 1870

PARIS, Maio — Quando brincavam nas margens do Sena, próximo da aldeia de Bazoches les Brey, um rancho de crianças apanhou uma esquisita bola metálica, com flutuadores em madeira; que se averiguou mais tarde, ser nem mais nem menos do que uma das célebres «Boules de Montins» lançadas á água durante a guerra de 1870, nas nascentes do Sena, para, se a sorte as protegesse, chegarem até ás portas da cidade de Paris, com mensagens e correio destinados á população sitiada.

Dentro da bola recentemente achada foram encontradas umas duas dezenas de cartas escritas há 85 anos e dirigidas a vários parisienses, bem como um relatório confidencial do subprefeito de Boulogne-sur-Mer, dando conta da situação naquela zona. — (E.).

A DESTITUIÇÃO DO IMPERADOR BAO DAI

SAIGÃO, 4. — Esta tarde o Presidente Diem solicitará á Assembleia dos conselheiros municipais e provinciais o parecer sobre a moção pronunciando a destituição do imperador Bao Dai, aprovada no sábado pelo «Comité» Revolucionário.

Entretanto, anuncia-se a chegada a Pnom Penh do general Van Hinh, com poderes de Bao Dai para resolver a crise. — (F. P.).

PEÇO A PALAVRA

DIÁLOGO

ENTRE O ESPÍRITO E A MATÉRIA

Por VITOR FALCÃO

O que surpreendemos na vida é, em regra, muito mais interessante do que aquilo que procuramos nela. O informativo, o elucidativo, as mentalidades e os caracteres, o íntimo, tudo quanto, em suma, pode fazer-nos conhecer a psicologia de determinado homem e ajudar-nos a defini-lo, — tudo isto nos é, quase sempre, escondido ou apresentado com disfarces. O *struggle for life* do nosso tempo, o desenvolvimento galopante do culto da riqueza e do exibicionismo individual vaidoso, a desproporção existente entre o numero, sempre limitado, de boas posições sociais e o numero infinito dos que aspiram a elas, toda esta série de elementos deformadores da fisionomia da sociedade tradicional e também o esvaimento da noção de moral, fizeram do homem contem-

(Continua na 11.ª pág.)

MAIS UMA VEZ

FORAM ADIADAS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS

LAS VEGAS (Nevada), 4. — Uma grande experiência atómica, para a qual se reuniram aqui milhares de observadores, na semana passada, foi hoje adiada pela oitava vez por não serem favoráveis as condições meteorológicas. — (R.).

À BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

DEPOIS DAS NOVE

MONUMENTAL — A's 21 e 45
AMALIA — ASSIS na obra consagrada de JULIO DANTAS
«A SEVERA»
com
SANTOS CARVALHO
SARA VALE, ARMANDO CORTEZ, MARIO PEREIRA, SUZANA PRADO, ABILIO HERLANDER, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, PAULO RENATO e MADALENA
(Para adultos)

Empresa VASCO MORGADO
Subsidiada pelo FUNDO DE TEATRO

IMPÉRIO — Telef. 55134-5
A's 21 e 30
2.ª SEMANA
A original história do amor durante um século
«CEM ANOS DE AMOR»
com De Sica, Nadia Gray, Frabizzi, Myriam Bru e Chevalier
à frente de um grande elenco
(Adultos)

ODEON PALÁCIO — TEL. 26768-47151
Emp. Vicente Alcantara
HOJE, A NOITE
CARMEN SEVILLA
no delicioso filme
«CIGANA DOS MEUS AMORES»
(Para 13 anos)

EDEN — TEL. 20768
A's 15,30, 18,30 e 21,30
3.ª SEMANA da excepcional comédia
«JULIETA»
com
DANY ROBIN e JEAN MARAIS
Uma menina sonhadora, incrivelmente mentirosa e que vive num mundo de fantasia
(Para 18 anos)

MONUMENTAL — TEL. 55131
A's 21 e 30
2.ª SEMANA de exibição do gigantesco filme
«O SINAL DO PAGÃO»
CINEMASCOPE
Cor por Technicolor
Um centurião que salvou um trono, conquistou o coração de uma princesa e venceu um temível rei bárbaro!
(Maiores de 13 anos)

SÃO JORGE — Telef. 54153 Balcão 54154
A's 15,15, 18,15 e 21,30
LUCILLE BALL e DESI ARNAZ
os mais populares artistas da televisão americana, no êxito cinematográfico
«LUA DE MEL AGITADA»
(Maiores de 13 anos)

TIVOLI — TEL. 50595
A's 9 e 30 da noite:
A comédia universalmente triunfante
«AS FILHAS DO SR. HOBSON»
com Charles Laughton
(Para 13 anos)

CONDES — TEL. 22523
A's 15,15, 18,15 e 21,30
Veja a melhor comédia da época
«CANTINFLAS A LÁ MINUTA»
RIR — RIR — RIR
(Para maiores de 13 anos)

POLITEANIA — TEL. 26305
A's 15, 18,15 e 21,30
5.ª e ultima semana do supremo êxito do cinemascope
«EGIPCIO»
com Edmund Purdom, Jean Simmons, Victor Mature e milhares de figurantes
No programa: «TORNEIO DAS ROSAS», documentário colorido em cinemascópio
(Para 13 anos)

ALVA LADE — TELEF. 763030
A's 21 e 30
2.ª SEMANA
Um filme estranho e irreal
«TRÊS CRIMES»
com Orson Welles, Alan Badel e John Gregson
TRÊS HISTÓRIAS DE «SUSPENSE»
(18 anos)

SÃO LUIZ — TEL. 27152
A's 21 e 30
Um filme de emoção constante
«O GRANDE CIRCO»
com Pat O'Brien, Mike Spillane e Marion Carr
(Maiores de 13 anos)

A ESTREIA DE ONTEM

SÃO LUIZ — «O Grande Circo»

O circo é o espectáculo das multidões. Toda a galeria sensacional e apaixonante dos trapezistas que no alto da cupula executam voos temerários, ou dos domadores que enfrentam as feras num desafio á morte, entre risos e facécias dos «clowns», e o desfile esplendoroso e opulento de limãas e esbeltas raparigas montadas em enormes paquidermes e corcéis de alta escola — fascina e electriza o publico. Em «O Grande Circo», o circo é o espectáculo dominante. Nele admiramos os mais extraordinários numeros «á sensation» que se exibem nas pistas americanas, como a «menagérie» de Clyde Beatty, um domador que diante dos tigres e leões faz crispar os nervos do publico e um trio de voadores de grande classe que faz suspender a respiração. Desta vez, porém, o especáculo variado e alucinante, ganha proporções mais vastas com a projecção em cinemascopio, que nos transmite toda a gama de emoções que se desprendem da triplice pista de um grande circo ambulante, onde o riso se confunde com a tragédia e o drama corre parelhas com o crime.

Um conflito passional, gizado nos moldes policiais, torna ainda mais aliciante o interesse por este espectáculo emotivo, em que sobressai a notável interpretação do actor Sean MacClory na figura de um louco perigoso que é o «speaker» do circo.

Complementos escolhidos. — M. G. R.

TRÊS ÓPERAS DE PUCCINI
AMANHÃ EM S. CARLOS

E' amanhã que se apresenta em S. Carlos o «Tríptico» de Puccini, constituido pelas óperas em 1 acto «Il Tabarro», «Soror Angélica» e «Gianni Schischi».

Foi em 1948 que Clara Petrella interpretou no «Scala» de Milão o papel de «Giorgina» da ópera «Il Tabarro». A partir de então passou a figurar regularmente nos principais teatros italianos, europeus e da América latina. E não deixa de oferecer particular interesse o facto de Clara Petrella se estrear amanhã, em S. Carlos, na mesma criação, com a qual acaba de obter também um grande triunfo no Teatro da Opera de Roma.

Em «Soror Angélica» reaparece, também o soprano Magda Olivero e o baritono Tito Gobbi interpretará o protagonista de «Gianni Schischi», uma figura de grande comicidade.

TALVEZ VOCÊ NÃO SAIBA

Que um dos duetos que a actriz Laura Alves interpretará na revista «Melodias de Lisboa» com o actor João Villaret, tem por título «A fera e o domador».

— Que a peça «O Tio Valente» em que reapareceirá, no Teatro Avenida, o actor Alves da Cunha, á frente de um elenco propositadamente organizado para esta obra, é original dos escritores Carlos Arniches e J. Aguilar Catenas.

— Que foi fixada para o dia 13 do corrente a estreia, no Teatro Maria Vitória, do original de Romeu Correia, «Isaura, a Galinheira», pela

(Continua na pág. seguinte)

CAPITÓLIO — TEL. 27493
A's 15,30 e 21,30
O filme de grande emoção!
«O MONSTRO DA LAGOA NEGRA»
O caso mais espantoso apresentado até hoje pelo cinema
com Julio Adams e Richard Carlson
(18 anos)

SÁBADO e DOMINGO:
«MATINÉES» INFANTIS

RESTELO — Tel. 610375
A's 21 e 15
FERNANDEL
numa alegre história que revive o lendário espirito dos contos árabes
«ALI-BABA E OS 40 LADRÕES»
(Maiores de 13 anos)

REX — TEL. 296545
A's 15 e 15 e 21 - 15
«A ÓPERA DOS MENDIGOS» e «O SEGREDO DE ESTADO»
(Maiores de 18 anos)

CASINO ESTORIL — Telef.: Est. 730
ENCERRADO PARA OBRAS

PEQUENO CARTAZ
(Para maiores de 13 anos)
TEATROS

MARIA VITORIA — A's 21 e 23 — «O João Ninguém».
COLISEU — A's 21 e 15 — Concerto pela Orquestra Filarmónica de Viena.

CINEMAS

OLIMPIA — «A selva».
TERRASSE — «A senda dos elefantes».
PARIS — «Almas em fogo».
LYS — «Que o diabo seja surdo».
BELGICA — «A dama marcada».
JARDIM — «Páginas da vida».
IDEAL — «Objectivo, Berlim».
PROMOTORA — «Sublime expiação».
MAX — «Milionário sem vintém».

(Para maiores de 18 anos)
TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «A terceira palavra».
APOLO — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «Debota abaixo!».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A Severa».

CINEMAS

CINEARTE — «Vento selvagem».
EUROPA — «A cama das camélias».
ROYAL — «A canção da meia-noite».
IMPERIAL — «A mundana respeitável».
PALATINO — «Caprichos de Carolina».

LUSO — T. QUELHAS — TEL. 32889
Animador: Filipe Pinto
HOJE — FADOS por
CELESTE RODRIGUES, JOSÉ BORGES, Aurora Sobral, Fausto Ribeiro, Constança Nunes e o «ás» da boa disposição JOÃO VIANA (Viminha)
SOLOS por António Couto e Pedro Leal
(Para adultos)
SEXTA-FEIRA: Festa artística do poeta JOÃO L. BARBOSA, com
AMÁLIA

Casino Estoril — TEL. 730

HOJE
no «WONDER-BAR»
JANTARES ★ CEIAS
BAILE
Conjunto MARIO SIMÕES, com Helder Reis
★
Consumo mínimo, 40$00
(Para adultos)

SÁBADO, 7
Novo programa de atracções internacionais
DANIÉLE DUPRÉ
E
HAMMOND BIRDS

COLISEU
A GRANDE ORQUESTRA FILARMÓNICA DE VIENA EM DESPEDIDA

Hoje, no Coliseu, num unico concerto para todo o publico

E' já hoje que a Empresa do Coliseu, vai registar mais uma página gloriosa na sua grande sala de espectáculos. A Empresa que não se poupa a esforços para num magnífico movimento cultural e artistico dar ao publico de Lisboa, espectáculos de verdadeira projecção internacional, não obstante os inumeros encargos que o feito acarreta, não quis deixar perder a oportunidade para apresentar hoje, num unico concerto a Grande Orquestra Filarmónica de Viena, composta de 115 professores, considerada a maior e melhor do Mundo, que sob a superior regência do insigne maestro dr. Karl Boehm, executará com maestria, que não necessita de encómios, um maravilhoso concerto, cujo programa é o seguinte: *I Parte:* Mestres Cantores de Wagner, IV Sinfonia de Beethoven. *II Parte:* Sinfonia incompleta de Schubert, Fledermaus (abertura), Pizzicato, Perpetuum Mobile e Valsa do Imperador, de J. Strauss.

CARMEN SEVILLA
HOJE — HOJE
ODÉON — PALÁCIO

EI-LA COM O SEU ENCANTO E LINDA VOZ
NO INTERESSANTE FILME REALIZADO POR FLORIAN REY
CIGANA DOS MEUS AMORES
com JOSÉ ISBERT e NICOLAS PERCHICOT
E um exclusivo de FILMES ALBUQUERQUE ★ (Para 13 anos)

Tágide
NA «BOITE»
(Espectáculo sem classificação especial)
HOJE E TODAS AS NOITES
FERNANDO GIL e o seu Ballet Folclórico
Primeira Bailarina MARIA CLARA
Dia 6: FREDERICA
A criadora da versão francesa de «Uma Casa Portuguesa»

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
Temporada de Ópera do ano de 1955
Amanhã, Quinta-feira, dia 5, ás 21,15 horas
1.ª récita do tríptico de G. Puccini
IL TABARRO
SOROR ANGELICA
GIANNI SCHICCHI
com Clara Petrella, Magda Olivero, Marcella Pobbe, Angelo Le Forese, Alvinio Misciano, Tito Gobbi, Sesto Bruscantini e outros
Maestro-Director: Oliviero de Fabritiis
Domingo, dia 8, ás 16,30 horas — Tarde Cultural com a ultima récita do tríptico de G. Puccini
IL TABARRO — SOROR ANGELICA — GIANNI SCHICCHI
Quarta-feira, dia 11, ás 21,45 horas — CONCERTO EXTRAORDINÁRIO com a colaboração de artistas italianos da Companhia de Opera
Bilhetes á venda para todos os espectáculos — Telefone 2 1552

CASA BRANCA RESTAURANTE BAR-«DANCING» — CAXIAS
TODAS AS NOITES ELSA MARVAL
acompanhada pelo maestro FERNANDO CARVALHO
MUSICA DE BAILE PELO
CONJUNTO «CASA BRANCA»
COM O GRANDE CANTOR HERNANI RIBEIRO

ESTA SEMANA ESTREIA EM RECITA EXTRAORDINÁRIA
YERMA
TRAGÉDIA DA MULHER SEM FILHOS
DE
GARCIA LORCA
Elenco: Maria Lalande, Augusto Figueiredo, Luisa Neto, Brunilde Judice, Joaquim Rosa, Mariana Vilar, Maria Albergaria, Constança Navarro, Elvira Pais, Fernanda Montemor, Bernardete Pessanha, Cecilia Guimarães, Alina Vaz, Josefina Silva, Julio Ferrari e Francis Graça (por ordem de entrada em cena)
Para a direcção deste espectáculo da obra mais importante de teatro moderno reuniram-se os seguintes artistas: Samwell Dinis, Francis Graça, Duarte Costa, José Barbosa, Otelo Azinhais, Azinhal Abelho e Orlando Vitorino
Adultos — Subsidiado pelo Fundo de Teatro
A bilheteira está aberta das 13 ás 20 horas
Telefone 20.000

TRINDADE TEATRO D'ARTE DE LISBOA

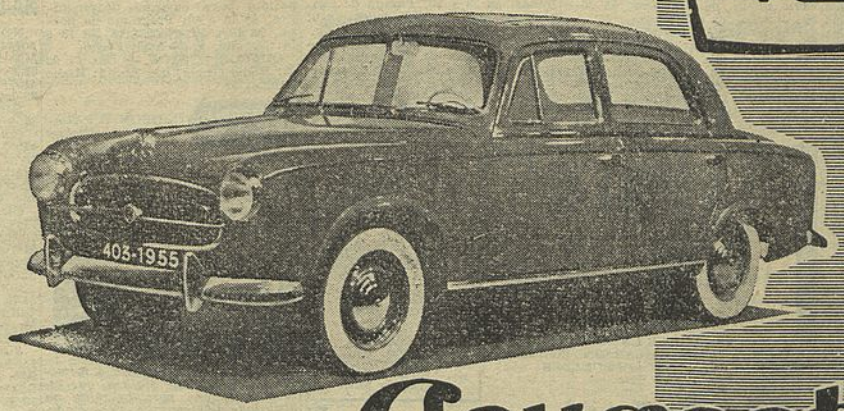
1/2 BIFE 6$00
COMIBEBE - R. EUGÉNIO SANTOS, 22

FONTÓRIA
PRAÇA DA ALEGRIA — Telefone 35431 — (ADULTOS)
UM FORMIDÁVEL PROGRAMA COM DOIS «BALLETS»
TERESITA VASQUEZ e HISPANIS GIRLS
A' frente de uma grande parada de atracções mundiais

VILA FRANCA
DOMINGO, 8, ÀS 18 HORAS
Inauguração da temporada ★ 2 cavaleiros: Fernando Salgueiro e Francisco Sepúlveda ★ 3 espadas: Amadeu dos Anjos, José Trincheira e a revelação de Vila Franca, José Júlio ★ Forcados de José Lourenço ★ A bilheteira de Lisboa, nos Restauradores, 7, abre amanhã ★ Preços: Sol a 10 e 20 escudos, Sombra 40 escudos

AMANHÃ!

MOCAR L.DA APRESENTA O NOVO MODELO



Peugeot 403

Peugeot

MAS... O 203 CONTINUA!

MOCAR, L.DA STAND AV ANT. AUGUSTO DE AGUIAR 19^ 19ª SERVIÇO - OFICINAS - PEÇAS: RUA D. LUÍS DE NORONHA, 40, 40-A

NO

Maria Vitória

EM 2 SESSÕES: Às 21 e 23 h.
A NOSSA MAIOR ACTRIZ POPULAR

MIRITA CASIMIRO

apresenta na sua
ULTIMA SEMANA DE REPRESENTAÇÕES E ENCHENTES
o seu maior êxito

O JOÃO NINGUÉM

DUAS HORAS DE EMOÇÃO E FRANCA GARGALHADA!
com
ELVIRA VELEZ
O UNICO ESPECTÁCULO TEATRAL PARA MAIORES DE 13 ANOS

A seguir! O 1.º original desta temporada: «ISAURA», de Romeu Correia

O «DIÁRIO POPULAR»
Vende-se no LELO, em Nova Lisboa

DEPOIS DAS NOVE

(Continuação da página anterior)

Companhia dirigida pela actriz Mirita Casimiro.

— Que a estreia da comédia de Ramada Curto, «Sua Alteza», no Teatro Monumental, para reaparição dos artistas Laura Alves e João Villaret, está marcada para o dia 19.

— Que a estreia da Companhia de género musicado, dirigida pelo actor Carlos Coelho, no Teatro Restauração, de Luanda, estava anunciada para o passado dia 2, com a revista «Viva o Homem».

— Que se encontra em gozo de férias nesta cidade o escritor teatral Reinaldo Ferreira (Filho), autor do conhecido número «Uma casa portuguesa». Este escritor deve regressar a Lourenço Marques, onde reside, no mês de Julho.

— Que é já no próximo dia 6 do corrente que se realiza no «Luso», a festa do poeta Linhares Barbosa. Colaboram, além de Amália Rodrigues, Lucília do Carmo, Fernanda Peres, Tristão da Silva, Adelina Ramos, Celeste Rodrigues, Carlos Ramos, Marcia Condessa, Berta Cardoso, Maria Pereira e Alfredo Duarte (Marceneiro).

— Que ficou adiada para 14 do corrente no Teatro Monumental a festa para a eleição da «Rainha das girls».

— Que o Teatro d'Arte de Lisboa foi convidada a desempenhar o Auto de Camões «El-Rei Seleuco», por ocasião das Festas da Cidade de Lisboa.

— Que o Teatro d'Arte de Lisboa levará no próximo mês de Junho todo o seu repertório á cidade do Porto.

MÚSICA CONCERTO DE TITO GOBBI PROMOVIDO PELA J. M. P. — E' na sexta-feira que se realiza no Cinema Império o concerto dedicado pela Juventude Musical Portuguesa aos sócios, em que participa o barítono Tito Gobbi. Os bilhetes podem ser levantados na sede da colectividade.

CONCERTO DA «PRÓ-ARTE» EM BEJA — Na sexta-feira realiza-se em Beja um concerto organizado pela «Pró-Arte», em que participam o violoncelista Fernando Costa e o pianista Abreu Mota.

CONCERTOS SINFÓNICOS NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS — Na próxima segunda-feira realiza-se, no Pavilhão dos Desportos, o primeiro concerto gratuito, da série de doze, organizado pela Camara Municipal de Lisboa. A Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção do maestro Fernando Cabral, executará obras de Weber, Tchaikowsky, Wagner, Luis de Freitas Branco, etc.

DOIS ARTISTAS INGLESES EM LISBOA — A convite da Delegação em Portugal do British Council vêm brevemente a Portugal dois artistas ingleses, o barítono Frederick Fuller e o solista de guitarra espanhola e alaúde Julien Bream, que darão dois concertos em Lisboa, o primeiro no próximo dia 20, no Conservatório Nacional e o segundo no Instituto Britanico.

MARIA LEÃO

Partiu ontem para o Brasil, onde vai cumprir contratos durante um ano, a artista declamadora, do Teatro e da Rádio, Maria Leão. Na véspera de embarque, um grupo de amigos, entre os quais jornalistas, ofereceu-lhe um jantar.

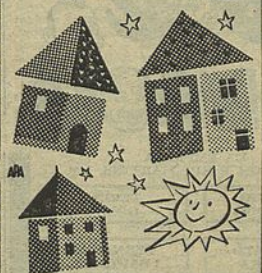
AS CONFERÊNCIAS DE HOJE

A's 18 e 30: no Instituto Britanico, pelo sr. dr. John Cobb, sobre «Joseph Conrad»; ás 21 e 30: na Ordem dos Médicos,

(Continua na página seguinte)

LL-10-55

Lava lar



EM VOSSAS CASAS
LAVALAR
BRILHA
COMO O MAIS LUMINOSO DOS ASTROS

PREÇOS
1/4 L-4$00 1/2 L-6$50
DEPÓSITO DO FRASCO + 1$50 E 2$00

NATURA

Saiu o n.º 8 referente a Maio desta utilíssima revista de saude pela Terapeutica Natural, da qual é orientador e proprietário o Snr. Dr INDIVERI COLUCCI, conhecido e categorizado naturopata.

Do sumário destacam-se os artigos seguintes:

NATURISMO VITORIOSO, por Napoleão Gonçalves.
O ERRO DO COMBATE AOS SINTOMAS, pelo Dr. Indiveri Colucci.
A CRIANÇA VEGETARIANA, por Alsácia Fontes Machado.
A ARTE DE VIVER MUITOS ANOS SAUDAVELMENTE.
A FRAQUEZA NÃO SE CURA COM EXCESSOS ALIMENTARES, etc.

Temos o prazer de informar os n/ assinantes e leitores que, no propósito de melhorar sempre a n/ revista, obtemos a tão util cooperação do grande Semanário «Gazeta do Sul» e, ainda, a valiosa colaboração do seu Ilustre Director, n/ particular Amigo, Snr. Alves Gago, bem como a do s/ chefe de redacção, Snr. José das Neves. Estamos, portanto, de parabens.

Todos os pedidos de assinatura devem ser dirigidos á Administração, Trav. do Cotovelo, 37, 2.º, Esq.º (ao Corpo Santo) Lisboa, Telef. 22289

AS TERÇAS-FEIRAS E SABADOS
Leia «RECORD»
O jornal desportivo que se impôs pela variedade da sua informação

EXCLUSIVOS TRIUNFO e IMPÉRIO

ANUNCIAM A 2.ª SEMANA DE

CEM ANOS de Amor

(ADULTOS)

O ENCANTADOR FILME ITALIANO
QUE ALCANÇOU JUNTO DO PÚBLICO
UM EXPONTANEO SUCESSO
VITTORIO DE SICA ★ NADIA GRAY ★ ALDO FABRIZI
e MAURICE CHEVALIER

REPORTAGEM COMPLETA
DA APOTEÓTICA VISITA A PORTUGAL
DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL
NO CONDES, às 21,30

DEPOIS DAS NOVE

(Continuação da página anterior)

pelo prof. Zabala Rubio, da Universidade de Madrid, sobre «Terapêutica em Estomatologia. Modernas aquisições»; no Instituto Francês, pelo sr. dr. Roger Bismut, professor do Liceu Charles Lepierre, sobre «Les thèmes lyriques dans les Lusiades».

ESTA NOITE HÁ FESTAS — A's 21 e 30: no Grupo Desportivo da Mouraria, baile dedicado a várias colecividades; no Matadouro Futebol Clube, baile com o conjunto «México».

ESTA NOITE PODE OUVIR — EMISSORA — A's 18: Danças; ás 18 e 30: Musica de bailado; ás 19: Noticiário; ás 19 e 5: Canções de Paris; ás 19 e 30: Palestra da série Defesa Nacional; ás 19 e 50: Concerto pelo Sexteto de Cegos; ás 20: Jornal Sonoro; ás 20 e 15: Ritmos do Brasil; ás 20 e 35: Campanha Nacional de Educação de Adultos; ás 20 e 50: Intervalo Musical; ás 21: Junção dos emissores; Noticiário; ás 21 e 15: Desdobramento — Instrumentistas em voga; ás 21 e 30: 3.º episódio do «D. Quixote de La Mancha»; ás 21 e 50: Uma Hora de Fantasia; ás 22 e 50: Valores do Ocidente; ás 23 e 20: Danças transmitidas do Restaurante Alvalade; ás 23 e 50: Junção dos emissores; Noticiário; ás 0: Encerramento. Programa B — A's 19: Concerto sinfónico; ás 19 e 50: Noticiário regional; ás 20: Continuação do concerto sinfónico; ás 21: Junção dos emissores; ás 21 e 15: Desdobramento — A Temporada de Opera em S. Carlos; ás 22: A «Sinfonia n.º 4», de Bruckner; ás 23 e 5: O «Trio n.º 2», de Schubert; ás 23 e 50: Junção dos emissores.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; ás 19 e 5: Programa eventual; ás 19 e 25: Boletim do S. C. R.; ás 19 e 30: Organista Virginie Morgan; ás 19 e 45: Palestra do inspector António Leal; ás 20: Canta Johnny Ray; ás 20 e 15: Programa Favorito; ás 20 e 30: Noticiário; ás 20 e 40: Musica regional portuguesa; ás 20 e 55: Meditando; ás 21: Sucessos musicais; ás 21 e 30: Melodias famosas; ás 21 e 45: Musica de um filme; ás 22: Ecos de Espanha; ás 22 e 30: Cançonetas portuguesas; ás 22 e 45: Noticiário; ás 22 e 57: Boletim religioso; ás 23: Composições escolhidas; ás 23 e 20: Parada de canções; ás 23 e 35: Variedades; ás 0: Fecho.

RADIO CLUBE PORTUGUES — A's 18: Musica de dança do Casa Branca; ás 18 e 30: Trechos recreativos; ás 19: Fados e guitarradas; ás 19 e 30: Jornal da A. P. A.; ás 20 e 15: Cançonetas; ás 20 e 40: Terras de Portugal; ás 21: Passatempo A. P. A.; ás 22 e 30: Companheiros da Alegria; ás 0: Fados e guitarradas do Restaurante Patricio; ás 0 e 30: Ritmos de baile; ás 0 e 45: Rádio-jornal; ás 0 e 55: Amanhã; á 1: Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — A's 18: Marcha e anuncio do programa; ás 18 e 5: Terra; ás 18 e 20: Discos pedidos pelos ouvintes universitários; ás 18 e 40: Programa de poesia; ás 18 e 50: Noticiário; ás 18 e 54: Marcha; ás 18 e 55: Fecho.

OUTROS POSTOS — Das 17 ás 22: Rádio Graça; das 22 á 1: Rádio Peninsular.

A ESTREIA DE HOJE — ODEON E PALÁCIO — *«Cigana dos Meus Amores», com Carmen Sevilla* — Verdadeiramente sensacional a estreia de hoje no Odeon e Palácio, do filme «Cigana dos Meus Amores». E verdadeiramente sensacional porque a protagonista é, nem mais nem menos, que Carmen Sevilla, a mais castiça artista da Espanha, que conquisou o publico de Lisboa com a sua formosura, o seu garbo e a sua voz encantadora. Carmen Sevilla uma vez mais vai arrebatar os seus numerosos admiradores, neste filme que foi realizado por Florian Rey, e tem como ambiente o célebre Alhambra de Granada e, ainda, nos dois principais papéis, os engraçadíssimos José Isbert e Nicolas Perchicot.

EM POUCAS LINHAS

A sessão de homenagem á memória do pintor José Malhoa, que estava anunciada para amanhã, na Sociedade de Geografia, fica adiada, por motivos de força maior, para data a fixar.

— Amanhã, ás 17 horas, efectua-se nos escritórios da Companhia Portuguesa dos Petróleos BP, uma reunião da sua direcção com os representantes da Imprensa.

— *Com a presença do governador civil do distrito e de individualidades superiores dos C. T. T. foi hoje inaugurado o novo edificio dos C. T. T. em Melgaço.*

— Organizada pelo Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos realiza-se, de 16 a 22 deste mês, a «Semana da Tuberculose», que se destina a angariar donativos para a sua obra.

— *Durante a campanha de 1955-1956 será mantido o regime estabelecido pela Portaria n.º 14.862, que fixa os preços máximos por quilograma de batata de consumo na venda ao publico.*

— Foi determinado que a compra de sal nos produtores só possa ser feita pelos armazenistas inscritos na Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos.

— *Um decreto publicado hoje na folha oficial cria um lugar de professora de educação física no Liceu Afonso de Albuquerque, de Goa.*

— O primeiro tenente Salgueiro Rego foi nomeado capitão dos portos da provincia da Guiné.

COTAÇÃO DOS PRODUTOS ULTRAMARINOS NA BOLSA DE NOVA IORQUE

NOVA IORQUE, 3 — *Cotação do cacau:* Disponível: 33.25 (efect.). Maio: 33.35. Julho: 33.71. Setembro: 34.20. Dezembro: 34.20. Março: 34.00. Maio: 33.85. (Todos nom.). Vendas: 79 lotes.

Baia: Disponível: 36 1/2. *Accra:* 36 3/4.

Cotação do café: Contrato Santos «S» Mild: Maio: 54.25 (efec.). Julho: 46.78 (nom.). Setembro: 42.45. (Comprador). Dezembro: 41.30 (efect.). Março: 39.85 (efect.). Tendência firme. Vendas: 359 lotes.

Oleaginosos: Soja (Oleo): Maio: 11.60. Julho: 11.05. Setembro: 11.68. Outubro: 10.40. Dezembro: 10.25. Março: 10.27. Copra: 1.60 (nom.). Copra (óleo): Granel 11 1/2. Refinado: 24.

Cotação do algodão: Disponível: 34.70. Maio: 33.95. Julho: 33.97/98. Outubro: 34.03. Dezembro: 3408/09. Março: 34.09/10. Maio: 34.16. Julho: 33.58.

Sisal: Africa Oriental Inglesa N.º 1: 10.00. Qualidades: «A» 9.75. «2» 9.50. «3» 8.25. «3L». 9.25. *Haiti:* Qualidades: «A» 10.37.5. «B» 10.00. «X» 10.25. «Y» 9.75. «S» 8.25. *Mexicano:* Posto no cais de Nova Iorque: não cotado. Posto no cais de Nova Orleães: não cotado. *Cubano:* Não cotado. *Brasileiro:* Para 3/5/7 8.87.5. «9» 8.50.

DISTILAM A MELHOR E DEPOIS...

APOLO

A's 20,45 e 22,45 — (Adultos)

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ O QUE PODE FAZER HOJE ÀS 20,45 E 22,45

ASSISTIR A MAIS POPULAR DAS REVISTAS POPULARES

Hermínia Silva

DE BOTA ABAIXO!

com a vedeta da simpatia HERMÍNIA SILVA

LEÓNIA MENDES ★ ÁLVARO PEREIRA ★ RAUL SOLNADO SARA DE LYS MIGUEL ORRICO PEGGY ASTOR ★ REGINALDO DUARTE

Bailados por LINDA ROSA & GONÇALVES

Leónia

UM ÊXITO

SALVADOR

COLISEU

BREVEMENTE

SALVADOR

APRESENTA PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL

2 COMPANHIAS DE REVISTA

NUM TOTAL DE 100 FIGURAS

FORMANDO O MAIOR E O MELHOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS

NA SUPER-REVISTA-FANTASIA

DA EMPRESA DE GIUSEPPE BASTOS

IRENE ISIDRO | ANTÓNIO SILVA | BARROSO LOPES | ANITA GUERREIRO

DA EMPRESA SALVADOR E RUI MARTINS, L.da

EUGÉNIO SALVADOR | TERESA GOMES | HUMBERTO MADEIRA | FERNANDA BAPTISTA

A GRANDE ATRACÇÃO BRASILEIRA JOANA D'ARC

CARMINDA PEREIRA, LILY NEVES, CASSILDA DE ALBUQUERQUE

EMILIO CORREIA, ELISA GUISETTE, CARMEN DE ALMEIDA

A PARELHA DE BAILE RENEE e HUMBERTO

2 SESSÕES, ás 20.30 e 22.45

PARA ADULTOS

O «DIÁRIO POPULAR» VENDE-SE EM S. TOME na BARBEARIA MODERNA C. P. 374

POLITEAMA

COMUNICA AO PÚBLICO QUE O MARAVILHOSO E EXCEPCIONAL DOCUMENTÁRIO EM TECNICOLOR E EM CINEMASCOPE, INCLUIDO NO PROGRAMA DO MAJESTOSO FILME

O EGÍPCIO

E INTITULADO

TORNEIO DAS ROSAS

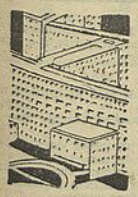
SE EXIBE

ÀS 15,10 18,15 e 21,40

(MAIORES 13 ANOS)

MEDICINA E ASSISTÊNCIA

UM NOVO PRÉMIO NOBEL



O Prémio Nobel, que foi durante meio século a única alta recompensa moral e económica, com carácter internacional, a que podia aspirar um médico, passa a sofrer agora a concorrência de outro — o Prémio América Juan Perón — igualmente volumoso e universal.

Alfredo Nobel, o inventor da dinamite, que, no perfil de um dos seus mais íntimos colaboradores, abrigou uma alma de poeta no corpo de um espantoso homem de negócios, deixou determinado por testamento, datado de 1895 — possuia então mais de quarenta milhões de coroas —, que o rendimento da sua fortuna fosse distribuido anualmente, em cinco prémios iguais, para distinguir os homens mais amantes da Ciência e da Paz. A repercussão desses prémios tornou-se muito grande, tão grande que chegaram a ser tomados, pela sua capitação entre as nações e as raças, como uma medida da capacidade de amor ou de criação de cada povo. Em 1901, E. von Behring recebeu o primeiro prémio de Medicina, o mesmo que, cinquenta anos depois, Egas Moniz haveria de conseguir para Portugal.

Pois com idêntico fim de recompensar cada dois anos (só nisto se afasta do Prémio Nobel, que é anual), uma obra ou uma vida que tenham contribuido para elevar ou melhorar as condições da existência humana, foi agora instituido na Argentina o «Prémio América Juan Perón», de valor económico também importante (superior a mil contos, ultrapassa, por exemplo, o quantitativo do Prémio Nobel de Medicina, que, em 1954, apenas somou novecentos contos outorgados colectivamente aos investigadores J. Enders, T. Weller e F. Robbins, da Universidade de Harward, pelos seus estudos sobre o virus da poliomielite), mas que ao contrário daquele não é atribuido por um Instituto Médico mas por um extenso juri formado pelos reitores das seis universidades argentinas, dois representantes da Confederação dos Professores, um delegado de cada uma das organizações sindicais interessadas na cultura — a Confederação Geral dos Trabalhadores, a Confederação Geral do Ensino e a Confederação Geral Universitária — e, ainda, seis vogais homens de letras ou de ciências.

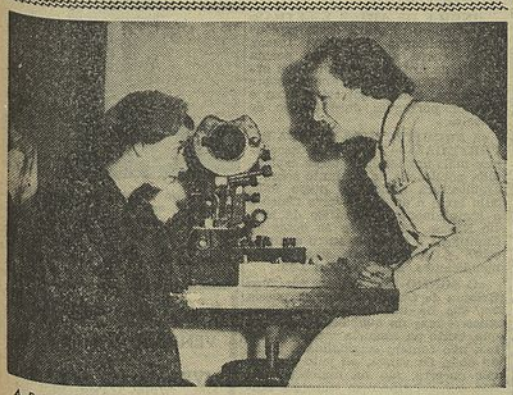
Criado para comemorar o dia 14 de Abril de 1890, data em que as vinte e uma nações livres da América fundaram a União Internacional das Repúblicas Americanas, e reafirmar os principios de solidariedade continental e internacional então proclamados, faz agora volver os olhos do Mundo para aquela convenção histórica que comprometeu os diferentes estados dos dois continentes a promoverem entre si, e com os outros povos do planeta, os mais leais e positivos esforços de boa camaradagem social, politica, juridica e cultural. Esse dia ficou, desde então, o Dia das Américas e foi, como digo, para dar à sua comemoração um destaque e um sentido impressionantes, elevando aos olhos universais os grandes benfeitores da Humanidade, que se criou esta bolsa e a sua medalha de ouro, que por declaração expressa da Confederação Geral de Profissionais será atribuido sem quaisquer restrições de sexo, de nacionalidade, de religião ou de raça. E para mim, europeu e médico, a verdade de tais principios ficou comovidamente demonstrada ao ver atribuir o primeiro «Prémio América Juan Perón» àquele europeu que é, ao mesmo tempo, a mais elevada expressão das ciências médicas do velho Mundo: René Leriche; e que o recebe pelo conjunto dos seus trabalhos científicos, obra volumosa, tão rica de especulação, de teoricismo, como de principios práticos, de técnicas de execução, e que constitui uma das mais universais contribuições que um cirurgião já deu para os progressos gerais da Medicina.

E' a sua vida uma lição de juventude e, sobretudo, uma lição para as juventudes universitárias. Professor em Lião, em Estrasburgo e em Paris, onde ocupou durante seis anos, no Colégio de França, a mais alta cátedra de Medicina do mundo e nela manteve, ou por porventura excedeu, a dignidade intelectual dos seus predecessores — Laennec, Magendie, Claude Bernard, Brown-Séquard, d'Arsonval e Charles Nicolle —, viajante sem porto de abrigo, conferencista sedutor e conversador admirável, para que ao seu perfil nada faltasse, René Leriche dispõe, ainda, de uma das mais opulentas, sugestivas e vivas linguagens da ciência francesa! A lição inaugural pronunciada no Colégio de França, ao iniciar em 1938 um curso sobre a fisiopatologia do tecido ósseo, ficará para sempre como um dos textos mais belos das antologias médicas. De resto, já em 1944 os seus talentos de escritor médico foram realçados por Joachim Beer, que reuniu num volume algumas das suas páginas mais tocados de inteligência ou de eternidade!

Espírito ardente, mas acessível, exercendo sobre os seus colaboradores e os seus alunos uma atracção intelectual irresistível, homem de disciplina e de acção, René Leriche trouxe a Fisiologia para as operações e na continuação dos homens que mais fundo influenciaram a seu espírito — um Carrel, um Pollicard, um Holsted — fez de cada operação uma experiência, mas uma experiência conduzida pela razão e pelo respeito dos homens.

Não me é possível analisar, aqui, a grandeza dos seus trabalhos, nem sequer naquilo que deles ficou já como nosso património comum; mas pode dizer-se, numa síntese, que nenhum pensador agitou tão fundo, como o e, os principios teóricos da cirurgia. Amado e discutido, discutido por vezes com violência (o contrário é que seria estranho num homem tão cheio de personalidade e de paixões!), só o tempo e o estudo tranquilo de cada uma das ideias que estão no fundo de cada pensamento seu poderão dar a justa medida do grau em que serviu a Medicina e a Humanidade. Mas, adiantando-se ao juizo dos contemporaneos, o professor Bernardo Guilhé, presidente da Comissão Executiva Permanente dos Prémios América Juan Perón, disse em Buenos Aires que, ao atribuir-lhe tal prémio, símbolo de amor e de compreensão, o juri pretendera consagrar uma existência abnegadamente sacrificada na luta contra a dor; para que, vencendo-a, a vida humana possa ser mais ampla e mais fecunda.

ALMERINDO LESSA



A Rainha Isabel II, de Inglaterra, examinando um novo tipo de oftalmoscópio na Exposição de Artes Científicas de Londres

AMÉRICAS

FOI ATRIBUIDO AO PROFESSOR RENÉ LERICHE O «PRÉMIO AMÉRICA JUAN PERON»

O Prémio América Juan Peron, a que nos referimos na abertura desta página foi, no passado dia 14 de Abril, atribuido ao professor René Leriche, de Paris, numa grande e solene assembleia, presidida pelo general Juan Peron, na aula magna da Faculdade de Direito e Ciências Sociais de Bueno Aires, tendo-o recebido o professor Henri Bernard, secretário da Academia Nacional de Medicina, de França, que por incumbência do professor René Leriche, retido em Paris por doença, foi expressamente à Argentina co-

Peron

lher uma recompensa que, ao mesmo tempo, honrava um seu colega, e a Inteligência Francesa! O governo universitário cercou aquele acto do maior explendor e todas as actividades docentes superiores da capital argentina foram suspensas durante essa tarde por forma que todos os professores e estudantes pudessem concorrer a ela.

Nessa ocasião o professor Henri Bernard, frente a um grande monumento com a Republica Argentina a coroar de louros os benfeitores da Humanidade, leu a mensagem de agradecimento do professor René Leriche, notável peça de que extraímos os seguintes passos:

«Queria ter-vos expressado de viva voz o meu agradecimento pela grande honra que se me dispensa

Nas ciências de observação, a intuição não é provàvelmente, nunca, o resultado instantaneo de um olhar soberano lançado, por acaso, sobre o desconhecido. O homem marcado pelo destino para as descobertas biológicas é, por hábito, um observador nato, que inscreve no seu próprio lugar — sem esforço e como que brincando — cada coisa que vai olhando durante a vida. Não se lembra, mas nele tudo vai ficando marcado como sobre cera. As traves do futuro podem estar olvidadas, mas estão lá. Quando procura compreender, quando viu, será com os tesoiros esquecidos da sua constante contemplação que construirá, de um jacto, o edifício cuja planta secreta já trazia em si. Nas ciências da vida, o génio exige uma experiência prévia. Nunca é precoce. Nunca espanta. Nada pode criar consigo sómente. E' a revelação, na idade madura, das colheitas da juventude.

RENÉ LERICHE

por uma vida, como a vossa, consagrada aos que sofrem. A dor é internacional; desconhece fronteiras. As injustiças da vida ferem sem olhar a quem. A vós atinglu-vos de perto. Mas não quero insistir sobre isso. A dor incomoda, como incomoda tudo quanto nos diminui. E' preciso que alguns de nós consagremos as nossas vidas a lutar contra ela. E este é, estou certo disso, o sentido desta cerimónia: afirmar perante o mundo que na era atómica ainda há lugar para os que sonham ver desaparecer a dor e buscam novas armas para a combater. Desejo agradecer-vos, Excelência, o terdes proclamado assim, bem alto, a legitimidade desta preocupação e a parte que nela cabe à Medicina no esforço de tornar menos miserável a condição humana».

Enquanto que a vida se move na ordem dos tecidos e das células que não têm nem finalidade nem inteligência do geral, a consciência que nós possuimos está situada na ordem do individuo. E' desta fisiologia tissular, descentrada, despida de velhos hábitos antropocentricos que sairá a medicina de amanhã. Será menos material que a de hoje, mais subtil, mais viva e dirigida para um humorismo novo, um humorismo rejuvenescido.

Regressando à alta tradição hipocratica os médicos metem-se á procura d homem. Os conceitos etiológicos modificam-se. O estudo dos desequilibrios de inervação, dos desequilibrios hormonais, esclarece problemas obscuros. Os cirurgiões procuram actuar modificando directamente os órgãos excretores, intervindo sobre as nutrições locais por intermédio dos nervos, ensaiando produzir por meio de intervenções limitadas, efeitos fisiológicos inversos daqueles que a doença realiza. Esforçam-se por adaptar a fisiologia do homem doente ao seu novo estado; por instaurar nele um novo equilibrio. E os resultados mostram que a ideia que os inspirou estava certa.

A cirurgia coloca-se assim no próprio sentido de perfeição e de autenticidade que Claude Bernard nos legou. A transformação intima das concepções e das tendências cirurgicas que animam o pensamento de René Leriche, permite entrever uma era nova, uma era onde as questões de método dominarão as questões de técnica, onde o espirito dominará o bisturi.

JOACHIM BEER

E mais adiante:

«Este juri elegeu-me entre muitos

Prof. René Leriche

homens ilustres, de diversas disciplinas e cujas obras, certamente fecundas e belas, merecem o reconhecimento da Humanidade. Confundem-me ter sido eu o escolhido. Aquilo que atraiu a vossa atenção foi, sem duvida, o sentido samaritano do meu trabalho, que mais que mera tarefa cientifica tem sido uma contínua observação dos homens por amor dos homens.

«Que deve ter constituido a melhor das recomendações num país tão atento ao sofrimento humano e onde tanto se tem feito para o diminuir. E é também um grande estímulo, pois estamos ainda bem afastados do fim.

«Faço votos para que nesta florescente Buenos Aires, que cresce dia a dia, um desses homens de excepção que nela abundam, tome o facho e nos ilumine o caminho. O prémio que me foi concedido é-me particularmente querido por vir de vós, de um país cuja vitalidade tanto admiro. Conheço Buenos Aires há 26 anos. Aí trabalhei, aí ensinei, aí me instrui. Conheço o valor dos homens que orientam as inteligências. Sinto-me ligado ao vosso país por muitos vínculos e sobretudo porque a Argentina é a sede de uma grande escola cirurgica, uma escola cujas técnicas originais não têm paralelo e que todos admiramos no mais alto grau».

Johannes Gesner, natural de Zurique, onde nasceu em 1709, estudou Medicina, em Leiden, com Boerhaave, e depois em Amesterdão, em Paris e em Basileia. Embora trabalhasse como médico na sua cidade natal, acabou como professor de Matemática e de Física. Amigo de A. de Haller e de Bernoulli, ajudou este ultimo na criação dos principios matemáticos da demografia

UMA CURVA NO CAMINHO DOS 100 ANOS

No Congresso da Associação Médica Americana, reunido em Miami, chegou-se á conclusão de que as pessoas que passam a casa dos 70 têm muitas probabilidades de chegar aos 100 anos. Os relatores deste problema, os drs. Goldbloom, Deutschberger, Chapman e Eiber, do Colégio de Médicos de Nova Iorque, chegaram a esta conclusão depois de terem examinado 1.000 pessoas entre os 80 e 100 anos.

E" entre os 70 e 75 anos que mais se acentuam os processos físicos e químicos que provocam o envelhecimento. A partir dessa data não só desaparecem como podem mesmo inverter-se, pelo que se assiste então a uma espécie de rejuvenescimento. Passado este limiar crítico, a saude melhora. Afirmam os referidos médicos que não se conhecem as causas deste fenómeno, admitindo-se apenas que estas modificações biológicas dos setenta anos formem uma espécie de barreira invisivel, uma curva, no caminho que leva aos 100 anos.

CRIAÇÃO DE MOSCAS

O dr. Hazard, director do departamento Biológico do Colégio Wilmington, nos E. U. A., organizou uma industria unica no Mundo e já florescente: a criação de insectos. Foi outra industria, esta química, de produção de insecticidas, que levou este entomologista a criar para si uma ocupação rara — fornecedor de animais para experiências com certos tóxicos.

O dr. Hazard cria meticulosamente dezassete espécies diferentes e nas suas inculadoras podem ver-se milhares de moscas, de mosquitos, de pulgas e de escaravelhos.

Como todas as criações nacionais esta, dos insectos, levantou problemas delicados que só puderam ser solucionados pela domesticação de novas espécies selvagens, o estabelecimento de novos meios de alimentação ou de ambientes especiais de calor e humidade.

A maior produção diz respeito ás moscas comuns, cuja resistência dos insecticidas é muito variável. Foi preciso criar um tipo-padrão, que só foi possível ao fim de várias gerações.

As moscas são fornecidas tanto no estado adulto, como de ninfa, em pacotes de 500 a 1.000 unidades, mas os despachos têm que ser feitos por avião porque as ninfas atingem o estado adulto em dois ou três dias e os individuos adultos morrem durante as viagens, se estas forem demoradas.

RONDA PELOS «ATELIERS»

MANUEL CARGALEIRO ESTÁ A EXECUTAR DOIS PAINÉIS PARA A FRONTARIA DA IGREJA DE MOSCAVIDE E PARA A CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

A paixão de Manuel Cargaleiro pela ceramica começou cedo. Desde criança, na quinta de seus pais, no Monte de Caparica, que o barro lhe servia para os mais variados e irregulares ensaios. Um colega de Liceu, conhecedor das suas tendências, levou-o a uma exposição de ceramica. Gostou e continuou a frequentar os certames que lhe pudessem dar qualquer indicação para rumo dos seus anseios artísticos.

Concluido o curso do liceu, matriculou-se na Faculdade de Ciências, onde chegou a tirar algumas cadeiras. Entretanto, era admitido na Escola de Belas Artes. O ambiente não o seduzia. Preferia a liberdade de execução ao rigor e sistematização dos métodos didácticos. E esteve pouco tempo na Escola. Temos, portanto um autodidacta.

Entregue a porfiada leitura e ao estudo directo das peças de ceramica, surgiu com as primeiras modelações. Mostrou-as ao critico de arte e actual director do Museu Machado de Castro, Luís Reis Santos. Alguns conselhos amigos e sabedores levaram-no a certas correcções. Todo o seu desejo se encaminhava para novos horizontes.

Manuel Cargaleiro frequentou depois por indicação de Luís Reis Santos, o «atelier» de Jorge Barradas. Foi nessa altura que se abriu no seu espírito um novo mundo artístico. E o rapaz lançou-se decididamente no caminho da ceramica. Além de modelador, fazia os seus ensaios de pintura no barro.

O primeiro «trabalho a sério», como ele o classifica, foi uma figura de camponês, de linhas vigorosas. O desejo de perfeição levava-o a devorar toda a literatura sobre técnica de ceramica, parte emprestada por Luís Reis Santos e a restante adquirida com o produto das suas escassas economias.

O Secretariado Nacional da Informação promovia a 1.ª Exposição de Ceramica Moderna. Cargaleiro, que havia feito uma cuidadosa preparação, levou ali doze peças: figuras, jarras e pratos. O artista utilizara uma olaria da Costa de Caparica. O fogo tinha, contudo, para ele, alguns segredos, que procuraria vencer, como, aliás, venceu.

O acolhimento aos seus trabalhos encorajou-o, foi o melhor estímulo ao seu esforço. A fábrica da Costa de Caparica era pequena para os seus sonhos. Passou, então, para uma de Lisboa (Santana) e dali saíram obras mais vultuosas.

Participou em todas as exposições de ceramica moderna, organizadas pelo S. N. I., na ultima das quais obteve o 1.º prémio. Em 1952 fez a primeira exposição individual, no Palácio Foz, e dois anos depois apresentou, na Galeria de Março, uma colecção de trabalhos que confirmaram as suas extraordinárias faculdades criadoras.

A ceramica aparecia sob nova técnica. Cargaleiro era olhado não como uma esperança, mas como uma autêntica realidade. O Museu de Arte Contemporânea, onde, aliás, já estava representado, adquiriu-lhe um expressivo painel.

Novo mundo se abria para o futuro de Manuel Cargaleiro: o do magistério. Vago, há algum tempo, o lugar de professor da cadeira de ceramica na Escola de Artes Decorativas António Arrolo, o antigo inspector do Ensino Técnico, sr. Luís Fernandes, e o actual director daquele estabelecimento, o pintor Lino António, convidaram Manuel Cargaleiro a aceitar o referido lugar.

No desempenho daquelas funções o jovem professor tem realizado um trabalho digno de alto apreço. Embora conserve em Almada o seu «atelier» particular, é na Escola que a sua actividade de pintor-ceramista se desenvolve paralelamente com a de professor.

Fomos encontrá-lo ali entregue a um trabalho intenso. Tem 40 alunos, além de cerca de 20 assistentes, na maioria alunos da Escola Superior de Belas-Artes. Quer dizer: vão ali receber ensinamentos duas dúzenas de rapazes pertencentes a este ultimo estabelecimento.

— Quando cheguei á Escola — disse-nos — verifiquei que, em relação á ceramica, os processos estavam em desacordo com a nova

(Continua na 14.ª página)

PEDAGOGIA DA BONDADE

Pelo Inspector JOAQUIM TOMÁS

Conta-se que um *cidadão* ateniense, voltando de uma viagem (que fizera a pé, se queixava lastimosamente a Sócrates da fadiga que sofrera e de todas as incomodidades sentidas.

— E ieis só, ou acompanhava-vos alguém? — perguntou o filósofo.

— Acompanhava-me um escravo com a mala — respondeu ele.

— E não se queixava?

— Não.

— E não tendes vergonha de confessar que o vosso escravo é mais paciente e sofredor do que vós?

Isto é apenas um intróito. Queremos falar da pedagogia do exemplo, e dizer aos homens do nosso tempo o que o nosso inclito Vieira dizia já aos do seu — que o exemplo deve partir de cima, porque, quando parte de baixo, produz-se uma inversão de comando — e pegamos das primeiras palavras de que nos lembramos, para principiar.

— Prel Exemplo é o melhor pregador — costumava o Cardeal Cisneros observar, quando ouvia discorrer sobre oratória e os efeitos da oratória. E ele próprio era um exemplo do que afirmava, pois deveu toda a ascensão política, social e hierárquica que desfrutou á intransigência e irredutibilidade do seu carácter.

Vale a pena relembrar o facto. Chamado ao Paço, para confessor da rainha, a primeira vez que teve de a confessar, ela pretendeu que ele se conservasse de pé na sua presença. «Não, não — respondeu-lhe ele — Vossa Alteza é que ajoelha a meus pés» — Aos olhos de Deus todas as situações se nivelam e os que mandam devem ser também os que servem. Quanto mais alto, mais humilde, aliás, vai tudo errado. Frei Bartolomeu dos Mártires, no Concílio de Trento, insistia em que a reforma começasse pelos reverendíssimos cardeais, e os reis devem dar o exemplo aos súbditos quando se trata da obediência a leis que todos têm de cumprir.

A rainha teve uma boa inspiração e subordinou-se. E o padre inflexível foi chamado aos mais elevados encargos do Estado.

Estas coisas já hoje não convencem, nem comovem, nem edificam ninguém. Pelo contrário, admiram-se os amorfos, os furta-cores, os saltapocinhas, os que transigem com todas as impurezas e navegam em todas as águas. Note-se, porém, que nós não temos nada de ferrabrás, de mata-mouros, crês ou morres, de escalda-favais, nada de austeridade intransigente, de trágica moral, nem queremos que toda a gente seja tão amiga da verdade que nem por caridade minta. O Senhor Doutor Julio Dantas escreveu o *«Elogio do Sorriso»* e escreveu muito bem. Há sorrisos

(Continua na 13.ª pág.)

TITO SALAS

Encontra-se em Portugal Tito Salas que é o maior dos pintores venezuelanos.

Decorou a casa do Libertador em Caracas e foi convidado pela Organização das Nações Unidas para pintar uns frescos para o seu edifício de Nova Iorque.

LETRAS

Luís Teixeira

«CONSCIÊNCIA DE CUMPRIR APENAS UM DEVER»

Por Luís Teixeira

Com este título, publicou agora o jornalista Luís Teixeira a brilhante conferência que há meses proferiu no acto inicial das comemorações do tentenário de Mouzinho de Albuquerque. E ainda bem que o fez, para que o seu notável trabalho não tivesse a vida efémera daquela sessão solene realizada no Palácio da Independência e para que sirva, como o autor deseja, ao dedicá-lo á Mocidade Portuguesa, de «incitamento para a Mocidade continuar fiel á mensagem do passado e atenta ás exigências do futuro».

Luís Teiveira, nas breves páginas deste seu novo livro, faz reviver magistralmente a figura admirável de Mouzinho, assim como as jornadas gloriosas da Ocupação africana. De tal forma sugestiona a leitura dessas páginas que o leitor comunga, no final, com o autor, no desejo de que, finalmente, os restos do herói de Chalimite sejam trasladados para o Mosteiro da Batalha.

ANTOLOGIA de Revelações

Muitos leitores mostram vontade de conversar connosco — o que nos lisonjeia, á primeira impressão. A segunda lembramo-nos de quão decadente anda essa velha arte de conversar, de quão pouco anda escovada e polida e sorridente. Como boa mézinha para esse mal, não aconselhamos os punhos de renda, mas insinuamos a toga socrática, como mais conveniente ao gesto e ao passo peripatético... Hoje, quase todos nós, em vez de tentarmos compreender, tentamos defender, de dente rilhado, uma atitude ou uma ideia que nos deu na tineta, sem, por um instante, interrogarmos ou duvidarmos da nossa imaginação ou ponto de vista. A verdade é vária e cada qual tem a sua... Pois que tenha. Também nós temos a nossa. E acerca dela conversamos, divagamos e dedilhamos variações do fado, em tom maior ou menor. Mas como o anacoreta que no deserto atira palavras vãs ao vento incerto. Descer ao povoado e parar na rua a conversar com o caminhante curioso, pode redundar em pregação messianica ou em polémica que os centurióes não tolerem. Conversar, amigos? E o tempo para esse dulce far niente? Andamos todos a correr. Ora cada conversa literária, bem conversada, dá para uma tarde inteira de Verão com hora mudada.

Nós, aqui, somos uma entidade abstracta, uma espécie de Buda de cócoras, a quem se fala de longe por gestos e sinais. Lá os sinais e os gestos, podem fazer-nos os que quiserem. Mas conversar, de viva voz e pessoa presente, isso é que nos complica a contra-dança. Tudo aqui, nesta famigerada secção, se passa no reino da mais abstracta e alta fantasia, numa floresta onde há leões,

... muito longe, nos mares do Oriente onde a noite é balsamica e fulgente e a lua cheia sobre as águas brilha...

Como brilha Maria Alice, que, desde o verso livre ao soneto bate variadas teclas. O som nem sempre é puro? Ou é do nosso ouvido vicioso? O bom e o mau misturam-se num grande á-vontade que denota certa falta de autocrítica? Ou é a nossa crítica que se mostra preconceituosa e sem maleabilidade? A verdade é que preferimos a poetisa no verso livre:

MAE

Tenho frio. Aquece as minhas mãos [geladas.
Faz-me caricias, conta-me uma his- [tória
De fadas e princesas encantadas,
De guerras, de derrota e de glória.
Embala no regaço a tua pequenina,
E conta uma história infinda
Como se eu fora menina,
Conta ainda.
E quando vires que eu tenho ador- [mecido,
Embala de mansinho embala doce- [mente,
E conta ainda o conto interrompido,
Mas deixa-me dormir
Dormir eternamente.

O. M. Oliveira é poeta de bom timbre, em sua angustia.

(Continua na 13.ª pág.)

ETAPAS DA POESIA BRASILEIRA

por Miguel do Rio Branco

Neste livro se reunem quatro meritórios trabalhos sobre poesia brasileira que o autor elaborou para conferências nas Universidades de Córdova e Santa Fé e noutros centros culturais da Argentina, como encarregado do Sector Cultural da Embaixada do Brasil naquele país. São agora editados em português, acompanhados de bibliografia e elementos cronológicos.

Quem se interesse pela poesia brasileira — e todas as pessoas cultas portuguesas deviam fazê-lo, tanto por ser *brasileira* como pela categoria e exuberancia de tal manifestação nas Terras de Santa Cruz — encontra no presente volume os tópicos essenciais, uma inteligente exegesse e juízos de valor acerca dessa poesia.

São particularmente estudadas as grandes e significativas figuras de Castro Alves, Cruz e Sousa, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Raimundo Correia, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Drummond d'Andrade e Augusto Schmidt.

Salientamos o capítulo sobre a poesia moderna, em que o espírito crítico e a sensibilidade do autor versam o panorama das correntes estéticas dos nossos dias.

registo bibliográfico

«O PATRIOTA», por Pearl Buck — Mais um livro da notável romancista norte-americana, autora da «Terra Bendita» e do «Vento leste-oeste», aparece traduzido na língua portuguesa. Dentro da temática tão bem tratada pela escritora, do despertar da milenária civilização chinesa e do seu choque com as ideias e os homens do Ocidente, este romance dá-nos aspectos da revolução de Chang Kai Chek, da penetração das ideias de Karl Marx e da guerra sino-japonesa, no início do segundo quartel deste século. As figuras principais apresentam-se bem definidas e têm contudo representativo das diversas tendências em jogo. Edição de «Livros do Brasil» — Lisboa.

«TOM JONES», por Henry Fielding — O autor foi considerado por Walter Scott, «o pai do romance inglês», e fixa-se grande parte do ambiente social da sua época no qual Fielding dá á volta da curiosa figura do protagonista, muito da vida britanica de há dois séculos, num enquadramento literário de grande interesse e em que se acentuam as qualidades ficcionistas do notável escritor. O livro vale como documento de uma época. A tradução e adaptação é de Mário Domingues e tem um prefácio de Gentil Marques. Edição Romano Torres.

«A MARAVILHOSA VIAGEM DOS EXPLORADORES PORTUGUESES», por Castro Soromenho — E' uma segunda edição, ilustrada e corrigida, em dez fascículos, da obra em que Castro Soromenho com o seu estilo nervoso e impressionante nos relata as aventuras de anónimos exploradores que penetraram a entranha de Africa, atraídos pelo seu mistério e riqueza.

Edição cuidada, com reproduções de fotografias e desenhos «hors-texte». Estes dois primeiros fascículos contêm desenhos de Barata Dias. Editorial Sul, Lda.

«INDICE DE ARTES Y LETRAS» — O numero de Abril desta esplendida publicação madrilena insere, entre outros assuntos, um poema inédito de António Machado, um artigo de Vicente Aleixandre, sobre Unamuno, e uma entrevista com o escritor portugués José Osório de Oliveira.

«A ARQUITECTURA GÓTICA EM PORTUGAL» — Tomo V — Recebemos mais um fascículo desta esplêndida publicação de conjunto sobre a arquitectura gótica no nosso País, cujo texto é do dr. Tavares Chicó e o levantamento fotográfico de Mário Novais. Inserem-se as notas ao Capítulo I e inicia-se outro capítulo sobre a arquitectura das ordens mendicantes. Editorial Sul Lda.

«O SONHO E A VIDA», por Olga Heliana de Castro — Livro de poesia em que há um cantar porventura sincero, mas do qual sentimos dizer que, tanto na essência como na forma, não contém originalidade digna de nota. Os versos, ao jeito popular que encerra, são na maioria frouxos, sem colorido nem vibração. Edição da autora. Lisboa, 1955.

(Continua na 13.ª página)

FERNANDO NAMORA NO ESTRANGEIRO

Ao êxito nacional da obra de Fernando Namora de que acabam de sair a 2.ª edição de «O Trigo e o Joio» e a 5.ª edição dos «Retalhos da Vida de um Médico», continua a acrescer o interesse que os seus livros estão despertando além-fronteiras. Assim, o romance «Minas de San Francisco» saiu em Espanha, publicado pela Editorial Noguer, em tradução excelente de Ildefonso Manuel Gil.

Vários estudos apareceram recentemente sobre a obra deste escritor, entre os quais um na revista literária italiana «La Serpe», acompanhado da tradução de um capítulo de «O Trigo e o Joio», e outros na «Revista Latina», de Roma, e na revista «El Norte», do México.

Imagem da Virgem, de prata dourada, existente na Sé do Funchal (Século XVI). Gravura extraída do óptimo catálogo da exposição de arte sacra realizada no Funchal. A edição é da Junta Autónoma de Turismo daquele distrito

O «DIÁRIO POPULAR» VENDE-SE EM MACAU
na
LIVRARIA PO MAN LAU
RITZ MANSION
LARGO DO SENADO

ARTES

Critérios

A PINTURA DE JOSÉ MALHOA

Por MÁRIO DE OLIVEIRA

Quando o impressionismo francês apareceu a romper os cânones demasiado académicos e que então estava a tomar o caminho da pintura, esboçou-se um movimento contrário, afirmando-se que esse movimento era arte decadente e falsa. Contudo o valor imenso desse movimento teve, felizmente, repercussão em quase todos os países e no nosso não passou indeferente, dando-se um grande impulso á pintura da paisagem, e ao sentido da cor, cujos principais intérpretes, entre nós, foram Malhoa e Silva Porto.

Malhoa começa a destacar-se como grande pintor, um colorista de magníficos recursos, o nosso primeiro intérprete de cenas campestres, um homem para quem o povo foi o motivo principal da sua inspiração. Mas Malhoa não foi só um pintor popular, foi realmente um artista completo, um apaixonado pela sua arte, porque ele compreendeu e sentiu que só com amor se pode vencer todos os caminhos que conduzem ao pedestal da glória. Quando um dia o artista pintava naquele ambiente paisagístico que lhe foi tão querido de Figueiró dos Vinhos, apareceu-lhe um pintor jovem, que lhe pediu licença para o ver pintar, ao que o mestre acedeu da melhor vontade, perguntando-lhe: «Mas, o senhor é pintor de verdade? Olhe que a pintura é uma coisa muito séria!»

Foi essa seriedade que Malhoa imprimiu á sua pintura, sabendo captar superiormente todas as atmosferas, mormente aquelas por que tinha mais simpatia e que a sua retina melhor fixou.

Para nós, Malhoa foi essencialmente um pintor popular, um pintor que, além de tudo, teve a vantagem de o povo compreender e sentir a sua arte, e assim ainda hoje é Malhoa o pintor mais conhecido, não só pela divulgação do seu quadro «Fados», como ainda pelo conhecimento dos seus quadros, que são aqueles que calam maih fundo nas almas populares. Mas, não só nesse sentido popular Malhoa foi grande: a sua pintura tinha além de tudo uma maestria técnica e um sentimento emocional enorme, mormente quando tratava aquelas maravilhosas paisagens de sol, em que a luz era o seu principal objectivo, dando-lhe uma grande e subtil transparência, através dos verdes das árvores e dos casarios brancos.

Para Malhoa a paisagem era apenas um motivo da sua inspiração, ele transformava superiormente todo o inestético da Natureza, para só captar os objectos que melhor serviam á composição do quadro, e assim as suas paisagens, os seus apontamentos, aquelas manchas de tons delicados, tons em que a força e a firmeza da pincelada ficavam bem patentes, pelo fulgor e entusiasmo da sua alma transbordante de sensibilidade. Mas Malhoa não foi só um grande pintor, foi igualmente um desenhista de superiores qualidades e os seus estudos prévios feitos a carvão, quando estudava qualquer quadro de grande composição, são documentos plásticos de grande interesse e alguns deles, pela espontaneidade, pela sinceridade, são mais vivos e comunicativos do que na obra definitiva. Na altura em que se festeja o 1.º centenário do seu nascimento, e que muito justamente se preparam grandes homenagens á sua memória, Malhoa continua vivo, sempre mais perto de nós, porque cada dia a sua pintura é mais actual e mais verdadeira, porque é pintura que foi feita como o coração, olvidando os artifícios falsos da técnica enganadora em que o poder emocional desaparece como desapareceu no objectivo das «Uvas de Seixis». Os quadros de Malhoa, cheios de sinceridade, dão-nos claramente a conhecer a vida e os costumes do nosso País, no seu tempo. Esta a sua utilidade. Diante do natural, Malhoa cresce, a sua captação do real é ampla, sintética, a sua execução rápida, firme, ajustada ao que se vê e ao que se sente — uma maravilha de sobriedade e carácter. Para ele, a luz é a cor e a cor é luz! — Nenhum género de pintura tem para ele dificuldade, nenhum aspecto da realidade vivente lhe é alheio. A sua singular sensibilidade e o seu absoluto domínio da técnica robusteceram esta sua fecundidade, que tem sido reputada como das mais prodigiosas da história da nossa pintura.

Ao pintar o imprevisto, deforma-o dá-lhe expressão e como a arte é sòmente expressão, todas as obras de Malhoa trazem aquele inconfundível selo da verdade em que aparece desentranhada a essência dos seres e das coisas. E, assim, ele, nos seus quadros, quaisquer que fossem os assuntos tratados, desde as paisagens impressionistas «Outono» aos retratos maravilhosos «Laura Sauvinet» ou ás obras de grande composição, «Festejando o S. Martinho» ou «Romaria», apresentou-nos sempre o segredo profundamente psicológico de uma realidade vivente. Malhoa nunca gostou de embelezar as suas figuras, sacrificando o gesto típico da sua condição psicológica; odeia o culto a «Bibleot», ao que certa geração presente parece querer sacrificar os seus ideais artísticos, e nas próprias vísceras da realidade objectiva actua o seu génio, dono de espaços e da claridade.

Dentro da sua arte existe um poderoso elemento, a cor, mas não constitui a finalidade da sua pintura. As suas telas rutilam com aquela portentosa gama que a luz nos oferece perante a Natureza, animando lugares e seres, deleitando a visão humana, sem que em tal cromatismo se perca a grandeza das coisas, nem se esfume a forte e funda expressão das suas figuras. Não há assunto que, merecendo o amor dos seus pinceis, o não interesse, nem tonalidade que não encontre na sua retina a adequada vibração de todos os seus impulsos artísticos que Malhoa não transporte para a realidade das coisas e dos seres humanizados! — Malhoa transformava a realidade e para nos dar realidade e não copiava falsamente a realidade objectiva porque nunca quis mostrar uma natureza falsa! O seu lema era este: — A Arte pela Vida e a Vida pela Beleza.

E, assim, no dia 28 de Abril de 1955, 1.º centenário do seu nascimento, o pintor José Vital Branco Malhoa, mais conhecido por Malhoa, está ainda perante nós, porque nós estamos presentes perante a beleza e a vida das suas obras. E' este o fenómeno divino da grande Arte.

Um dos grandes e formosos painéis destinados á «via sacra» do santuário de Fátima, da autoria do pintor Lino António, que figuram na exposição de maquetas, desenhos e alguns painéis de cerâmica policromados para aquele templo, hoje inaugurada no Palácio Foz. Na sua execução, Lino António teve a colaboração de Manuel Cargaleiro e Querubim Lapa e dos alunos da Escola António Arroio

CRÍTICA

«GARRETT» (Quatro Conferências de João Gaspar Simões) — Homenagem do Ateneu Comercial do Porto — Porto, 1954

«GARRETT» (uma Biografia, um Estudo Crítico, uma Antologia) — por João Gaspar Simões — Colecção «Poetas de Ontem e de Hoje» — Ed. Tavares Martins — Porto, 1954

Ninguém desconhece o importante papel, desempenhado por João Gaspar Simões, na vida literária portuguesa dos ultimos vinte e cinco anos. O seu permanente esforço de compreensão e a larga margem de acertos nos juízos que tem emitido, acerca de obras e de autores «modernos», asseguraram-lhe, desde há muito, um lugar inconfundível. Mas foram, sobretudo, certas qualidades morais, evidenciadas na sua actividade hebdomadária — imparcialidade, franqueza, desassombro —, que o impuseram como um pioneiro da crítica portuguesa contemporanea. No culto e no exercício de tais virtudes, muito devemos todos nós ao alto exemplo de Gaspar Simões; a tonificante e libérrima discussão de ideias e de problemas literários, em grande parte ele a instaurou. E é precisamente dentro desse espírito, a que a sua própria actividade sempre nos tem convidado, que nos propomos encarar estes seus recentes estudos.

A boa vontade, de que João Gaspar Simões tem dado mostras, ao empreender trabalhos acerca de autores do passado, não tem sido infelizmente acompanhada de indispensáveis requisitos. Sem um método seguro de investigação, sem verdadeira perspectiva histórica nem preparação estilística, o autor dos *Temas* tem-se refugiado em pseudo-interpretações psico-literárias, biográfico-impressionistas, muito pouco alicerçadas. Por outro lado, o gosto de tais «interpretações», com a consequente improvisação de teorias e teses afins, afasta-o, amiude, dos aspectos fundamentais da obra; e até as suas recensões de crítica imediata passaram a reflectir essa estrutural viciação. As obras deixam de ser *textos*, em cuja intimidade humildemente o crítico deve viver, — para se transformarem em *pretextos* da aplicação de prévias teses ou supervenientes teorias, umas e outras nunca devidamente verificadas e que, portanto, não passam de *preconceitos*. Eis o que é por de mais visível nestes dois trabalhos acerca de Garrett.

Abandonemos por agora a discussão da tese biográfica de Gaspar Simões, segundo a qual Garrett só foi *chamado* á poesia por quatro *traumatismos* que recebeu: uma sova de marmeleiro, uma queda de um cavalo abaixo, um Natal no exílio e uma paixão seródia. Limitemo-nos a algumas teses de carácter literário. Que pensar, por exemplo, desta afirmação: *«Poeta que ás musas não vem pela poesia amorosa é que o não é de raiz ou, pelo menos, é que o não é de castiça semente portuguesa?* Ao fazê-la, lembrou-se, acaso, de Pascoaes, de Pessoa, de Régio? De Gil Vicente ou de Sá Carneiro? — Mas o pior é que tal afirmação é apenas o corolário de um preconceito mais amplo, exaustivamente desenvolvido nestes dois trabalhos acerca de Garrett e, também, na *História da Poesia Portuguesa*, ainda em publicação.

Hoje, para Gaspar Simões, a unica, a autêntica, a verdadeira tradição da poesia portuguesa reduz-se a um lirismozinho confidencial, amorudo, muito redondilhesco. Tudo o resto foi inquinação de tal pureza primitiva. E quem o autor de semelhante atentado? O patife do Sá de Miranda, que, por introduzir os metros, as formas e os géneros do *dolce stil nuovo*, praticou nefando crime. Certo é que, se não fosse ele, não teríamos os sonetos de Camões, de Bocage e de Antero, nem muitas das Liras de Gonzaga; não teríamos *Os Lusíadas*, nem os tercetos de Junqueiro e de Pascoaes, nem vários trechos da *Mensagem* de Pessoa. Mas que falta nos faria tudo isso? — *«A redondilha foi, e é, de facto, o metro por excelência do lirismo por-*

(Continua na 15.ª pág.)

DAVID MOURÃO-FERREIRA

«A MORTE DE D. JOÃO VI» — por J. Beleza de Miranda — Lisboa, 1955

Há problemas históricos insoluveis, que de vez em quando ressurgem á tona da discussão para recairem depois em aparente letargo. Se em volta deles se criaram opiniões apaixonadas, então é natural que retomem periòdicamente a sua acuidade como as febres palustres. Tudo quanto giram derredor desse vasto drama que foi a implantação do regime representativo em Portugal, com seu forte embate de ideias e sentimentos, por certo reflectirá uma ou outra das correntes em luta, ainda que ás vezes (como no caso da morte de D. João VI) a solução não aproveitasse a nenhum dos partidos que defendiam o trono.

Oficialmente, o rei faleceu no dia 10 de Maio de 1826. Desde logo, porém, se esboçou a suspeita de que ele era já cadáver depois do dia 6, último da sua vida pública, pois foi nesse que promulgou o decreto que instituiu o Conselho da Regência para governar durante a doença e na hipótese de morte, até haver ordens do legítimo herdeiro e sucessor. Sobre quem seria esse herdeiro era omisso o diploma régio, e daí se originaram grandes males futuros.

O autor do presente volume é dos que repudiam a versão oficial quanto ao passamento do soberano. «A sua morte já havia ocorrido uns dias antes. E não fora natural...». (E' que os defensores daquela tese não se limitam a contestar a data atribuída ao falecimento do rei pelos que então o rodeavam; vão mais longe e falam em regicídio).

Para demonstração das conclusões apresentadas, descreve os factos que se passaram desde o regresso de D. João VI a Portugal, a Vilafrancada, a nomeação de D. Miguel para comandante-em-chefe do Exército, a reacção liberal, o subsequente exílio do Infante e as maquinações ocultas ou declaradas das sociedades secretas que dispunham nessa altura de grande influência entre nós e no estrangeiro. Nada disto, todavia, se pode considerar definitivo nem se há-de tomar por convincente. O monarca parece que sofria do fígado (embora o sr. Beleza de Miranda lhe chame «rei saudável») e tivera no dia 2 uma recaída grave. Os desgostos sofridos, domésticos e de Estado, eram de molde a tirar a vida ao mais são. Será preciso recorrer á explicação teatral da peçonha, esse resolutório clássico que vem dos tempos de César?

Contém o mesmo livro mais três capítulos intitulados *D. Miguel I, As Cinzas de D. Miguel I* e *Mudemos de Rumo*. Além de enfileirar abertamente ao lado do Infante proscrito, o autor emprega um tom polémico, talvez descabido, para tratar de sucessos que remontam a mais de cem anos. Ou estaremos de novo num dos tais períodos de acuidade febril?

CABRAL DO NASCIMENTO

ARCO-IRIS

O dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que esteve em Lisboa, depôs, domingo passado, uma palma de flores no monumento a João do Rio, ilustre escritor brasileiro, que tão amigo foi de Portugal e dos portugueses. Quando João do Rio desembarcou, pela primeira vez, em Lisboa, um amigo interrogou-o no dia seguinte ao da chegada:

— Então, Lisboa que tal?

— Interessante. Parto amanhã para Paris...

Duas semanas depois, esse mesmo amigo encontrou João do Rio no Chiado:

— Essa Paris?

— Afinal, ainda não fui. Não sei mesmo se chegarei a ir. Lisboa é encantadora.

★

Dizia António José de Almeida que para ser Chefe de Estado além de outras qualidades, era necessária esta: resistência. Resistência para fazer viagens, efectuar visitas, assistir a sessões solenes, ouvir e proferir discursos. Assim é. O Presidente Café Filho, a tantas outras provas, deu provas de uma resistência invejável. Não faltou a coisa alguma, — mas não teve um momento de descanso.

★

Ulisses Cortês, nosso amigo e companheiro dos tempos de Coimbra, que, um dia, deu o braço á Política, acaba de publicar uma volumosa obra em que se relata a multipla acção exercida pelo Ministério da Economia, de que ele é o titular, há alguns anos. Registamos o aparecimento desta obra, que é, — podemos dizê-lo —, uma autêntica Ulisseia.

★

Perguntaram, há dias, a Azinhal Abelho, empresário do Trindade se estava contente com as suas funções de empresário.

— Deus meu! Eu nem tenho tempo para estar contente! — foi a sua resposta.

★

Churchill, segundo temos, mandou instalar numa das salas da sua residência de Chartwell, uma aparelhagem de cinemascópio. Churchill poderá vangloriar-se, além de tantas outras glórias, da glória de possuir a mais pequena sala do Mundo com semelhante aparelhagem.

★

João Monteiro morreu no sábado. Morreu um dos ultimos abencerragens da boémia doirada do século passado. Deixou um livro muito curioso: «A estrada de Sacavém». Ao lê-lo, dir-se-ia que se ouvem fados e guitarradas.

★

Armando de Lucena, pintor, professor, escritor e orador de muito mérito, pôra grisalha, sorriso nos lábios, foi, há tempos, realizar uma conferência a determinada instituição regional. Passados dez minutos da hora marcada para a conferência, o presidente da instituição, pálido, sucumbido, veio dizer a Armando Lucena que estava apenas uma pessoa na sala.

— Não importa. Falarei para essa...

E a conferência realizou-se. A razão da falta da assistência veio a

(Continua na 15.ª pág.)

DESAPARECEU O MATAGAL

DA AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO

NOS TERRENOS QUE ESTIVERAM DESTINADOS A UM HOTEL

E ONDE VÃO SER CONSTRUIDOS QUATRO PRÉDIOS DE NOVE A TREZE PAVIMENTOS

Aspecto dos terrenos da esquina das avenidas Sidónio Pais, Fontes Pereira de Melo e António Augusto de Aguiar, onde começaram, finalmente, as obras de construção

Começaram, finalmente, as obras de construção nos terrenos gavetos das avenidas Sidónio Pais-Fontes Pereira de Melo-António Augusto de Aguiar, que a Camara Municipal vendera há anos para um hotel que não chegou a ser edificado, não se sabe porquê, mas do que resultou, para os compradores, a perda da primeira prestação — quantia avultada que reverteu a favor do erário municipal.

Postos os terrenos novamente em praça, desta vez em talhões de cerca de 400 metros quadrados cada um, foram vendidos a quatro compradores diferentes, que, cada qual para seu lote, traçaram planos consoante os seus interesses. Os projectos levaram, contudo, dois anos a analisar, do que resultaram, agora, para cada um dos proprietários, o prejuízo de cerca de 300 contos, importancia da sisa respectiva, cuja validade se perdeu, se as Finanças não concordarem em que os prejudicados nenhuma culpa tiveram no atraso.

Seja como for, e com mais sorte do que os donos dos terrenos da Praça Marquês de Pombal, cujas construções estão também suspensas, vai finalmente desaparecer o matagal que, durante anos ali esteve a dar uma nota desagradável e pouco digna de uma das áreas mais nobres da cidade. Com a maior actividade, e a fim de aproveitar o tempo seco que começa agora, três dos quatro construtores estão a abrir os cabouços em barro negro — excelente para o fabrico de loiça — e as caixas para as caves dos respectivos edifícios de rendimento: prédios de grande porte, um dos quais, o quarto gaveto de Fontes Pereira de Melo-António Augusto de Aguiar, pertencente à firma Manuel Anselmo & Irmãos, terá treze pavimentos, contando com as caves e as lojas, e será construído nos moldes que a moderna técnica aconselha e da qual foram introdutores, primeiro a Camara Municipal, com o seu prédio da Rua 1.º de Dezembro e, a segunda, a Companhia de Seguros «A Mundial», com o que está a erguer no Largo de Silva e Albuquerque, em cujos interiores, sem divisórias, podem ser construídos, pelos respectivos inquilinos, os compartimentos que entenderem.

O prédio dos construtores Anselmos, apresenta, ainda, outra novidade: toda a área de 460 metros quadrados ficará inteiramente livre de paredes e sem vigas no tecto. Cada andar pode ser para um ou dois inquilinos (200 metros quadrados para cada um) ou, ainda, dividido em doze compartimentos para escritórios, sendo intenção dos proprietários vender o prédio por andares, consoante o que legalmente for determinado.

Os outros dois prédios, já em construção, também, nos mesmos terrenos e ambos com áreas aproximadas a 400 metros cada, destinam-se a apartamentos e serão de nove andares e lojas.

ESTÁ ABERTA A AUDIÊNCIA...

O julgamento do autor de um desfalque de 504 contos

No 3.º Juízo Criminal da Boa-Hora, está reunido o tribunal colectivo para continuação do julgamento de Manuel Garcia de Barros, antigo funcionário da Caixa Sindical de Previdência dos Empregados e Operários da Industria de Panificação, acusado de ter praticado, no exercício das suas funções, um desfaque de 504 contos. Na ultima sessão deste julgamento, foi ouvido o réu que confessou o crime, e fez-se a leitura de documentos e mapas com a inquirição de cinco declarantes. Na audiência de hoje, são ouvidas as testemunhas de acusação e defesa, e, possivelmente, será pronunciada a sentença, ao fim da tarde.

O 50.º ANIVERSÁRIO

da Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro

No próximo sábado, ás 21 e 30, realiza-se na Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro, como temos noticiado, a sessão solene inaugural das comemorações do 50.º aniversário daquela colectividade, presidindo ao acto o sr. Ministro do Interior.

A sessão é dedicada aos sócios fundadores, sendo descerrado o retrato do sócio n.º 1, o escritor Trindade Coelho, e o sr. dr. João de Almendra falará sobre «A Vida e Obra da Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro».

A BALEIA-GIGANTE JÁ PODE SER VISTA

Removidas todas as dificuldades que surgiram após a sua chegada a Lisboa, foi hoje transportada para os terrenos onde funcionou durante largos anos a «caldeirinha» do Arsenal de Marinha, a baleia-gigante pescada em Algeciras, a que temos feito referência. Assim, a partir de amanhã o animal pode ser visto num dos pontos mais centrais da cidade, a dois passos da Praça do Comércio, do lado do rio.

CALDEIRADA À RIBATEJANA
Prato regional do MAIORAL
Telefone 150 — V. F. de Xira

Tágide
Também serve almoços e jantares
NO
TERRAÇO
de onde se desfruta uma das mais lindas vistas de Lisboa
LARGO DA BIBLIOTECA, 19-20
Telef. 35327/8

PEGUSANOL
DESTRUIÇÃO RÁPIDA DE CARRAÇAS PULGAS, ETC.
Antero Lopes - R. Eugénio Santos, 27
Costa & Conde - R. da Prata, 175

NOTÍCIAS DA CAPITAL E PROVÍNCIA

O EMBAIXADOR MARCELO MATIAS

fez uma conferência sobre os problemas da Ásia

Os oficiais e alunos dos cursos do Instituto de Altos Estudos Militares ouviram esta manhã uma conferência especial feita pelo sr. Embaixador Marcelo Matias, que se referiu aos problemas da Ásia nos pontos de vista que interessam ás Forças Armadas, e no âmbito da complicada política daquele continente.

Presidiu á lição o sr. Ministro da Defesa Nacional, coronel Santos Costa, e assistiram o sr. coronel Gomes de Araujo Ministro das Comunicações, e oficiais de alta patente do Exército e da Marinha, entre os quais os srs. generais Barros Rodrigues, Botelho Moniz e Costa Macedo, respectivamente, chefes dos Estados-Maiores do Exército, das Forças Armadas e das Forças Aéreas; generais Nunes da Silva, Flávio dos Santos e Valente de Carvalho; almirantes Fonseca e Guerreiro de Brito; comodoro Negrão Neto e outros oficiais generais.

O conferencista foi apresentado pelo sr. general Ferreira de Passos, director do Instituto e, no final da lição, foi oferecido um almoço ao sr. Embaixador Marcelo Matias, na «mess» dos oficiais daquele estabelecimento de ensino militar.

OS «SATYAGRAHIS»

QUE TENTARAM INVADIR DAMÃO

FUGIRAM COVARDEMENTE

PERANTE A REACÇÃO DAS NOSSAS SENTINELAS

(Do nosso correspondente Higino Cunha)

DAMÃO, 4 — A já famosa «Air Deli» — emissora bem conhecida pelas suas calunias lançadas contra Portugal — anunciou, há dias, a entrada em Damão de centenas de «satyagrahis», sob a direcção de um tal Addi Pardivalla. Estes individuos teriam ocupado — segundo a mesma estação — quatro milhas de território português sem qualquer resistência, mas, posteriormente, a fim de evitar derramamento de sangue, haviam-se retirado... com toda «a bravura» para um acampamento na União Indiana.

Por seu turno, os jornais de Bombaim descrevem os «acontecimentos» com grande relevo, parecendo o desenrolar de um imaginário filme de aventuras, com vaqueiros e outras coisas semelhantes. Não conhecendo a topografia do nosso território, os escribas cometem asneiras de pasmar, caindo, assim, no mais profundo ridículo...

Quatro milhas que são dez metros...

O jornal «Bharat Jayotis», referindo mais largamente o «extraordinário sucesso», depois de afirmar que os «satyagrahis» tinham avançado quatro milhas sem oposição, diz que tenteram atacar o posto fiscal de Calicachigão, sendo recebidos a tiro e obrigados a retroceder perante a resistência dos portugueses. O redactor da singular noticia esqueceu-se, porém, de que o referido posto fica, apenas, a cinquenta metros da fronteira por onde anuncia terem os «satyagrahis» entrado.

De facto aconteceu assim, mas com a pequena «diferença» de que os tais «heroicos satyagrahis» fugiram miserável e covardemente depois de dez metros de «marcha triunfal» e logo que ouviram o primeiro tiro disparado pelos guardas portugueses daquele posto...

A hilariante reportagem do «Bharat Jayotis» acrescenta que aqueles «bravos» retiraram, desistindo de tomar Damão, desta vez, em consequência da resistência das tropas portuguesas.

O jornal pede ao Governo da União Indiana que reconsidere a sua atitude, em face da intransigência do Governo Português e faz, embora veladamente, o pedido de intervenção da força armada da União Indiana.

Nada, porém, pode intimidar a gente de Damão.

As «personalidades» que dirigiram a marcha

Convém identificar o carácter das «personalidades» que dirigiram esta malograda marcha para Damão, tais como Addi Pardivalla, Fernando Costa e Varnan Desai. Fernando Costa é um conhecido «escroc», que afirma ter ideias mais ou menos comunistas e não passa de um assassino. Quando esteve em Goa, matou, a tiros de pistola, um individuo, sendo condenado a pena maior. Beneficiando de várias amnistias, foi posto em liberdade. Esteve ultimamente na Europa, regressando á India, pouco tempo depois, com passaporte indiano.

Addi Pardivalla, famigerado aventureiro, residiu até Julho passado, em Damão, ocupando-se no contrabando de artigos de luxo para a União Indiana, facto

(Continua na 16.ª página)

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

TRÊS CONCORRENTES

AO LUGAR DE PROFESSOR CATEDRÁTICO DO GRUPO DE BOTÂNICA

Perante um juri presidido pelo sr. prof. dr. José Gabriel Pinto Coelho, Reitos da Universidade Clássica, e constituido pelos srs. profs. drs. Abílio Fernandes, de Coimbra; Américo Pires de Lima e Manuel Joaquim Ferreira, do Porto; Rui Teles Palhinha e Flávio Ferreira Pinto Resende, de Lisboa, e eng. agrónomo João de Carvalho e Vasconcelos, do Instituto Superior de Agronomia, prestou esta manhã provas de concurso para o grau de professor catedrático do grupo de Botanica da Faculdade de Ciências de Lisboa o sr. dr. Carlos das Neves Tavares. A crítica aos trabalhos científicos do candidato, já publicados, foi feita, em primeiro lugar, pelo sr. prof. dr. Abílio Fernandes e, depois, pelo sr prof. dr. Teles Palhinha. O candidato respondeu ás críticas dentro do tempo regulamentar.

Os srs. drs. Manuel Cabral de Resende Pinto, candidato ao mesmo cargo e que ontem prestou as primeiras provas de concurso, pronunciou esta tarde a lição sobre matéria á sua escolha, intitulada «Considerações sobre a génese e estrutura dos plastidios».

Amanhã, ás 10 horas, outro candidato, o sr. dr. José Emílio dos Santos Lopes, apresentará a sua lição «Sobre a actividade biológica dos ácidos nucleicos», seguindo-se a lição do sr. dr. Carlos das Neves Tavares, intitulada «Taxinomia nos fungos liquenizados».

Por não haver argumentação ás lições, a decisão do juri sobre o valor dos trabalhos apresentados a concurso será conhecida, possivelmente, cerca das 13 horas.

O ACTO DE SELVAJARIA

cometido na Avenida António Augusto de Aguiar

Continua em perigo de vida, no Hospital de S. José, o aprendiz de serralheiro Carlos Alberto da Costa Simões, de 14 anos, vítima de um acto de selvajaria praticado na Estação de Serviço em que trabalha, na Avenida António Augusto de Aguiar, como ontem noticiámos. A Polícia de Segurança Pública, que inicialmente tomou conta da ocorrência, ouviu alguns dos 20 empregados daquela casa, sendo todos unanimes em negar que os factos se tivessem passado como a vítima conta, embora se confessem autores de uma estupida brincadeira com uma bomba de ar. Em face disso, a Polícia remeteu o caso para a Judiciária, onde serão feitas as investigações.

O QUE SE PERDEU ONTEM, EM LISBOA

Foi ontem encontrado nas ruas de Lisboa e está depositado na P. S. P. o seguinte: Duas canetas de tinta permanente; duas argolas com chaves; um boné de fazenda; dois porta-moedas com dinheiro; dois pares de óculos graduados; dois pares de luvas; um embrulho contendo um garfo, um guardanapo e um frasco; dois tampões de depósito de gasolina, de automóvel; uma bomba de bicicleta; uma sandália de criança; uma caneta esferográfica; um tampão de carburador; uma luva, uns óculos escuros e um porta-moedas com dinheiro; um piriquito; três quantias em dinheiro; um animal de espécie felina; e várias peças de ferramenta para bicicleta.

VAI SER DEMOLIDO UM PEQUENO ABRIGO

destinado a crianças que aguardam internamento

E' conhecida a obra do guarda da P. S. P., aposentado, sr. José de Sousa Junior, a quem algumas centenas de pobres e crianças devem auxílios que vão desde o sustento ao internamento. Toda essa actividade tem sido relatada e as mais altas individualidades têm prestado homenagem áquele benemérito. Presentemente, o sr. Sousa Junior fez construir na retaguarda da sua residência, na rua da Atalaia, 108, uma pequena casa-abrigo para nela recolher as crianças em perigo moral até que obtenha o seu internamento. Obra modesta, mas de elevado sentido social, está condenada a desaparecer, pois o Município determinou a sua demolição até o próximo dia 11.

NÃO DEIXE DE VER no EDEN
Julieta
Um filme que ficará na memória de todos!

NÃO DEIXE DE VER no EDEN
Julieta
Um filme que ficará na memória de todos!

MAU CHEIRO

MOSCAS E MOSQUITOS NO «BAIRRO AZUL»

O «Bairro Azul», nascido em S. Sebastião da Pedreira com classificação de luxuoso, caiu em desgraça, ninguém sabe porquê. O certo é que as ruas que o formam já perderam a ligação entre si, por causa do tapume que separa a rua Ramalho Ortigão dos terrenos que um dia hão-de ser urbanizados, permitindo-se o acesso das ruas do bairro à Avenida de Berna. O abandono a que esses terrenos foram votados criou insuportáveis condições de vida aos infelizes moradores daquele bairro «luxuoso» que têm agora de aturar mau cheiro e moscas incómodas — por causa do lixo e de toda a espécie de imundícies que largam nos terrenos anexos, sem consideração por ninguém.

O martírio aumentou hoje, com a formação de uma nuvem de mosquitos que invadiu casas e estabelecimentos, enchendo-os de milhões daqueles insectos. Não há duvida de que o «Bairro Azul» caiu em desgraça.

Quando começarão as projectadas obras, desejadas por toda a gente? Quando deixará de existir, em plena cidade, um tão grande depósito de lixo ao ar livre?

Não espere que a sua camisa envelheça para ter a medida exacta do seu pescoço!
A CAMISARIA
Primaz
Vende todas as suas camisas com colarinhos que não encolhem.
114, ROSSIO, 115 — LISBOA

O «DIÁRIO POPULAR» vende-se na MEALHADA, — na Papelaria Silva —

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

ELEMENTOS ISOLADOS DAS FORÇAS REBELDES COMBATEM AINDA NAS RUAS DE SAIGÃO-CHOLON

SAIGÃO, 4. — No Estado-Maior do Exército nacional afirma-se que terminaram os combates de rua em Saigão-Cholon. Apenas alguns elementos isolados binh-xuyen resistem ainda em Cholon; enquanto as tropas governamentais, depois de atravessarem o arroio chinês (afluente da ribeira de Saigão) e o canal de derivação, já no limite sul da zona urbana, progrediriam em direcção ao sul, encontrando raramente qualquer resistência.

Ontem, a passagem da ponte Nhabe, sob a protecção de barcos blindados do Exército nacional, assinalou a ultima fase dos combates activos.

No Estado-Maior do Exército nacional mostra-se grande optimismo e afirma-se que sòmente cerca de 2.000 homens, isto é dois batalhões, se mantêm fiéis ao chefe da seita dos binh-xueyen, o general Le Van Vien. Estes 2.000 homens ter-se-iam refugiado na região pantanosa a sul de Cholon, dominando ainda a estrada que vem de Cap Saint-Jacques, cerca de 80 kms. a sudeste de Saigão, na costa do mar da China. — (F.P.).

Morreu em combate o general Trinh Minh

SAIGAO, 4. — Ngo Dinh Diem, Primeiro-Ministro do sul do Vietename, disse que seriam feitos funerais oficiais, com plenas honras militares, ao general Trinh Minh, um dos chefes da Junta Revolucionária, morto em combate na noite passada.

O general, antigo chefe do Exército da seita caodaista, foi morto por uma rajada de metralhadoras quando atravessava uma ponte no seu carro de comando, durante uma batalha entre forças governamentais e tropas da seita Binh Xuyen.

Círculos políticos de Saigão tinham indicado o general Trinh Minh como futuro chefe do Estado-Maior do Governo Republicano preconizado pela Junta Revolucionária.—(R.).

O Exército francês não interveio na luta que se travou em Saigão

PARIS, 4. — «O corpo expedicionário francês absteve-se, escrupulosamente, de qualquer intervenção nos assuntos internos do Vietename. A permanência do nosso corpo expedicionário não responde senão aos desejos de segurança e aos da leal execução dos acordos de Genebra» — declarou Edgar Faure, Presidente do Ministério, a um representante da «France-Presse» que o interrogou sobre a situação e sobre o papel que desempenha o corpo expedicionário na actual crise do Vietename do Sul.

«As notícias que nos chegam de Saigão — acrescentou o Presidente do Conselho — falam de tentativas repetidas da parte de certos elementos para pôr o Exército vietenamita contra o Exército francês. Trata-se de espíritos mal intencionados que se esforçam por quebrar os laços de amizade e fraternidade que existem entre os dois Exércitos».

Entre a França e o Vietename não existe qualquer motivo de divisão

«E' fácil de ver quais os fins que seriam explorados com os incidentes que esta agitação poderia provocar. Aproveito a ocasião para repetir que o Governo francês se regozija pela contribuição que as nossas tropas puderam dar no transporte e na evacuação dos refugiados cuja sorte suscitou um vasto movimento de simpatia. Durante esta crise, o general Ely executou escrupulosamente as instruções do Governo e conseguiu manter as nossas tropas afastadas dos incidentes que ensanguentaram a cidade de Saigão».

«Esforçou-se, a pedido do próprio presidente Diem — disse ainda o Presidente do Conselho — por exercer uma acção conciliadora no interesse da população civil. Acrescentar-el — concluiu o Chefe do Governo — que entre a França e o Vietename não existe qualquer motivo de divisão. O Vietename é um país livre e soberano e a França só tem um desejo: é que se mantenha em paz e na prosperidade». — (F. P.).

UM JUIZ DE PAZ ARMADO DE ESPINGARDA tentou impedir que a mulher fosse para o hospital

BETHEL (Vermont), 4 — A Polícia empregou bombas de gases lacrimogéneos para dominar um Juiz de Paz, Manuel Miller, que se armou de espingarda para impedir que sua mulher fosse conduzida a um hospital de doenças mentais.

A maior parte dos 500 habitantes de Bethel assistiu, à luz dos projectores, ao ataque da Polícia para pôr fim ao cerco de dez horas à casa do Manuel Miller. A mulher ficou sufocada com o gás lacrimogéneo e desmaiou no vestíbulo, e o marido saiu por uma janela do andar superior. A sr.ª Miller foi conduzida ao hospital e o marido, algemado, seguiu para a cadeia.

A sr.ª Miller recebera ordem de se submeter a exames mentais, depois de ter sido pronunciada por influenciar jovens a esquivarem-se ao recrutamento. — (R.).

A MILIONÁRIA BÁRBARA HUTTON VAI DIVORCIAR-SE PELA QUINTA VEZ

CIUDAD TRUJILLO (REPUBLICA DOMINICANA), 4. — O Tribunal concedeu ao diplomata dominicano Porfírio Rubirosa o divórcio de Bárbara Hutton, a conhecida milionária americana, sua quarta mulher. Pediu a um Tribunal dominicano, em 16 de Fevereiro, que lhe concedesse o divórcio, por incompatibilidade mutua.

O casal consorciou-se em 30 de Dezembro de 1953, na residência do Cônsul-Geral dominicano, em Nova Iorque. O enlace durou 77 dias. O casal publicou então uma declaração na Flórida, dizendo que tinham concordado com separação amigável.

Rubirosa foi o quinto marido da herdeira dos milhões de Woolworth, de 42 anos, uma das mulheres mais ricas do Mundo. Disse, depois da separação, que gostava de estar na cama a ler todo o dia, enquanto que ele «preferia desportos ao ar livre».

O diplomata dominicano, de 35 anos, foi anteriormente casado com Flor De Oro, filha do Presidente dominicano; a actriz francesa Danielle Darrieux e Doris Duke, herdeira de uma grande empresa de tabacos americana.

Os maridos anteriores de «Miss» Hutton foram o Príncipe Alexis Mdivani, o Conde Kurt von Haugwitz Reventlow, o actor Cary Grant e o Príncipe Igor Troubetzkoy. Todos estes casamentos terminaram por divórcio. — (R.).

O DOCUMENTÁRIO COMPLETO DA VISITA A PORTUGAL DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA estreia-se esta noite no São Luiz

O São Luiz apresenta esta noite, integrado no excelente programa ontem estreado, o primeiro documentário completo da apoteótica visita a Portugal do Presidente da Republica Brasileira.

Entre outros acontecimentos, o referido documentário, que tem locução de Fernando Pessa, foca a chegada a Lisboa, a entrada em Queluz, a recepção na Assembleia Nacional, a Récita de Gala em São Carlos, o banquete no Palácio da Ajuda, as visitas oficiais, o doutoramento em Coimbra, a chegada ao Porto, a visita a Guimarães, a inauguração da Exposição de Ourivesaria, a recepção no Palácio de Queluz, a partida para o Brasil, etc.. Esta magnífica reportagem foi dirigida por António Lopes Ribeiro.

LISBOA TEM CADA VEZ MAIS VEÍCULOS MOTORIZADOS

Em Janeiro do ano passado, foram manifestados, na Camara Municipal de Lisboa, 35.784 veículos, sendo 28.332 auto-ligeiros, 4.631 auto-pesados e 2.821 motos, ou seja, mais 10.032 do que em 1950.

Continua, porém, a verificar-se uma diminuição sensível de vistorias a veículos hipomóveis, que foram de 420 e 841, respectivamente, em 1954 e 1950.

Em 31 de Dezembro passado, encontravam-se registados 3.560 velocípedes, ou seja mais 732 do que em igual data de 1953.

O numero de táxis, na capital, continuou a exceder as necessidades da população, o que, aliás, vem acontecendo há anos.

No ano transacto, entraram em exploração dezasseis garagens e foram encerradas catorze, pelo que o seu total passou a ser de 251, com uma lotação de 13.585 carros.

«DIÁRIO POPULAR» vende-se na LELLO em Luanda

AÇORDA DE SÁVEL
Especialidade do MAIORAL
Telefone 150 — V. F. de Xira

INDÚSTRIA AMERICANA DE FRIO

NORGE, a grande marca americana de frigoríficos, conhecida em todo o Mundo, é um produto da BORG WARNER e diz-se que há grande expectativa pela apresentação dos modelos de 1955, desta excelente marca.

«NORGE» — o frigorífico que se impõe pela qualidade e apresentação.

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL
PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA EM 12 E 13 DE MAIO
A Direcção comunica aos sócios que têm ao seu dispor, naqueles dias, um Parque de Estacionamento na Cova da Iria, com serviços de assistência, situado junto ao recinto do Santuário, do lado de Vila Nova de Ourem, destinados aos automóveis ligeiros averbados em seu nome.
Os distintivos de entrada para os automóveis serão entregues ou enviados aos sócios que os requisitem na Sede do Clube ou na sua Secção Regional do Norte nos dias 6, 7, 9 e 10 de Maio.
Por amável deferência da Polícia de Viação e Transito, é ainda facultado, aos que não possam requisitar os distintivos nos dias indicados, obterem nos dias 11 e 12 os que porventura tenham sobejado, nos postos daquela Polícia situados nas Caldas da Rainha, Santarém, Torres Novas, Tomar, Pombal e Leiria, mediante a apresentação do cartão de identidade do Clube.

ELEIÇÕES BRASILEIRAS
A MAIOR DIFICULDADE PARA TODOS OS PARTIDOS CONTINUA A SER A ESCOLHA DO VICE-PRESIDENTE

RIO DE JANEIRO, 4 — A nomeação do antigo governador do Estado do Paraná, Munhoz da Rocha, para Ministro da Agricultura, é interpretada de vários modos pelos jornais, consoante a sua tendência política.

Na opinião de alguns, esta decisão presidencial auxiliaria o candidato das chamadas forças «unionistas», Etelvino Lins, nas eleições presidenciais de Outubro próximo.

Com efeito, o problema da vice-presidência provocou dificuldades no Congresso do Partido Liberal (União Democrática Nacional) que se efectuou no Rio de Janeiro, na semana passada, e que homologou a candidatura à presidência de Etelvino Lins.

No entanto, quanto à escolha do vice-presidente, o Congresso dividiu-se, havendo protestos contra a designação de Munhoz da Rocha. Oferecendo ao ex-governador do Estado do Paraná a pasta da Agricultura, o Presidente da Republica suprimiu a divergência, pois o novo ministro não será eleginel; automaticamente, em Outubro próximo.

Esta é a versão dos círculos «unionistas» e bem assim a dos jornais favoráveis a esta tendência, que apresentam a decisão presidencial como um gesto a seu favor.

Os jornais que apoiam o candidato social-democrático Juscelino Kubitchek e combatem, portanto, a candidatura de Etelvino Lins, não têm a mesma opinião. A nomeação de Munhoz da Rocha para a Agricultura é uma manifestação de mau humor do Presidente Café Filho, em face dos ataques registados no Congresso da União Democrática Nacional. Entendem outros que, depois deste gesto, o Presidente Café Filho não mais intervirá no problema da sua sucessão.

Uma terceira corrente vai mais longe: tratar-se-ia de uma manobra, feita de acordo com o Governo do Estado de S. Paulo, para «sabotar» a candidatura de Etelvino Lins e fazer surgir em seu lugar o general Juarez Távora.

E' difícil conhecer com exactidão a atitude do Presidente da República, mas, haja o que houver, a designação do vice-presidente dos candidatos continua a ser um obstáculo para todos os partidos.

Na verdade, se o candidato «unionistas» ainda não resolveu este problema, o candidato social-democrático, Juscelino Kubitchek, experimenta dificuldades por tentar resolvê-lo: a designação, pelo Partido Trabalhista, do ex-ministro do Trabalho, João Goulart, suscita discordâncias entre os sociais-democráticos; e o afastamento do ex-presidente, o marechal Dutra, na altura em que se anuncia o do ex-ministro de Finanças, Horácio Lafer—um dos representantes da grande industria de S. Paulo — que, por motivos diferentes dos do marechal Dutra, entende não poder aceitar a candidatura de João Goulart para a vice-presidência. — (F. P.).

SURGIRAM AS PRIMEIRAS DIVERGÊNCIAS COM A RÚSSIA NA REUNIÃO DE VIENA

VIENA, 4 — Os delegados dos «quatro grandes» continuam as suas conversações sobre partes menos controversas do projecto de tratado restabelecendo a soberania da Austria, depois de terem surgido entraves sobre todas as cláusulas importantes referentes à limitação do efectivo das forças armadas da Austria.

O obstáculo principal foi um artigo que limita as forças armadas a um total de 58.000 homens e a proibe de possuir armas ultramodernas como bombas atómicas ou foguetões.

Os austriacos, representados na conferência pelo dr. Leopold Figl, Ministro dos Estrangeiros, insistiram por alterações neste artigo, que afirmaram infringir a soberania do país. A delegação dos Estados-Unidos apoiou este ponto de vista, mas a Russia recusou-se a discutir quaisquer alterações.

Os delegados não chegaram, também, a acordo sobre a cláusula que tornaria obrigatório para a Austria proibir «actividades antialiadas» em campos de pessoas deslocadas. A Austria, com o apoio dos Estados-Unidos, afirma que, com a sua redacção actual, esta cláusula daria a outros Estados o direito de interferir nas questões internas e deseja que seja alterada. A Russia recusou-se a considerar quaisquer emendas.

Foi adiada a discussão sobre essas duas questões. — (R.).

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA EM MAIO

Arrecadação de volumes de mão

Para comodidade dos Srs. Passageiros, durante os dias 11 a 14 de Maio a C. P. terá montado um serviço de arrecadação de volumes nas suas instalações próximo do Santuário.

Apenas 1$00 por volume.

ORQUESTRA SINFÓNICA DE FILADÉLFIA no Império

Tal como sucede nos contos de fadas, chegam no próximo dia 26, pelas 15 horas, ao aeroporto da Portela, em 3 aviões privativos (1 de carga e 2 «Super-Constellations» de passageiros) os Príncipes da Musica, a celebérrima Orquestra Sinfónica de

Jacob Krachmalnick mostrando o seu precioso «Guarnerius del Jesus» ao administrador da Org. de Filadélfia

Filadélfia, que, no seu primeiro contacto com a Europa, reservou a Lisboa 2 unicos concertos.

Dizer que esta Orquestra é melhor ou igual a qualquer outra significaria, por certo, lugar comum. Não! A Orquestra de Filadélfia é pela sua própria estrutura e espírito um caso impar na história das Orquestras Sinfónicas. E' que as exigências superiores do Homem de hoje não se contentam com a existência de mais um conjunto orquestral e mais uns concertos. Por isso e para inteira satisfação das necessidades espirituais do mundo actual se criou esta extraordinária Orquestra, que, não reunindo apenas uma colecção rara de instrumentos avaliados na sua totalidade um quarto de milhão de dólares, vive em si, a presença de alguns dos maiores instrumentistas do nosso século, como seja o famoso violinista-solista Jacob Krachmalvick, artista eslavo e aluno do célebre Mestre americano Efrem Zimbalist. Este extraordinário violinista que antes de pertencer a esta Orquestra foi durante largos tempos 1.º violino-solista da Orquestra Sinfónica de Boston, também pelo grande Pablo Casals foi o artista eleito para os famosos Festivais de Prades (França) no ano de 1953. Professor de musica de camara na Universidade de Virgínia, Jacob Krachmalvick possui um raro violino «Guarnerius», avaliado em 1.500 contos.

Eis pois alguns dos curiosos pormenores deste mágico conjunto musical, que nas noites de 26 e 28 de Maio, no Império, ressuscitarão da vulgaridade e da chamada «execução impessoal», algumas das mais sublimes páginas da história da Musica.

TOME Fósforo Ferrero
EXIJA O LEGÍTIMO Fósforo Ferrero
A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

BÔLSA de LISBOA

VALORES	Efec	Comp.	Vend
Fundos do Estado			
Cons. 2 % T. 10	840$5	840$	—
Cons. 3 % T. 10	909$	908$	910$
Cons. 3 ½ T. 10	1.010$	1.009$	1.011$
Centenários 4 %	2.245$	2.240$	2.250$
Externas 1.ª car.	—	1.360$	—
Externas 3.ª série	—	—	1.490$
Externas 3.ª car.	—	—	1.490$
Caut. da 3.ª série	—	185$	188$
Acções			
de Bancos:			
Alentejo	495$	492$	495$
Angola	1.260$	1.255$	1.265$
E. Santo. port.	9.000$	—	—
L. & Açores. port.	—	2.900$	3.000$
Portugal. port.	—	2.450$	2.500$
P. do Atlantico	—	—	—
Ultramarino. port.	1.020$	1.017$	1.023$
de Seguros:			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	780$	770$	785$
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Soberana	—	—	—
Electricas:			
Eléct. Beiras	1.615$	1.610$	1.620$
Gás Electr., cup.	287$	287$	287$5
H. E. A. Alent., c.	—	150$	150$5
H. E. Cávado	1.800$	1.790$	1.800$
H. E. do Douro	—	—	—
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. do Zêzere	1.640$	1.640$	1.700$
Nac. Electricidade.	—	1.700$	—
U. Eléct. Port.	—	—	258$
Ultramarinas:			
Agr. das Neves	—	1.700$	1.800$
Agr. Ultramarina	—	—	—
Agr. Colonial	1.060$	1.060$	1.062$
Açucar Angola	3.520$	3.510$	3.530$
Bela Vista	—	—	—
Boror	—	692$	697$
Boror Comercial	60$	59$	62$
Buzi	392$	391$5	392$5
C. Ang. de Agr.	—	5.000$	5.400$
Cabinda	480$	475$	485$
Cassequel	2.297$	2.296$	2.300$
H. Principe	—	3.200$	3.200$
Moçambique	191$	190$	191$
Zambézia	252$	251$5	252$5
Incomati	—	—	—
Diversas			
Ag. Lix. port.	—	295$	300$
Ag. Lix., 1938. p.	—	—	—
Ag. Lix., 1934. p.	—	—	230$
Cim. Leiria. port.	—	—	520$
Cr. Predial. port.	645$	645$	645$
Ind. Aliança	—	400$	440$
Ind. P. e Colonias	490$	490$	492$
Nac. Navegação	1.710$	1.710$	1.720$
Col. Navegação	—	720$	—
Port. Pesca, port.	1.370$	—	1.380$
Port. Tab., cup.	445$	444$	446$
Tab. Port. cup.	—	620$	630$
Obrigações			
Ag. Lix., 4 ½, c.	—	—	90$
Gás, 3 %, — 944	—	—	977$
Gás, 3 %, — 945	—	—	—
Gás, 3 ½ — 947	—	935$	—
Gás, 4 % — 948	996$	995$	997$
Gás, 4 ½ — 951	—	1.012$	1.015$
Gás, 5 % — 952	1.050$	1.045$	—
H. E. Cáv., 4 %	—	—	—
H. E. Port., 4 %	—	—	900$
H. E. Port., 4 ½	—	—	—
H. E. Port., 5 %	—	—	1.010$
H. E. S. E., 3 ¼	—	—	—
H. E. S. E., 5 %	—	—	—
H. E. Zêzere, 4 %	—	985$	992$
Nac. Electr., 4 % 49	—	—	990$
U. E. P., 3 %, — 45	—	—	—
U. E. P., 4 % — 45	—	975$	99$
U. E. P., 4 ½ — 44	100$	100$	101$
U. E. P., 5 % — 51	—	—	—
U. E. P., 5 % — 52	—	—	—

CAMBIOS (Notas)

(A's 14 horas)

PAÍSES	Compra	Venda
Africa do Sul	77$00	78$00
Alemanha	6$80	6$95
América:		
1 a 2 dólares	28$50	28$80
5 » 20 »	28$80	29$10
1.000 »	28$80	29$10
Argentina	$93	1$00
Bélgica	$57,3	$58,8
Brasil	$35	$39
Dinamarca	4$10	4$35
Espanha	$66,5	$67,5
França	$07,75	$07,95
Holanda	73$5	75$
Inglaterra	78$50	79$50
Itália	$04,5	$04,7
Noruega	3$65	3$95
Suécia	5$35	5$65
Suiça	6$73	6$83
Uruguai	8$70	9$20
Ouro:		
Inglaterra (libra)	262$00	272$00
Portugal — Barra	33$20	33$70
» — Barra fino	33$50	34$00

Soc. Cambista José Bonniz

Moedas e barras de ouro e prata

Notas estrangeiras e títulos de crédito

63, RUA AUGUSTA, 55—Telef. 28901

Endereço telegráfico: ZINOB

Custa tão pouco andar bem barbeado!

PACOTE OU "DISPENSER" DE 10 LÂMINAS 13$00

Que diferença na apresentação de um homem bem barbeado diàriamente—e graças à Gillette não custa caro. As Lâminas Gillette Azuis possuem os mais afiados gumes e são feitas com aço mais rijo. Além disso, cada lâmina faz um maior número de barbas. Use as Lâminas Gillette Azuis com uma máquina de precisão Gillette — uma é feita para a outra, a fim de proporcionarem as barbas mais perfeitas, que duram o dia todo e até a noite.

Lâminas Gillette Azuis

DACTILÓGRAFA — CORRESPONDENTE

Precisa-se para escritório de movimento, sabendo muito bem inglês e de preferência também francês. As interessadas deverão indicar as habilitações, idade, morada e ordenado. Resposta a este jornal ao n.º 2.032.

PULSEIRA

Barbela, com berloques, grande estimação, perdeu-se imediações Cascais. Gratifica-se bem. Telefone 50837.

O «DIARIO POPULAR» vende-se nas TERMAS DO MONFORTINHO NA PEROLA DA FONTE SANTA

ESCOLA DE CONDUÇÃO

CASA A. VIEIRA

Experimente e visite as instalações desta Escola e certificar-se-á da verdade. LIGEIROS, PESADOS, MOTOS. Rua Campolide, 135 e Rua D. Pedro V, 5. Telefones 59261, 59951 e 20497.

FOLHETIM ILUSTRADO DO "DIARIO POPULAR" 252

BEN-HUR

Adaptação do célebre romance de LEWIS WALLACE

1 — Amrah conseguiu enfim convencer as duas infelizes a segui-la. Elas têm confiança, elas sabem que caminham para a salvação. Mas Tirza está esgotada. As suas forças atraiçoam-na.

2 — Sua mãe, desesperada, tenta reconfortá-la. Amrah aproxima-se dela para a tomar nos seus braços. Num sobressalto de energia, Tirza fá-la parar: ela não tem o direito de lhe transmitir o seu mal!

3 — A pobre mãe, apesar dos seus sofrimentos, tivera bastante força para ajudar a filha na penosa ascensão do Monte da Ofensa. A parte mais difícil do trajecto estava já no fim.

4 — Quando as três mulheres atingiram o cume, a mãe sentiu-se reanimada pelo desejo de viver. Jerusalém estendia-se a seus pés, com os seus magníficos palácios. Mas desta vez Tirza está esgotada e cai por terra. (Continua)

Sociedade Geral

Para: S. VICENTE, PRAIA E BISSAU (Via Leixões)

N/M «ALFREDO DA SILVA»

em 10/5/55

Carrega para Bissau em 7 e para C. Verde em 9 de Maio
Carga frigorífica no dia 9
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via Leixões e Funchal)

N/M «ANA MAFALDA»

em 25/5/55

Carrega para Bissau em 21 e para C. Verde em 23 de Maio
Carga frigorífica no dia 24 de manhã
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, NOVO REDONDO, LOBITO e MOÇÂMEDES (Via Leixões)

N/M «ANDULO»

em 3/6/55

Carrega em Lisboa nos dias 26, 27, 28, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho
Carga frigorífica no dia 2 de manhã
PASSAGEIROS DE 1.ª CLASSE

Para: LUANDA (Directo), LOBITO E MOÇÂMEDES

N/M «RITA MARIA»

em 27/6/55

Carrega em Lisboa nos dias 23, 24 e 25 de Junho e em Leixões em 20 e 21 de Junho — Carga frigorífica no dia 26 de Junho de manhã
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES

A' carga em Hamburgo, Bremen e Anvers

N/M «BELAS»

De 27 de Abril a 11 de Maio e em Lisboa, para Matadi, em 17 de Maio

N/M «BRAGANÇA»

De 18 de Maio a 1 de Junho e em Lisboa, para Matadi, em 7 de Junho

N/M «BORBA»

De 8 de Junho a 22 de Junho e em Lisboa, para Matadi, em 28 de Junho

N/M «BRAGA»

De 30 de Junho a 13 de Julho e em Lisboa, para Matadi, em 19 de Julho
PASSAGEIROS DE 1.ª CLASSE

Para: ANVERS, ROTTERDAM (se convier), BREMEN E HAMBURGO

A' carga nos portos de Angola

N/M «BORBA»

De 25 de Abril a 8 de Maio

N/M «BRAGA»

De 19 de Maio a 1 de Junho

N/M «BELAS»

De 7 a 21 de Junho

N/M «BRAGANÇA»

De 28 de Junho a 12 de Julho

Chamamos a atenção dos Senhores Passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens

TRATAR EM:

LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Telefones 26314/5

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Telefone 27363

LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS E SÁBADOS

JORNAL DESPORTIVO «RECORD»

A VIDA FABULOSA DE AGA-KHAN

(Continuação da 1.ª pág.)

encarquilhados (durante anos ninguém percebeu que ele era míope) deveria corresponder a tanta veneração e a tantas atenções com uma dignidade, cujo aparato ele, pór vezes, propendia a não tomar a sério, pois, para si, era, sobretudo, um jogo. Aos 10 anos, gosta-se de brincar aos soldados; deram-lhe um magnífico uniforme com galões e um sabre proporcionado á sua altura. As saídas, as recepções eram, para ele, por isso, simultaneamente, uma festa e um fardo. Mas, apesar de tudo, ele preferia o fasto das grandes cerimónias (quando multidões piedosas se inclinavam perante ele) aos longos dias de estudo em que o constrangiam á dura aprendizagem das suas funções de soberano espiritual. Acordar ás seis, uma hora de equitação ás sete, lições de francês e de inglês das oito ás onze, três horas de árabe após o almoço, e, á noite, intermináveis exercícios de caligrafia, que lhe causaram, para sempre, o horror de escrever.

(«Nunca escrevi senão cartas de amor», dizia ele quando compunha as suas memórias ditadas a dois secretários).

USA ÓCULOS E ROUBA LIVROS...

Se guardou boas recordações dos seus três professores de inglês, o último permitiu-lhe salvar a vista.

Antigo oftalmologista, este professor exigiu que o aluno usasse óculos e, apesar da oposição da família, indignada, ganhou a causa. O professor era irlandês e teimoso.

Tal como os seus colegas, fora trazido pelos jesuitas — por estranho que pareça. O jovem príncipe teve uma sólida cultura científica e literária. Conhecendo a fundo as literaturas árabe e persa, aos 13 anos exprimia-se correctamente em inglês e em francês.

Como queria ler livros ocidentais e como nem sempre encontrava na biblioteca do palácio com que mitigar a sua sede de leitura, frequentava as livrarias de Bombaim. Mas não lhe davam dinheiro e era grande a tentação de se apropriar de alguns alfarrábios, nos escaparates. Enquanto um primo seu desviava a atenção do livreiro, enchia os bolsos com um bom numero dos desejados livros. A manobra bem depressa foi descoberta e, um dia, o tio do príncipe desabou sobre ele, numa loja, e obrigou-o a abrir a sua capa, de onde caíram os furtos do riquíssimo ladrão.

Dotado de uma grande vontade, o príncipe não apreciava, mesmo quando criança, as manifestações de fanatismo. Lembra-se, ainda, da repulsa que lhe causavam as horrendas palavras do seu preceptor de ciênca islâmica. Apesar de todas as tiradas de beatice e intolerancia, pensava que o Paraíso é prometido a todos os homens de boa vontade, quer sejam cristãos, budistas, muçulmanos ou de outras crenças. Não tinha senão 14 anos, quando se desencadearam as revoltas de Bombaim. Mostrou-se, então, de uma grande firmeza e proíbiu aos seus partidários participar nos tumultos, o que muito contribuiu para o apaziguamento entre muçulmanos e hindus.

O PRÍNCIPE ENCANTADOR APAIXONA-SE

Foi então, cerca de 1890, que a dominação inglesa se tornou mais pesada. Após a partida do comandante do exército das Indias, duque de Connaught, o mais jovem filho da rainha Vitória, substituído pelo general Greaves, que inspirou um dos personagens de Kiplin, abriu-se na India uma era de desconfiança e de discórdia. O jovem príncipe, que tinha sido amimado com guloseimas nas recepções do governador de Bombaim, e que de resto permaneceu sempre fiel aos ingleses, viu o vento mudar e cavar-se um abismo entre os europeus e os «asiáticos». Mas se, nestes anos de formação, o jovem príncipe se apercebia da importancia destes problemas e das suas próprias responsabilidades, sobretudo no curso das suas viagens aos santuários da India setentrional, também se perturbou com a sua nova liberdade.

Acabava de terminar os seus estudos, quando, aos 19 anos, foi libertado da constante solicitude dos seus preceptores. Podia agora interessar-se por actividades mais apaixonantes. Descobriu o «cricket», o hóquei e o pugilismo. E como achava agradável perseguir o chacal através dos arrozais, ou visitar as cavalariças dos cavalos puro-sangue! Podia receber em audiência o grande humorista Mark Twain e interessar-se pelos problemas que preocupavam, de ponta a ponta, o continente indiano. Mas, sobretudo, podia (e disso não prescinde) amar e ser amado. Junto dele, uma das suas primas, que tinha sido, desde a infancia, uma encantadora companheira de recreio, deixou um dia de ser a rapariguita familiar para desabrochar em graça e formosura. O que devia acontecer aconteceu e o príncipe apaixonou-se loucamente. Casamento de Estado — houve quem dissesse. Mas, com que vigor o interessado protestou: «Eu era apenas um adolescente apaixonado, procurando instintivamente essa experiência, essa mistura de alegrias e de tormentos que faz de um adolescente um homem».

14 DIAS DE BODA... E A PESTE

O casamento com a princesa Shahzadi foi celebrado com festas de esplendor bem oriental, tanto mais que o irmão da actual Begum fizera coincidir o seu casamento com o dos seus primos. As cerimónias prolongaram-se durante catorze dias e catorze noites.

Desgraçadamente, o casamento não foi feliz. Os jovens cônjuges amavam-se, mas tinham tomado por amor o seu afecto. Por timidez, permaneceram ligados, apenas pela ternura e, rapidamente se afastaram um do outro.

Um temível flagelo ia proporcionar ao jovem soberano a oportunidade de demonstrar a sua coragem

..uma hora de equitação ás sete..

e decisão e de tomar consciência da sua responsabilidade. Em fins de 1897, uma epidemia de peste caiu sobre Bombaim. A virulência das suas devastações logo criou um pânico terrível e um ambiente de pesadelo. Era, porém, necessário tentar combater o mal e o professor Hahleins, um judeu russo, trazia, precisamente, com a nova vacina, a possibilidade de conter a epidemia. Aga Khan pôs-se á sua disposição, para o ajudar com todos os meios de que dispunha. E, sobretudo, deu o exemplo, pois, tendo sido o primeiro a deixar-se inocular, arrastou os seus fiéis em massa, a fazer o mesmo.

Esse ano foi, igualmente, o do jubileu da rainha Vitória em Simla. E Aga Khan apresentou-se perante «Lord» Elgin não apenas em nome da seita ismaelita, mas de todos os muçulmanos da India Ocidental. O vice-rei escutou-o com tal interesse que quis enviá-lo á Europa e proporcionar-lhe uma entrevista com a rainha Vitória.

A APRESENTAÇÃO NA SOCIEDADE, NO PARIS DO FIM DO SÉCULO

Começava a carreira ocidental de Aga Khan. No ano seguinte, o jovem príncipe, fascinado pela Riviera, subia de Nice para as palmeiras de Cimiez e ia hospedar-se no mesmo hotel que a rainha de Inglaterra (uma pequena mas sólida anciã, que tinha, então, perto de 80 anos), entre os duques da Russia e toda a aristocracia do Golta do fim do século.

Era um jovem de 20 anos que chegava a Paris e ia conquistar Londres. A Riviera não era, nessa época, tão cosmopolita como seria nas décadas seguintes, e, por isso, a estadia do príncipe oriental deu que falar. Mas, em Paris, onde se alojou no Hotel Bristol, pôde circular incógnito, e ver, de perto, todas as maravilhas que as suas numerosas leituras lhe haviam pintado com cores tão aliciantes. Conhecia Balzac e os clássicos do século XVIII, a história dos monumentos e os salões descritos por Paul Bourget. Que alegria a de se fazer conduzir em fiacre ao longo dos «boulevards» e deter-se no Tortoni ou no Café de Paris, onde tantas beldades elegantemente vestidas se abanavam com os leques. Mas as rainhas do dia eram a «Grande Sarah» e a «Divina Julia». As tiradas grandiloquentes de Sarah Bernardt assombraram-no. Preferia as criações mais maleáveis e discretas de Julia Bartet, cuja voz de intonações doces e cantantes valorizavam as tiradas mais alambicadas. No «Jockey Club», o príncipe encontrou as eminências do «turf» parisiense, do qual ia tornar-se uma das mais relevantes figuras

O ESCUDEIRO DA RAINHA VAI ESPERÁ-LO Á ESTAÇÃO

Quando de uma visita á Biblioteca Nacional, assombrou os orientalistas que o acolheram pela facilidade com que lia os antigos manuscritos persas ou árabes. Era para ele tão fácil como para um colegial francês ler Villon ou Rabelais no texto original.

Mas Londres, a capital vitoriana da muito poderosa rainha das Indias, era o seu verdadeiro objectivo. Era, então, a mais orgulhosa, a mais rica e a mais aristocrática das cidades da Europa. O brilho da sua riqueza não se devia apenas á confortável cintilação da libra esterlina. A burguesia enriquecida e os êxitos comerciais constituiam os alicerces de um altivo feudalismo. O príncipe, aguardado na estação por um escudeiro da rainha, ia ver abrirem-se, diante de si, todas as portas dessa numerosa aristocracia cuja normal preocupação era eclipsar, pelo luxo, as casas rivais. A duquesa de Clermont-Tonerre, agora falecida, comparava a vida de sociedade dessa «Bizancio, nórdica de requintes complexos» á que floresceu em Paris, sob a presidência de Félix Faure: «O que me surpreendeu em Londres foi a quantidade. Na sociedade francesa tradicional não se contava mais de uma dezena de casas que levassem vida ostentosa. Em Londres, havia bem uma meia centena. Durante a «saison», ninguém, a menos que estivesse a morrer, permanecia em casa. Era um ir-e-vir inconcebível, que começava ás 10 da manhã, com os galopes no Parque, e terminava ás três da madrugada, nos bailes».

O príncipe chegara precisamente no começo do Verão, em plena «saison». Nunca abandonava o trajo de cerimónia — fraque, luvas e chapéu alto — com que passava de um chá oferecido por uma duquesa á recepção de um «lord» e a um «garden-party», em Covent Garden.

Os clubes mais exigentes não o eram para ele. Foi introduzido no mais selecto, o «Malborough», pelo próprio príncipe de Gales, que havia sido recebido pelo pai de Aga Khan, em Bombaim, e que, tendo visto tantas peles de tigres mortos pelo corpulento Aga II, lhe perguntara: «Para os matar, costuma subir Vossa Alteza ás árvores?».

(Continua)

AS 2.ᵃˢ JORNADAS INTERNACIONAIS DE PEDIATRIA

são inauguradas no dia 15

Está elaborado o programa das 2.as Jornadas Internacionais de Pediatria, que se vão realizar em Lisboa por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Pediatria.

A sessão inaugural realiza-se no Hospital de Santa Maria no dia 15 do corrente, com a assistência dos srs. Ministros do Interior e da Educação e Subsecretário da Assistência Social e numerosos cientistas portugueses e estrangeiros.

As sessões de trabalhos efectuam-se no mesmo estabelecimento nos dias 16, 17 e 18, de manhã e de tarde, havendo, ainda, dedicados ás senhoras das famílias dos delegados, várias festas e passeios turísticos.

OBRAS NA CIDADE

A Camara Municipal de Lisboa adjudicou, pela quantia de 8.300 contos, ao sr. Armando Ferreira da Cunha, os trabalhos de conservação e reconstrução de pavimentos e esgotos da cidade.

DIÁLOGO
ENTRE O ESPÍRITO E A MATÉRIA

(Continuação da 1.ª pág.)

poraneo um ser egoista, hipócrita, insensível, extremamente hábil no apresto de ciladas e com uma capacidade de simulação muito maior que a do quase fabuloso Cagliostro. Cada um dos homens desta espécie é um enigma, uma esfinge, quando sabe que o observam. E mesmo as expressões do seu rosto são em virtude do seu artificialismo, tão dificilmente interpretáveis como os hieroglíficos gravados que, por «partida», os Fenícios e os Egípcios da Antiguidade nos legaram. Só por acaso se consegue saber, mais ou menos, o que constitui a essência de almas tão impenetráveis.

Foi o acaso que pôs, há dias, quase resvés comigo, dois homens curiosos, absolutamente antípodas na maneira de ser e, portanto, na maneira de pensar, dois homens tão diferentes na alma e nas aspirações como o mais luminoso dia o é da mais tenebrosa noite. Um deles, pude vê-lo depois, perfeitamente representativo daquele tipo de homem a que me referi há pouco, o homem ultra-interesseiro, amoral e, a bem dizer, «desumanizado» do nosso destrambelhado tempo; o outro, verdadeiro símbolo vivo daquele intelectualismo e daquele idealismo, tão activos na sua simbiose, que, antes de as forças infernais começarem a engendrar os horrores apocalípticos da era atómica que nos estão a ser entremostrados, tanto fizeram, com o mais abnegado afã, para extirpar na chamada «humanidade» o que nela há de intrinsecamente animal desde que o Mundo é Mundo.

Eu metera-me, sem saber porquê, num dos «cafés» da Baixa, naquele período da manhã em que eles parecem mortos ou, pelo menos, dormentes, porque a clientela se entrega, lá fora, á azáfama profissional quotidiana. A solidão, o mármore das paredes, os tons neutros das pinturas, a escassa claridade do recinto e também, sem duvida, o olhar agónico do pobre tísico que eu vira, momentos antes, a ofegar e a tossir, haviam-me dado, conjuntamente, mal eu entrára, uma parte do seu frio... Mas o Sol, já bem desperto, dardejava contra o espaldar de uma das cadeiras mais próximas da janela alta e larga um dos seus crescentes e maravilhosos triangulos de luz. Tive a impressão de que ele, o poderoso e majestático, se dignava convidar-me, por meio dos seus sinais, a não ser tolo, a ir prestamente aproveitar-me do calor reconfortante dos seus dardos. E eu fui. Sentei-me na própria cadeira que até então lhes servira de alvo, e, separado da rua sómente por dois ou três milímetros de vidraça, fiquei, como se fosse um epicurista, gozador de *far niente*, sem pensar nem sonhar, a seguir com os olhos as volutas de fumo saídas do meu cachimbo... O que se passava diante ou atrás de mim, era-me tão indiferente como o que podia estar a ocorrer nesse momento na cabana de qualquer reizete patagão ou entre os papagaios das florestas amazónicas. O que faz o Sol!

Mas, de repente, a minha cadeira, que em vez de se firmar nos quatro pés clássicos se apoiava, *á moderna*, em dois tubos niquelados deslizadeiros como esquis, deslocou-se e só por um triz não rodopiou. Um sujeito esguio, um nadinha giboso, com o olhar como que parado dos meditativos, esbarrara com ela ao dirigir-se, concerteza em linha recta, para o lugar que escolhera, pertíssimo do meu. Desculpou-se, sorriu-se, sentou-se, pediu ao criado, um chá e pôs-se a ler o livro que trazia, embevecidamente... De vez em quando, erguia o lápis com que seguia, linha a linha, a prosa, fincáva-o no queixo, semicerrava os olhos e, acto contínuo, sublinhava ou anotava, com mão nervosa, não sei o quê. Um berro, um *E' homem!* estentóreo, soltado da coxia central do «café» por um latagão elefantico, narigudo, com bochechas da cor do colorau, constrangeu porém, o meu acidental vizinho a interromper, sobressaltado, a leitura. Como ele se levantara num ímpeto, furioso, julguei-o capaz de ir chamar nomes feios ao gritador... Mas, afinal, vi que eles, em vez de chinfrinarem, se abraçavam efusivamente. E, logo a seguir, já sentados os dois, como se um estranho não estivesse a ouvi-los, dialogaram assim:

— Que fazes tu, ó sonhador, nesta metrópole, onde não há tempo para sonhar? Muito me admira que tenhas largado as pastagens bucólicas lá das tuas berças, em Cascos-de-rolha, e que estejas aqui, neste páramo, com o teu ar de alma penada, a rilhar literatice ou lá o que é!

— Bonita saudação! Em meia duzia de palavras, um enxame de inconveniências... Mas eu não as estranho, meu velho! Sempre te conheci assim... E tão-pouco me zango. No teu género, há muito pior. E eu suporto-o. Bom; ponto final nos retruques. O que te interessa — não é verdade? — é saber o que me trouxe a Lisboa...

— Não to nego. Que diabo de mosca te mordeu? Hum! Hum! Cheira-me a aventura pecaminosa... Se é assim, dou-te os parabéns. As tuas «santidades» andavam a mumificar-te... Suga na vida tudo quanto ela tem de agradável. Puro ou impuro. Não faças escolha. E' claro que hão-de chamar-te — *materialão*. Não te importes com isso, meu rapaz. O mesmo dizem de mim, mas quem vive bem sou eu e não os farrapilhas que o dizem...

— Trava a língua, gabarola! Cala-te, palavreador! Será possível que tu penses realmente o que dizes, que tu sejas de facto o que pareces ser? Deverei eu ter como coisa certa que te desapegaste de todo da moral? Perdoa-me estas perguntas... Custou-me tanto ouvir-te!

— Descansa, sensitiva! Eu vou aveludar as palavras... Mas não me fales de moral. Abaixo as convenções!

— Tu achas que a moral é uma convenção? Tu sabes bem que não é. Mas, mesmo que o fosse, o inegável é que, sem ela, o homem, tão influenciado pelos instintos, teria ainda hoje, no psicológico, muito de monstruoso...

— Bom! Bom! Deixa-te de filosofices e vê lá se te é possível dizer-me, finalmente, mas terra a terra, por que vieste a Lisboa.

— Vim para vender a maior parte dos livros da minha biblioteca. Aqui tens o «mistério» desvendado!

Quê?! Vais vender os teus livros? Mas sempre te ouvi dizer, homem dos diabos, que, se eles te faltassem, morrerias de desgosto...

— Pois disse. A verdade, porém, é que eu os vou vender e que não morrerei por causa disso. Pelo contrário: creio que sentirei doravante, mais do que nunca, a alegria de viver.

— Mas tudo isso me parece... *paradoxal*. Não é este o nome que vocês, os literas, os que falam difícil, dão ao que é contraditório?

— Bem mísero de espírito é o homem que, em nenhuma circunstancia, muda de opinião, que se julga infalível no que pensa, que não procura converter os seus erros em acertos! Olha: para te arreliar, aqui tens mais um «paradoxo»: o que é condenável não é o contraditório *lógico*, é o contraditório *ilógico*

— Meu Deus! Que labirintos! E o curioso é que são vocês mesmos que, para buscarem ninharias, enfiam por eles como furões...

— Mas no que eu acabo de dizer não há nada de transcendente nem de confuso! O que eu não sei é traduzir-te em calão... Qualificaste o meu procedimento de contraditório, e com espanto, como se tudo quanto é contraditório fosse realmente injustificável e abominável. Tive de defender o *meu* contraditório, porque ele é dos bons...

— Ainda o não demonstraste...

— Pois então ouve... Vou vender os meus livros para que a minha filha possa frequentar a Escola de Belas-Artes e ser a artista que ela é capaz de ser. Amei sempre os meus livros, amo-os ainda muito. Mas amo muito mais a minha filha, que é hoje o unico esteio da minha vida. O que eu quero é que ela realize o seu belo sonho, que ela seja plenamente feliz, para eu o ser também. Compreendes-me agora?

— Compreendo-te. Estás maluco de todo! Foste sempre um lunático, nunca encaraste a vida inteligentemente. Fizeste-la bonita! Tens um «lugarzito» (é assim que tu lhe chamas) que podia ser um «lugarzão». Bastaria que tivesses «fechado os olhos» até agora para estares pôdre de rico. Pois como riqueza — rica riqueza! — só possuis a tua imaginação! Enches a boca com palavras sonoras: probidade, dignidade, etc e tal... Melhor seria para ti enchê-la com lagosta e caviar. E agora, para cumulo, vais vender a tua livralhada porque... porque... «a menina» quer ser artista!

— A minha filha...

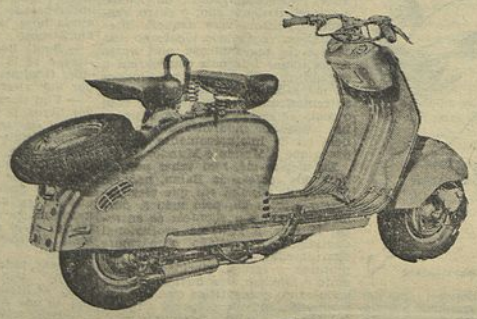
— E' um anjo, um portento, a maravilha das maravilhas... Não é isto o que ías dizer-me? Histórias! Histórias! O que ela é, com certeza, como todas as mulheres, é uma fantasista, uma caprichosa. Sabes o que deves fazer? Em vez de a mandares para as Belas-Artes — para as Belas-Artes! — põe-na a passajar-te as peugas e a tirar com benzina o sebo dos teus fatos, que bem precisam disso. Se ela te declarar um dia, terminantemente, que não quer estragar mais as mãozinhas, casa-a logo, não te demores... Mas afasta-a dos «pipis» e dos fidalgotes depenados. Impinge-lhe um labrego ou um velhote, que tenham bens de raiz e tento na bola. Podes estar certo de que ela acabará por ser feliz. E tu também, idealista, porque se te encostares bem ao teu genro, poderás ter então, á vontade, ideais...

Corto aqui o diálogo, que não inventei. Diálogos assim não podem ser inventados.

comprámos uma

Lambretta 150!

O "SCOOTER" DE MAIOR VENDA EM TODO O MUNDO



+ POTENTE + VELOZ + SEGURA

O facto de terem sido vendidas mais de 150 unidades do modelo "150" desde 1 a 28 de Abril, demonstra, pela preferência dos compradores, que a Lambretta é, realmente,

O MELHOR "SCOOTER" DO MUNDO!

Peçam uma demonstração a:

MOTO LAMBRETTA PORTUGUESA, Lda.
Avenida de Roma, 43 D - Lisboa

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE VIENA

A melhor orquestra da actualidade, grava as suas interpretações dos mestres famosos da musica em discos normais e microgravados da grande marca

HIS MASTER'S VOICE

A' venda nos:
EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
95, R. Nova do Almada, 99
LISBOA

NOVO TRANSATLANTICO EXPRESSO DE LUXO

«OLYMPIA»

23.000 toneladas

SAÍDAS DE LISBOA.

11 DE MAIO	HALIFAX E NEW YORK
26 DE MAIO	NAPOLES E PIREU

A ultima palavra em conforto, rapidez e comodidade. Luxuosas instalações na classe turista.

PREÇOS ACESSÍVEIS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Agentes Gerais: Carlos Gomes & C.ª, L.da — 4, L. Vitorino Damásio — Telef.: 668087/8/9

Agentes no Norte: Ag. Mar. Lusitano - Americana — 108, Rua Nova Alfandega — Telef.: 2 2981

QUINTA DE SÃO CAETANO — GOLEGÃ

ALBERTINA MENDES

FALECEU

Margarida Mendes Gonçalves e seu marido Carlos Mendes Gonçalves, Laura Mendes, Encarnação Mendes Paulino e sua filha Irene Mendes Paulino, Maria da Encarnação Mendes Gonçalves Ribeiro e seu marido Alfredo Henrique Rodrigues Ribeiro, Carlos Cristo e sua mulher Maria Fernanda Agostinho Cristo, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, a sua muito querida irmã, cunhada e tia, e que o seu funeral se realizou hoje para o seu jazigo no cemitério da Golegã.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

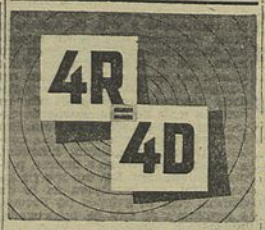
NOVIDADE

Pistolas de alarme la consagrada marca

WALTHER

NO GENERO, A MAIS COMPLETA ATÉ HOJE APRESENTADA
ISENTA DE LICENÇA
PREÇOS MODERADOS

DESCONTOS ESPECIAIS AOS REVENDEDORES
Distribuidor exclusivo:
A. M. SILVA (ARMEIRO)
Rua da Betesga, 1 LISBOA Telef. PBX 31313/14
ARMAS ★ MUNIÇÕES ★ CAÇA ★ PESCA ★ DESPORTOS
A casa que mais barato vende e maior sortido tem



A PERFEITA IRRADIAÇÃO DO SOM

DOBRADA 6$00

CAVE REGIONAL — Pr. Marquês de Pombal, 15 e R. Rodrig. Sampaio, 11?

MOBÍLIAS

Quarto ou C. Jantar 1.800$ a 3.300$. Rusticas 2.800$ a 4.000$. Q. Anne 4.600$ a 6.000$. Tr. Fiéis de Deus, 69, ao Camões — Telef. 24294.

SE QUER UMA BOA CARPETE

SÓ RIODIZ GUARDA — PORTUGAL

VAT 69

O Whisky preferido

HIPOTECAS
FAZ S/ AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS — RAPIDO — SIGILO
A FINANCIADORA
TELEF. 24446 — LISBOA

O «DIARIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA P. A. A.

JORNAL DA MANHÃ

A próxima viagem do Chefe do Estado a Londres, a convite da Rainha Isabel II, continua a merecer os melhores louvores. Agora é a comunidade goesa que vem juntar os seus aplausos ao de todos os portugueses, numa elevada manifestação de patriotismo. «Maim Desha» (Mãe-Pátria), redigido em concanim e editado em Bombaim, um dos jornais vítimas dos assaltos dos arruaceiros da União Indiana por se ter rebelado contra a política de anexação de Goa, publicou um editorial com o título «O nosso Presidente vai a Londres». A «ANI», referindo-se ao facto, informa: «Os círculos de Goa frisam que é de notar como o «Maim Desha, apesar das insistentes perseguições, se afana de não ocultar o seu patriotismo, a ponto de se referir ao Presidente da Republica Portuguesa como «O nosso Presidente». Aquele periódico o «Avé Maria» e o «Anglo-Lusitano» são os jornais mais populares entre a comunidade luso-indiana de Bombaim, que foi unanime em manifestar o seu apoio ao referido editorial. Nesse escrito, depois de se referir que «nenhum jornal da Imprensa indiana publicou a notícia do honroso convite da Rainha Isabel ao Presidente Craveiro Lopes, para não revelar ao povo indiano a sólida amizade existente entre os dois velhos aliados», salienta-se que «o coração de todos os goeses em Bombaim há-de regozijar-se, porque não é fácil um soberano de Inglaterra convidar o presidente de uma Republica». E mais adiante: «Apesar de a União Indiana estar inc'uida na Comunidade de Nações Britanicas, a Rainha Isabel ainda não convidou o Presidente da Republica indiana, sr. Rajandra Prasad, a visitar a Inglaterra». A terminar o editorial, o «Maim Desh» escreve «E' com alegria que damos no nosso jornal a notícia da próxima visita do sr. General Craveiro Lopes a Londres e, ao mesmo tempo, desejamos longa vida ao nosso Presidente». A atitude de «Maim Desha demonstra claramente que as perseguições e violências das gentes de Nova Deli jamais abatarão o sentimento português dos verdadeiros goeses.

Em Lisboa

O Conselho de Ministros reunido, ontem, no Palácio de S. Bento, sob a presidência do sr. dr. Oliveira Salazar, ocupou-se de assuntos correntes de administração interna.

★ Em complemento do contrato para os trabalhos da 1.ª fase da electrificação das linhas da C. P., há dias firmado, foi ontem assinado o contrato referente aos trabalhos de telecomunicações. Esses trabalhos, no montante de cerca de 19.000 contos, foram adjudicados á firma sueca «Telefon A. B. L. M. Ericsson». O sr. coronel Manuel José Pinto Osório, vice-presidente do Conselho de Administração, disse que tinha muito prazer em assinar um contrato desta natureza com uma firma da importancia da «Ericsson», que há muitos anos é fornecedora da C. P. Em nome daquela firma, o sr. Siewert manifestou o seu contentamento por ter tido oportunidade de assinar o contrato, elogiando os técnicos que se ocuparam do estudo da electrificação e tendo aproveitado a ocasião para fazer um elogio do nosso país.

★ A vereação de Lisboa, acompanhada do vice-presidente, Luís Pastor de Macedo, visitou, ontem, as instalações da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais e o edificio do Batalhão de Sapadores Bombeiros e inteirou-se da forma como decorrem os respectivos serviços.

Na Província

Nos hospitais da Universidade de Coimbra, durante uma intervenção cirurgica, os médicos encontraram alojada na bexiga do operado uma esponja. Apurou-se que o paciente, Estêvão Rodrigues Felix, casado, de 51 anos, natural de Lorvão, fora operado á bexiga há cerca de cinco meses, numa clinica de Nicteroy (Brasil), e o cirurgião, por esquecimento, deixou ficar-lhe a esponja que foi agora encontrada.

No Estrangeiro

O Clube Vasco da Gama (Brasil), que em breve visita Portugal, é portador de uma mensagem assinada por milhares de brasileiros e portugueses, destinada ao sr. General Craveiro Lopes. Nesse documento, os signatários afirmam o exemplo de fraternidade luso-brasileira e reconhecem a obra social dos dois povos. Saudam a Nação portuguesa, a sua gente e o seu Governo.

INAUGURAÇÃO DE NOVAS INSTALAÇÕES NA MANUTENÇÃO MILITAR

Com a presença dos srs. Subsecretário de Estado do Exército e do administrador-geral do Exército, inauguram-se amanhã, ás 10 horas, na Manutenção Militar, novas instalações, entre as quais o edifício destinado a depósito de material, a remodelação da fábrica de moagem e novos equipamentos fabris.

CAMPISMO

Nos próximos sábado e domingo, promove o Clube de Campismo de Lisboa o tradicional acampamento da Primavera, no magnífico parque da Costa de Caparica. No primeiro dia haverá o tradicional fogo de campo e, no domingo, proceder-se-á á eleição de «Miss Camping-1955».

O CENTENÁRIO DE MARCO POLO

na Sociedade de Geografia

Na Sociedade de Geografia, realiza-se hoje, ás 21 e 30, uma sessão comemorativa do centenário de Marco Polo, com a colaboração do Instituto Italiano. Haverá duas conferências: pelo sr. dr. Fernando Capecchi, sobre o «O livro das maravilhas de Marco Polo» e pelo sr. dr. Julio Gonçalves, sobre «Marco Polo e os portugueses». Seguir-se-á a inauguração de uma exposição de bibliografia e cartografia italianas e serão projectados filmes com motivos de Veneza e da vida de Marco Polo.

Assiste ás cerimónias o sr. Ministro da Itália em Lisboa.

PEDAGOGIA DA BONDADE

(Continuação da 6.ª pág.)

risos que são punhaladas, mas também há sorrisos que são actos de generosa e elevada piedade. Não queremos nada com as pessoas secas, e que se tornam intratáveis quando querem parecer honestas.

A rigidez de principios conduz ás vezes á desumanidade, e, enquanto vivermos, temos obrigação de ser amáveis e cordiais para com todas as pessoas. Basta que a morte nos torne hirtos e severos.

Amiude nos lembramos daquele inglês que era tão rigoroso e intransigente nos seus hábitos que, para o fim de uma boa digestão, todos os dias, depois da refeição principal, ficava uma hora sentado numa poltrona do seu escritório, imóvel, inalterável e estático, sem se mexer nem manifestar, acontecesse o que acontecesse. Ainda que visse as chamas de um curto-circuito a lamber os dourados do compartimento onde estava, alongaria o braço para premer o botão da campainha; nem mesmo que lhe pusessem a um canto uma bomba de relógio fugiria para escapar á explosão. Principios são principios e é preciso que a nossa intransigência se não submeta a quaisquer eventualidades e contingências, concordava ele. Ora, um gatuno que lhe havia estudado os hábitos inalteráveis — porque há também gatunos psicológicos — introduzem-se-lhe um dia no escritório, na hora crítica, aproximou-se dele, tirou-lhe do bolso do colete as chaves do cofre, abriu-o e roubou-lhe tudo quanto nele havia. E o nosso burguês mudo, impassível, inalterável. Depois, é claro, gritou aquilo-d'elrei, tocou todas as campainhas, estilhaçou os objectos de vidro, fez soar todos os metais, mas só passada a hora de repousar. Os principios foram respeitados. Restava-lhe, ao menos, essa consolação. Como aquele homem de Boafarinha, como dizia o querido amigo José Henriques de Oliveira, que no céu esteja, que numa feira perdeu ao monte todo o dinheiro que levara, mas passou os pintos — arcaísmo de uma moeda antiga que valia 480 — a cinco tostões.

Sejamos moderadamente temperados e temperadamente moderados. Que nem os principios comprometam os fins, nem os fins desdigam dos principios. Sempre por bom caminho e segue — era a divisa das empresas honradas. Andar direito para atingir um objectivo justo. Que a rigidez da nossa moral não prejudique o êxito da nossa caridade, nem pretendamos chegar ao bem por caminhos tortuosos. Há pessoas tão intransigentemente justas que lembram o caso de um juiz que nós conhecemos — condenava, por principio, quantos se sentavam no banco dos réus.

Nem esta nossa transigência contraria a tese do bom exemplo que vinhamos expondo.

Um dos maiores homens da Beira Baixa, de todos os tempos, um homem que viveu na intimidade de D. Carlos I e por vezes acompanhava os séquitos da Corte, contou-me que Mouzinho de Albuquerque, como Cassandra dos destinos monárquicos, bastantes vezes lembrou ao monarca e aos políticos do regime o que se passava na rua e o incremento que levava o partido republicano. E se não fora a loucura de se haver subtraído á vida, Mouzinho de Albuquerque, que, a nosso ver, foi o maior português do ultimo século, teria morrido, presumivelmente, sob os escombros da monarquia.

Todos os erros se pagam: todos os pecados hão-de ter a sua sanção. Todo o corpo social, para poder viver, precisa de uma doutrina que o reja e um espírito que o vivifique. E esta nossa sociedade que sobrevive, apesar de todos os seus erros, é uma sociedade desaustinada e sem alma.

Lemos não sei onde que Fialho de Almeida lamentara que se quisesse exigir de um homem de letras a moral de um guarda-portão. E parece que as primeiras camadas sociais, que sobrenadam á toma deste mundo convulso e desordenado, entendem que a sua moral, á maneira do senhor de Hegel, deve ser diferente da moral dos seus criados e criadas. Nós pensamos que a moral é uma só: a moral de Cristo, que veio ao mundo para redenção de todos, e morreu por todos, pelos pescadores, pelos jornaleiros, pelos trabalhadores, pelos operários e até por aqueles que não precisam de recorrer ao emprego dos braços para viver folgadamente. Mas compreendemos: A alta e endinheirada burguesia destes tempos, depois de haver introduzido nos seus salões o calão, o fato e o cigarro — para as mulheres — quer ir mais longe e justificar maiores loucuras com um negativismo integral. Cuidado! Foi assim que se perdeu o patriciado romano, a nobreza da França e a aristocracia russa. Depois, depois... é sofrer na carne e no sangue o fogo do sofrimento, e na alma os espinhos do remorso. No Inferno não há redenção.

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

(Continuação da 6.ª pág.)

RESSUREXIT

Lá, jazeu o meu destino!
Lá, na treva inviolada,
O meu corpo do presente
Não era corpo nem nada!
As tiras que me ligaram
Uma força as desatou
E a pedra grande rolou
Nos trilhos do meu Calvário,
— E a Vida me levantou!...
.. Mas o Arcanjo esperado,
O das asas refulgentes,
O do resplendor etéreo,
O do sorriso de luz,
...Esse, esperei-o através dos tempos
Ansiosamente,
E não chegou nunca...
E a minha hora ficou
Eternamente morta!...

Manuel Ferreira. Boa atitude. Os poemas que nos enviou correspondem a uma fase de experiência. Certa, mas a ultrapassar. Muito bem. dizemos o mesmo a M. M. Cardoso: Fase de experiência. Ultrapassar. Cuidado com as acrobacias, que nem sempre são uma «grandiosa aventura»...

«A China das maravilhas
A escalada do Tibet...»

já andam nos programas do turismo, com cozinha francesa.

S. G. põe sinceridade na sua tentativa poética, que é mais do que uma simples tentativa. Tem personalidade. O que é de primeira importancia.

Antônio da Silva enviou-nos vários poesias que não revelam dotes artísticos excepcionais. Uma começa assim:

A canção dos teus olhos
Vou tentá-la cantar;
Vou procurá-la eu á rua
E aquela garota que esmola pede
Lembra-me os teus olhos a pedir...

Pois lembra. Mas que é que nós havemos de lhe fazer? O' perplexidade!

REGISTO

(Continuação da 6.ª pág.)

«O HOMEM ILUSTRADO» — Um novo livro de Ray Bradbury, considerado um dos especialistas da literatura de ficção científica em que, mais uma vez, se acentuam a fantasia e a imaginação do autor. Trabalho apaixonante, constituído por dezoito histórias que se interligam e nos dão uma imagem para além da nossa órbita, dos seres que podem passar a nosso lado sem que os pressintamos. Nestas histórias agitam-se estranhas faunas e floras e «trepidam motores na pele de um homem» em cujo corpo se revela invulgar tatuagem feita por uma mulher que se dirige para o Futur.. Edição de «Livros do Brasil».

O «DIARIO POPULAR» VENDE-SE EM S. TOMÉ na BARBEARIA MODERNA

A VIAGEM DO CHEFE DO ESTADO

(Continuação da 1.ª pág.)

pelo Ministro do Ultramar e pelo Governador e que era aguardado por todo o elemento oficial.

Depois de descerrada a inscrição com que se inaugurou este monumento, o coronel Neves e Castro, comandante militar da Guiné, exaltou a figura do herói lendo a sua impressionante folha de serviços, uma das mais belas de quantas possui o Exército português e que justificou a concessão de todas as condecorações nacionais e na qual se destacam todas as virtudes de um soldado de eleição.

Curiosidades da personalidade de um grande herói

Assistiu á cerimónia com os olhos marejados de lágrimas de orgulho e comoção o sr. coronel João Teixeira Pinto, filho do herói da Guiné, esse homem que ele pouco conheceu e a quem poucas vezes viu em Lisboa, longe daquela Africa que era para ele uma verdadeira obsessão, um feitiço avassalador.

Do coronel João Teixeira Pinto ouvimos palavras de comovida admiração por seu pai, caído em Moçambique, no combate de Negomano, em 26 de Novembro de 1917, em luta contra os alemães; a evocação do seu único vicio — a fotografia; a narração de episódios demonstrativos da sua coragem e do seu desassombro; a recordação de enternecedoras cenas da vida familiar, cenas ilustradas com fotografias daquela Africa que o hoje coronel João Teixeira Pinto ainda então não conhecia, mas amava já.

E o coronel Teixeira Pinto, rodeado pelos régulos que auxiliaram o seu pai nas campanhas que pacificaram a Guiné, doze velhos fulas alquebrados pelos anos mas revigorados pela recordação daquele sob cujas ordens serviram e lutaram, terminou por dizer qual era a habitual bagagem de seu pai nessas campanhas ,através do mato e da selva: meia duzia de nozes de cola com que enganava a fome, duas camisolas de algodão e um par de meias, tudo embrulhado num oleado. E, sempre que possível, a complicada e volumosa aparelhagem fotográfica.

As visitas oficiais do sr. Presidente da Republica

Terminada a cerimónia junto do monumento a Teixeira Pinto, o Chefe do Estado seguiu, acompanhado pelo Ministro do Ultramar e pelo Governador da Guiné, para uma visita ao bloco industrial da Sociedade Comercial Ultramarina, que fica na zona industrial da cidade e onde percorreu demoradamente as instalações de descasque de arroz, de trituração de sementes de oleaginosas e de fabrico de óleos vegetais. Seguidamente, visitou a Escola Primária oficial da cidade, cujo edifício foi inaugurado com uma placa em que se assinala a visita presidencial.

Ainda da parte da manhã, o Chefe do Estado procedeu á inauguração do «Lar de Santa Isabel», asilo construído por subscrição publica.

De tarde, além de uma sessão cultural no Centro de Estudos, haverá um «Porto de Honra» oferecido pelas actividades económicas.

O Governador da Gambia elogia a administração portuguesa

BISSAU, 4 — «A Administração portuguesa pode estar orgulhosa da sua tarefa. Desde a fronteira até Bissau percorri muitos quilómetros de terras da Guiné. Pude assim verificar os sentimentos de amizade e simpatia da população indígena pelos brancos» — declarou o Governador da Gambia, Win Harris, aos enviados especiais da Emissora Nacional e da «ANI».

Win Harris, que chegou ontem a Bissau, ficará nesta cidade até sexta-feira de manhã, partindo de regresso á Gambia depois do Presidente Craveiro Lopes embarcar em Bissau a bordo do «Bartolomeu Dias» para Bolama, no inicio da sua visita ao interior da Guiné.

E' a primeira vez que o Governador Win Harris visita esta Provincia, o que coincide com a sua primeira visita a territórios estrangeiros na Africa.

«Aproveitei esta deslocação á Guiné — e devo dizer que me senti muito honrado com a oportunidade e vir a esta Provincia num momento de tão grande alegria para os seus habitantes e de satisfação para os seus bons vizinhos africanos — para conhecer os territórios situados entre as capitais da Gambia e da Guiné — disse-nos, ainda, o Governador da Gambia. E acrescentou:

«Posso por isso afirmar a óptima impressão que me causaram as povoações que atravessei, com os seus edificios administrativos rodeados pelas enfermarias, hospitais ou outras instalações de protecção da saúde e da vida das populações indígenas. Também notei com grande agrado as numerosas obras já realizadas e em curso tanto na capital como em toda a zona da Guiné que atravessei. Toda a Provincia está em franco desenvolvimento e Bissau, quanto a mim, é uma das melhores cidades da Africa Ocidental.»

A terminar as suas declarações, Win Harris disse ainda:

«Recebi em todo o território português, desde a fronteira, a melhor hospitalidade. Regressarei ao meu território com as melhores impressões desta Provincia portuguesa e da amabilidade dos seus habitantes. — (ANI).

NECROLOGIA

D. ALBERTINA MENDES

Na Rua de S. Paulo, n.º 100, 2.º, Esq.º, faleceu a sr.ª D. Albertina Mendes, natural de Lisboa, proprietária na Golegã, onde residia na Quinta de São Caetano, filha da sr.ª D. Maria da Encarnação Mendes e do sr. Filipe Mendes, já falecidos. A extinta era viuva do sr. capitão-de-fragata Amadeu Julio de Sousa Correia, irmã das srs.as D. Margarida Mendes Gonçalves, casada com o sr. Carlos Mendes Gonçalves, proprietário na Golegã, D. Encarnação Mendes Paulino e D. Laura Mendes e tia das sr.as D. Irene Mendes Paulino e D. Maria da Encarnação Mendes Gonçalves Ribeiro, casada com o sr. Alfredo Henrique Rodrigues Ribeiro.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realizou-se hoje para o seu jazigo no cemitério da Golegã.

ALVARO DA SILVA HENRIQUES POMBEIRO DE FIGUEIREDO

Faleceu hoje o sr. Alvaro da Silva Henriques Pombeiro de Figueiredo, que foi funcionário distinto da C. P.

O finado era pai do sr. Rogério Edmundo Palma de Figueiredo, da sr.ª D. Maria Isabel Palma de Figueiredo Rodrigues da Silva e do sr. dr. Raul Jorge Palma de Figueiredo. O funeral realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da igreja das Mercês para jazigo no cemitério dos Prazeres.

D. INÊS ASSUMPÇÃO SILVA AGUIA DE MELO

Celebra-se missa amanhã, pelas 11 horas, na igreja de São Domingos pelo 7.º aniversário do seu falecimento.

JOSÉ LOPES DE FIGUEIREDO

LOBÃO DA BEIRA, 4 — Com 78 anos, faleceu, nesta localidade, o sr. José Lopes de Figueiredo, proprietário, que deixou viuva a sr. D. Gracinda de Figueiredo. Era pai dos srs. capitão José Lopes de Figueiredo, em serviço na India Portuguesa; aspirante António Lopes de Figueiredo; e Adriano Lopes de Figueiredo, estudante de Medicina.

O que vai PELO MUNDO

MORTE DE DOIS CHEFES DA «MAU-MAU»

NAIROBI, 4. — Dois dos principais chefes terroristas «Mau Mau» do Quénia, um dos quais é acusado do assassinio de cerca de 100 pessoas, foram mortos pelas forças de segurança. — (R.).

GREVE DOS CONDUTORES DE TÁXIS DE LONDRES

LONDRES, 4. — Declararam-se em greve 8.259 motoristas e condutores de táxis da cidade, como protesto contra o horário de Verão. O tráfego está totalmente suspenso em 64 linhas e parcialmente em 38. — (F. P.).

APLICAÇÃO PACÍFICA DA ENERGIA ATÓMICA

MEXICO, 4. — Cerca de 400 cientistas, representando 84 países, reunem-se aqui no dia 30, para estudar a aplicação da energia atómica na Medicina e na saude publica. — (F. P.).

MORREU O VIOLONCELISTA GEORGE ENESCO

PARIS, 4. — Faleceu esta manhã, nesta cidade, depois de uma longa doença, o célebre violinista e compositor George Enesco. — (F. P.).

PROF. ENG. VARELA CID

Os alunos de Aeronáutica do Instituto Superior Técnico, que estiveram na Alemanha acompanhados pelo sr. prof. dr. Varela Cid, ofereceram-lhe hoje um almoço no Restaurante de Montes Claros.

MENOR BÁRBARAMENTE AGREDIDO

VIANA DO CASTELO, 4. — Na doca de flutuação, um individuo de nome António Viegas agrediu á sachoiada o menor Martinho da Agonia Salgueiro, de 17 anos, marítimo, morador na Rua do Loureiro. Em consequência da agressão o Martinho ficou sem uma orelha, dando entrada no hospital.

MAIS UMA VITÓRIA DO 4 CV RENAULT

CORRIDA INTERNACIONAL DAS MIL MILHAS

A PROVA DE ESTRADA MAIS DURA

CATEGORIA TURISMO SÉRIE ESPECIAL (750 c.c.)

1.º GALTIER-MICHY

108.275 KLMS. DE MÉDIA (NOVO «RECORD»)

2.º REDELÉ-PONS

3.º GESMIER-QUESSELANT

CONFIRMAÇÃO INDISCUTÍVEL DA SUA RESISTÊNCIA

—★—

CONCESSIONARIOS NO SUL:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, LDA.

AV. DA LIBERDADE, 7 — RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259

FOLHETIM DO "DIÁRIO POPULAR" Nº 2

O MISTÉRIO DOS SUICIDAS

Grande romance policial

POR GEORGE HOPLEY

Tradução de BAPTISTA DE CARVALHO

Atravessou então a rua e foi juntar-se ao grupo que tiritava e batia com os pés no chão para aquecer.

— Que rica noite ele escolheu para dar o salto! — comentou o policia.

O motorista de táxi abriu a boca para falar.

— Já sabemos que o viu cair — disse o policia, irritado. — Vá para casa. Não precisamos de si.

Striker entrou no hotel, subiu no elevador e penetrou no quarto 913, servindo-se da gazua.

A luz estava acesa, tal como lhe parecera da rua. O detective parou no limiar da porta e pôs-se a observar tudo.

Todos os quartos terminados em 13, no Santo Anselmo, eram pequenos e dotados de casa de banho privativa. Em cada uma das quatro paredes havia uma abertura: do lado do corredor era a porta estreita, á moda antiga; á esquerda, a porta de comunicação com a casa de banho, de iguais proporções; á direita da porta de entrada ficava a porta do guarda-fato metido na parede. Mesmo defronte da porta do corredor via-se a janela de sacada, muito ampla, debruçada sobre a rua. No interior da janela estava enrolado um estore azul-escuro.

Mas Striker não estava interessado nestas particularidades: o que o preocupava era descobrir todas as indicações que aquele quarto lhe pudesse dar, a fim de apurar se se tratava de suicídio ou acidente.

A unica coisa em desordem era a cama, porém, essa mesma não ostentava sinais de luta: apenas vestígios de que uma pessoa estivera deitada nela.

Sem bem saber porquê, Striker palpou os lençois com as costas da mão. Ainda estavam quentes.

As calças da vítima estavam cuidadosamente dobradas nas costas de uma cadeira. A camisa e a roupa interior ocupavam o assento da mesma e os sapatos estavam no chão, por baixo da cadeira, lado a lado como soldados em forma. Era evidente que o morto fora uma pessoa metódica e ordenada.

Tinha desfeito as malas, como se tencionasse, de facto, ocupar o quarto durante toda a semana.

Striker abriu o guarda-fato e lá estavam o chapéu, o sobretudo, o casaco e o colete, pendurados nos cabides. Na gaveta da cómoda havia algumas camisas e a restante roupa interior. Sobre o toucador via-se um relógio de pulso, de ouro branco, um punhado de moedas e dois papéis dobrados.

Um dos papéis era o programa de um espectáculo cinematográfico a que o morto parecia ter assistido apenas duas horas antes. Striker leu:

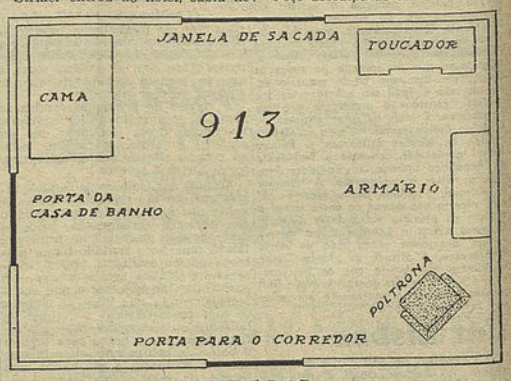
De sábado a terça-feira: O espectáculo mais divertido do ano! Lindas canções! Lindas mulheres! Gargalhadas constantes! «Hip, hip, hip, hurrah!». Também faz parte do programa um filme do marinheiro Popeye.

Nada ali se continha de deprimir uma pessoa.

O outro papel era uma folha com o timbre do hotel onde se liam, escritas á mão, as seguintes palavras:

A' Gerência:

Peço desculpa de vos causar aborrecimentos, mas tinha de ser em qualquer parte.



O papel não estava assinado. Portanto, sempre fora suicídio. Um dos batentes da janela estava aberto de par em par. Fora por ali que o homem saltara.

— E' você o detective da casa? — perguntou alguém, do limiar da porta.

Striker voltou-se e deu de caras com um detective do posto de policia mais próximo.

O homem atirou o chapéu para trás e entrou no quarto. Aquele não enganava ninguém. Era policia dos pés á cabeça. Não conseguia olhar para alguém sem o varejar com uma mirada de suspeita. Nem fazer uma pergunta sem lhe imprimir tom de autoridade.

— Encontrou alguma coisa?

Sem uma palavra, Striker passou-lhe a nota manuscrita.

Perry, o gerente, acompanhara o detective oficial. Também ele fora arrancado da cama. Enfiara á pressa umas calças e um roupão de banho.

O gerente do Hotel Santo Anselmo era, habitualmente, um homem simpático e prazenteiro. Mas naquele momento apresentava-se taciturno, sem poder ocultar a contrariedade que o insólito facto lhe causara.

— Ele nem sequer ainda tinha pago — comentou Perry, entrando no quarto. Apertou o cinto do roupão de um lado, para logo desfazer o nó e o apertar do lado oposto. O homem estava, de facto, muito aborrecido. Pegou no relógio de pulso, pelo bracelete, e aproximou-o do ouvido como que para se certificar de que a máquina funcionava.

Entretanto, o detective oficial fora até á janela e olhara para baixo. Depois, abriu a porta da casa de banho, espreitou lá para dentro, e fez outro tanto ao armário.

Dava a impressão de um empregado que se esforça por mostrar ao patrão que, embora não haja muito que fazer, sempre faz o possível para justificar o ordenado que recebe. Por outras palavras: na opinião do homem, a nota manuscrita encerrara a questão.

— E' a velha história, claro — disse ele. Acercou-se do toucador e leu o escrito em voz alta.

Striker arriscou uma objecção:

— Por que havia ele de se deitar para depois se levantar e dar o mergulho? Essas tipos não costumam fazer isso! Além de que ele alugou o quarto por uma semana!

O detective oficial ergueu a voz para frisar bem que era um agente da Policia falando com um detective de hotel, pessoa que, em sua opinião, de detective apenas tenha o nome.

— Que interessa isso? Nem que ele tivesse alugado o quarto por seis meses! O homenzinho escreveu este bilhete e beijou a rua, não é verdade? Que mais quer você? Quer complicar o que é simples, não?

(Continua)

RONDA PELOS «ATELIERS»

(Continuação da 6.ª pág.)

orientação técnica que o director lhe estava a imprimir. Concederam-me inteira liberdade de acção e desde Março até á data o ensino da ceramica foi totalmente renovado. A ceramica abandonou o seu carácter comercial para se integrar na sua verdadeira função: a de uma arte nobre.

Com efeito, pelo que nos foi possivel observar pela actividade dos alunos, através das suas fichas técnicas, estudos, esbocetos e peças de ceramica, um sopro inovador entrou na Escola. A preparação dos alunos não se faz apenas ali. Todas as semanas se realizam visitas dos alunos aos museus de Lisboa, acompanhados pelo respectivo professor.

A Manuel Cargaleiro fica ainda tempo para a sua actividade particular de pintor-ceramista. Agora está ele a executar dois painéis: um, para a frontaria da nova Igreja de Moscavide; outro, para a Camara Municipal de Almada.

Quisemos conhecer os motivos em que se inspira o seu processo artistico, que novo rumo deu á ceramica, e o entrevistado elucida-nos:

— Os processos seguidos por mim inspiram-se, em especial, nos ceramistas da Idade-Média.

— E por que escolheu a ceramica medieval?

— Por várias circunstâncias. O modo como empregamos os vidros e as tintas, aliado a uma modelação forte e simples, dá ás peças uma beleza sem artifícios e uma pureza de forma poucas vezes igualada.

Acrescenta:

— Foi por isso que me interessaram, e todo o meu estudo não tem sido mais do que tentar encontrar aqueles processos e adaptá-los aos meios de que disponho para executar os meus trabalhos.

Ultima pergunta:

— Que pensa das novas correntes estéticas?

— Parece-me que existe uma grande confusão na maneira de interpretar o abstracto e o não figurativo.

E explica:

— Na pintura da ceramica não figurativa, que faço, existe, apenas, uma preocupação de composição de formas e cores em que procuro, no entanto, exprimir uma realidade de ordem transcendental relacionada com o Homem e a Criação.

A concluir:

— Este género de ceramica, creio, exige uma integração na arquitectura, unicamente na medida em que ela oferece o suporte mais apropriado, do ponto de vista material e estético.

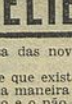
ÁLVARO DA SILVA HENRIQUES POMBEIRO DE FIGUEIREDO

Inspector Principal da C. P. (aposentado)

FALECEU

Leopoldina Maria Ribeiro de Figueiredo e seus filhos, Rogério Edmundo Palma de Figueiredo, sua mulher e filha; Maria Isabel Palma de Figueiredo Rodrigues da Silva, seu marido e filhos; Dr. Raul Jorge Palma de Figueiredo, sua mulher e filhos; Manuel da Silva Figueiredo e filhos; Coronel José Maria da Silva Figueiredo e filhos; Luisa Rosa Pombeiro de Figueiredo, Belmira Alice Pombeiro de Figueiredo, Tenente Alberto Henrique Pombeiro de Figueiredo, sua mulher e filho e mais família participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 5, ás 12 horas, da Igreja das Mercês para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA SILVA



ANTONIO CASTANHEIRA DE MOURA

Venerando a sua honrosa memória, um grupo de dedicados amigos e admiradores do grande industrial que foi António Castanheira de Moura, manda rezar na próxima quinta-feira, dia 5, pelas 11 horas, uma missa na Igreja de S. Domingos, esperando e agradecendo a comparência de todos os que desejem associar-se a este piedoso acto.

um conto por dia

O DISCO

Por OLIVEIRA VIDAL

...E depois vinha aquela história do Freitas... Sim, do Freitas; aquele tipo que estava sempre a falar no filho que lhe tinha morrido e na mulher doente. Sempre o mesmo disco! Um chato!

Lá no escritório ninguém podia com ele. O próprio patrão já estava farto de lhe aturar aquela cara de cangalheiro de serviço, mais as respostas, sempre iguais, ao que lhe perguntavam; por tudo e por nada. *«Sim, patrão; não, patrão; pois, patrão...»* e não havia quem lhe arrancasse mais palavra.

Deixa estar, dizia em casa o patrão Silva, que ele vai saber como eles lhe mordem quando o Luís vier de Inglaterra. Eu já estou farto disto... Raio de tipo! Em vindo o Luísinho ponho-o logo à testa dos negócios e sempre quero ver se com ele o Freitas se queixa?! Ora o tratante! E' um ar enquanto me vejo livre dele...

Ah! Mas eu ainda não disse quem era o Luísinho! O Luísinho era o filho do patrão, que estava a estudar em Inglaterra e vinha todos os anos a férias a Portugal com os seus inumeros e esquisitos fatos de *sports*-tweed, coletes de tecido liso de outra cor e cotarinhos gomados. Andava todo o dia de boné e bengalinha de canico e, quando ia visitar o pai nos escritórios da fábrica, embora todos soubessem muito bem quem ele era, perguntava sempre se o senhor Silva o podia receber. Porque, adentro do negócio, o pai era apenas o Sr. Silva e à porta do gabinete da direcção — com o letreiro «PARTICULAR» — pedia licença, em voz alta: — O patrão dá licença? — para exemplo dos empregados.

Da última vez que tinha estado em férias, veio a Portugal visitar os pais e, como de costume, foi passar em revista à fábrica. Cumprimentava o pessoal com um sorriso, uma vénia e um aceno de mão, diferentes segundo a categoria do empregado que se lhe dirigia. Dessa vez, quando o foram esperar ao aeroporto, trazia um ramo de flores para a mãe, que o beijou, e um charuto caro para o pai, a quem cumprimentou com um acetuoso aperto de mão. E vieram os três para casa, o filho ao lado do pai, falando de negócios. E aquele filho era o enlevo do sr. Silva! Ah! Quando ele acabasse o curso e viesse trabalhar com o pai para a fábrica — A. Silva & Filho — como seria bom! Aquele pessoal insatisfeito e resingão que nunca está contente com coisa alguma, que sempre odeia o patrão por mais bem que este lhe faça, havia de ver o que era um chefe. E o Freitas, a pedir aumentos por causa do filho doente — que frete! — e, depois da morte do filho, para a mulher... Raio de tipo! Um atado que em vinte anos de casa já tinha sido aumentado três ou quatro vezes e ainda refilava. Bem sei que os aumentos foram pequenos, mas a verdade é que aquele tipo não merecia mais. Para que lhe haviam de aumentar o ordenado? Para o estragar? Ele era um tipo sem grande inteligência, a bem dizer um pobre diabo, que trabalhava o dia inteiro agarrado à secretária com o nariz em cima dos livros e em vinte anos de casa não lhe conhecera outro fato que não fosse aquele quase desfiado fato preto. Para que aumentar-lhe o ordenado se aquele tipo havia de andar sempre mal vestido? Não era homem de ir a cinemas nem a pandegas — e se o fosse nunca lhe serviria para empregado, que na sua casa não se admitiam borgas! — nem tinha categoria para se juntar em tertúlias, onde havia ele de gastar o dinheiro? Um aumento em certos casos — e estava convencido que este era um deles — só serve para despertar vícios e estragar a vida a um honesto cidadão. Um dia viera-lhe co ma história do filho doente. Lá se lhe arranjou um aumentozito. Começou logo a não trabalhar com o mesmo gosto e assiduidade, apesar dos protestos de agradecimento pela subida de ordenado. Teve de ser chamado à Direcção por se andar a relaxar e, é claro, lá veio outra vez com a desculpa do filho. Um dia faltou e, no seguinte, não foi ao emprego. Tinha-lhe morrido o filho. Caramba! Isto é ter pouca sorte! E' razão para se ter pena do pobre homem mas a verdade é que o trabalho não tem nenhuma culpa disso. E o pior é que esta gente não tem consideração por ninguém nem gratidão pelo bem que lhe fazem. Que sim, mas que também, lá voltou ao trabalho mas, pouco tempo depois, aí estava ele outra vez a pedir um aumentozinho por causa da mulher que estava doente. Uma gaita! Só pensam em dinheiro! Não levou nem mais um centavo e lá continuou a trabalhar... Se lho tivesse dado talvez acabasse por se ir embora!

Daí para cá não fala noutra coisa. Nem se lhe pode perguntar por de-licadeza — que com esta gente não vale a pena ser delicado — como vai a saúde. Mal cuve alguém perguntar-lhe: — Então como vai isso, ó Freitas? — sai-se logo daí com a mesma história de sempre: — «Mal, homem, mal... Cá se vai indo como Deus é servido... A mulher é que é pior, coitada... — e depois é um chorrilho. Vêm à baila as contas da farmácia, as receitas do médico e as consultas que é um nunca mais acabar. Aquilo é impossível de aturar. Num escritório moderno, bem lançado, cheio de bom ar e de ideias novas, até está deslocado um traste daqueles.

Quando o Luís voltar é que o Freitas vai ver o que é um patrão. Com ele não há mas nem meio mas. E trabalhar ou largar de vez!

E o sr. Silva todo se revia no filho formado que havia de chegar lá mais para o Verão, definitivamente, para o ajudar nos negócios.

Rondava o fim de Julho e o sr. Silva fazia os últimos preparativos de recepção ao patrão-novo. O Luisinho, o sr. engenheiro Luís Silva, devia chegar dentro de poucos dias e tinha de ser apresentado, em recepção especial, ao pessoal da Fábrica e dos escritórios como novo Chefe. O seu filho formado em Inglaterra. O seu único filho que tinha estudado no estrangeiro, um técnico, um rapagão que falava o português — sua língua natal — com o fino sotaque agarrado nos muitos anos de estudo nas terras lá-de-fora, ia chegar dentro de dias para ficar definitivamente junto dele!

★

Mas não chegou. O que chegou foi um telegrama lacónico da companhia de aviação e a notícia nos jornais de que um avião de transportes da carreira Londres-Lisboa se tinha despenhado, tendo morrido todos os tripulantes e passageiros. O seu filho, o seu único filho, o Patrão-novo, morrera.

Foi só quase ao fim de um mês que o sr. Silva voltou a ir ao escritório. Já não falava com ninguém, mal cumprimentava, entrava e saía sem dizer nada, as pernas vergadas, os ombros caídos, um ar de cangalheiro de serviço. Ainda para mais, a esposa ficara muito chocada com a morte do seu Luísinho e não andava bem de saúde.

Falava muitas vezes à hora da entrada e saía quase sempre mais tarde do que o pessoal para não se misturar às despedidas e cumprimentos. Metia-se no seu automóvel e lá ia, devagar, para casa, onde a tristeza o não largava. O sr. Silva era agora um homem infeliz. Aquele desastre havia-lhe roubado todos os seus sonhos. Naquela tarde tinha-se demorado mais no escritório, cotovelos na secretária, a pensar. Quando ia a sair, reparou no Freitas que arrumava ainda os livros de conta-corrente, o mesmo ar desleixado, o velho fato preto quase no fio, os óculos de aros finos encavalitados na ponta do nariz. Olhou para aquele homem estafado, mal vestido, que em vinte anos de casa nunca tinha conseguido ser mais do que o fastidioso sr. Freitas. Pegou no chapéu e dirigiu-se para a saída enquanto dizia, numa voz monótona, só para dizer alguma coisa:

— Arrume essa coisa que são horas. Amanhã também é dia!

Quando chegou à porta da rua virou-se para trás subitamente, o rosto inexplicàvelmente desanuviado:

— O Freitas, se vai para cima, despache-se que vamos juntos. Eu levo-o...

AO LANCHE:
TODDY

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Divisão Comercial — Serviço das Reclamações

AVISO

LEILÃO

Em 23 de Maio p.º f.º e dias seguintes, ás 10,30 horas, na estação de Braço de Prata, proceder-se-á, nos termos do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 8.º da Tarifa de Operações Acessórias, à venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes encontrados abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez e agora por este meio, os Srs. Consignatários das remessas, de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço das Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 20 de Maio, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

O leilão realiza-se no armazém do antigo cais do Poço do Bispo, da estação de Braço de Prata, com serventia pela Rua Direita de Marvila.

Para a sua scooter
VELAS
CHAMPION
DE IGNIÇÃO TOTAL
REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29 — AV. DA LIBERDADE — 41

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 — Voar; equipo. 2 — Prendi. 3 — Cont. prep. e art.; verbais; estás. 4 — Nome de um fruto; espécie de puxador metálico; única. 5 — Casas; adicionar. 7 — Recelam; erras. 8 — Alguma; fileira; nome masculino. 9 — Crença religiosa; lança; igual (farm.). 10 — Arredai. 11 — Ligar; pron. pes.

VERTICAIS: 1 — Terra portug.; incha. 2 — Ovário dos peixes; nome de letra. 3 — Nota mus.; clima; nocíva; nesse lugar. 4 — Gosto muito; nome de letra; labuta. 5 — Pouco vulgares; extinguir. 6 — Chefe etíope; lírio. 7 — Cantigas; vai-se embora. 8 — Rente; prego; nome de uma árvore. 9 — Nota mus.; indivisível; aqui; seguia. 10 — Nome fem.; nome fem. 11 — Gastar; constar.

☆	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Solução do problema de anteontem:

HORIZONTAIS: 1 — Bafio; sapia. 2 — Alá; meloal. 3 — Lusitanismo. 4 — Sic; Eça. 5 — Adição; pé. 6 — Ocar; rara. 7 — Um; canica. 8 — Sob; dor. 9 — Fragilidade. 10 — Iódico; dai. 11 — Arola; ópera.

VERTICAIS: 1 — Baísa; ráfia. 2 — Aluido; ror. 3 — Fasciculado. 4 — Cam; Gil. 5 — Tear; sica. 6 — Maço; colo. 7 — Sena; rabi. 8 — Ali; pan. 9 — Posteridade. 10 — Iam; açodar. 11 — Atoés; arela.

Solução do problema de ontem:

HORIZONTAIS: 1 — Catara; ásar. 2 — Acaro; amora. 3 — Pataca; após. 4 — Atolái; rama. 5 — Galopar. 6 — Apa; aso. 7 — Calaram. 8 — Abar; legara. 9 — Baga; alamar. 10 — Atara; ataca. 11 — Rara; arolas.

VERTICAIS: 1 — Capa; acabar. 2 — Acato; abata. 3 — Tato; alagar. 4 — Aral; parara. 5 — Roçagar. 6 — Aia; ala. 7 — Lamelar. 8 — Amaros; gato. 9 — Sopapo; amal. 10 — Aroma; praça. 11 — Rasara; aras.

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

As suas tapeçarias precisam de ser limpas ou restauradas?

Consulte os serviços especializados da **FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO**. Pedidos aos escritórios. R. Conde Redondo, 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuação da 7.ª pág.)

tugués». Eis a sentença de João Gaspar Simões. Espanta é que ele não se aperceba de que as últimas consequências desta afirmação o obrigariam a renegar o seu próprio passado: teria que se arrepender da sua campanha, sob tantos aspectos notável, em favor da poesia chamada *modernista*; e, coerente com as presentes ideias, deveria iniciar uma outra, agora em prol das quadras do sr. Silva Tavares.

Aliás, não poderemos reconhecer autoridade estilística a João Gaspar Simões, para nos falar de «metros por excelência», se, nesse mesmo trabalho, considera *«metros clássicos — a ode, a epístola, o soneto, o epigrama, o ditirambo, etc.»*. (Homenagem do Ateneu Comercial — pág. 82). Mas não se reduz a esta confusão entre metros e formas, ou subgéneros, a incompetência estilística de Gaspar Simões. No seu preconcebido furor contra o verso branco, reputa-o *«desprovido de ritmo e cadência»* (Antologia — pág. 48); e é de opinião que tal «desprovimento» caracteriza as obras de Horácio e de Filinto... Ainda na mesma página em que chega a tão peregrinas conclusões, declara, aludindo ás *Folhas Caidas: «E' aí que Garrett, inclusivamente, adopta, pela primeira vez, a rima e o verso octossílabo como instrumentos correntes da sua métrica»*. Sem sequer falarmos no *Romanceiro*, bastará dizer que, nas *Flores sem Fruto* (de oito anos anteriores ás *Folhas Caidas*) há várias composições onde Garrett adoptou a rima e o verso octossílabo: estão precisamente nesse caso quatro dos seis trechos que, nesta antologia, Gaspar Simões dai transcreve (poesias *Nunca Mais, Suspiro d'Alma, As Minhas Asas* e *Olhos Negros*).

A par de tais e tão constantes faltas de rigor, topamos, nestes últimos trabalhos do autor do *Mistério da Poesia*, com frequentes contradições As xácaras e romances populares que, numa certa altura (Antologia, pág. 12), são consideradas *«a mais lidima expressão da alma nacional»* recebem, depois, uma interpretação completamente diferente, a ponto de se afirmar que Garrett atribuía aos *«romances» «uma genuidade* (sic) *nacional que eles, em abono da verdade se diga, realmente não tinham entre nós»* (Ibid., pág. 35). — Num outro passo, declara Gaspar Simões que *«o espírito crítico, e muito particularmente o espírito de autocrítica, não me parecem apanágio dos nossos maiores cantores»*. E a seguir acrescenta: *«Ora o certo é que Garrett também não foge à regra, embora, em abono da verdade se diga, lhe não faltasse espírito crítico, que, por vezes, com raro acerto, oem sabe aplicar na apreciação da sua própria obra literária»*. Afinal, em que ficamos? Garrett tinha ou não tinha espírito crítico? Fugia ou não ugia à regra?

O certo é que, no meio desta confusão de coisas ditas e depois contraditas (sempre em abono da verdade!), nenhuma luz se faz sobre a poesia de Garrett. E quando esperávamos alguma novidade acerca das *Folhas Caidas* (voltamos a referir-nos á conferência no Ateneu), assistimos apenas ao desumbramento perante o caso existencial que porventura as motivou, aquele amor do Garrett cinquentão pelas graças astutas da Viscondessa da Luz. Ora o Garrett que a amou foi apenas o autor daquelas cartas ridículas há poucos meses reveladas; e que escreveu as *Folhas Caidas* é indubitàvelmente *outro* — o único que importava *iluminar* num estudo crítico

DAVID MC ARÃO-FERREIRA

ARCO IRIS

(Continuação da 7.ª pág.)

apurar-se depois: o empregado da instituição esquecera-se de mandar para o correio os bilhetes de convite.

★

Romeu Correia vai publicar um romance que se intitula «Desporto-Rei». Gira em volta do futebol. Pelas qualidades de Romeu Correia, já demonstradas, não nos custa a admitir que ele meterá alguns golos literários na baliza da Crítica!

★

Num grupo de jornalistas, á volta de uma mesa de café, alguém comunicava, há dias, que a Camara Municipal de Lisboa ia construir uma piscina monumental no Campo Grande. Comentário de um dos componentes do grupo:

— A Camara Municipal de Lisboa nada em opulência, não há que ver!

★

Por feliz iniciativa do «Jornal de Sintra» vai ser inaugurado, brevemente, nesta vila um busto em bronze do poeta Nunes Claro que em Sintra viveu e morreu. Justíssima homenagem, não apenas a um admirável poeta, mas a um devotado amigo de Sintra. Quem, como nós, tanto conviveu com Nunes Claro, muitas coisas poderia contar a esse respeito! Um dia, declarava-nos ele, que, além de poeta, era médico:

— Ser poeta é uma doença para que não há remédio. Fazer versos alivia, — mas não cura.

★

Afonso Lopes Vieira, que cursara, em Coimbra, Musas e Direito, fez muitos livros de versos, mas uma unica vez envergou a toga forense. E fê-lo para defender, num tribunal militar, Hipólito Raposo, acusado de conspirar contra a Republica. Afonso Lopes Vieira começou assim o seu discurso, dirigindo-se ao presidente do tribunal:

— Eu e o meu constituinte temos gosto em que esta causa haja sido trazida a este tribunal militar. Por razões juridicas? Não. Por razões estéticas. Este tribunal é muito mais artístico que o da Boa-Hora...

★

Que faz o sr. Pagnol todas as noites, que se deita tão tarde? — perguntou um dia ao autor de «Topaze» a porteira do prédio em que ele morava em Paris.

— Faço peças de teatro...

— Peças de teatro? — objectou a pobre mulher. — Eu não tinha paciência para isso.

★

Uma tarde, Junqueiro, passeando com Tomás da Fonseca junto á foz do rio Ave, dizia-lhe, falando de Antero de Quental:

— Era um iluminado. O cérebro, porém, consumiu-lhe o resto do organismo. Morreu só com osso e alma. O pensamento tinha queimado tudo.

L. O. G.

AGENDA do leitor

Efemérides

QUARTA-FEIRA — S. Floriano

1746 — Tomada da praça de Alorna, situada na margem direita do rio Arondem, na India, pelas tropas portuguesas sob o comando do intrépido vice-rei D. Pedro Miguel de Almeida e Vasconcelos, marquês de Castelo Novo, que ali ganhou o titulo de marquês de Alorna em memória de tão brilhante feito.

Farmácias de serviço esta noite

TURNO I — Sousa, estrada de Benfica, 429-431 (Telef. 780027); Leal de Matos, rua Neves Costa, 33-35, Carnide (Telef. 780181); Laranjeiras (Das), rua Filipe da Mata, 160-162 (Telef. 761035); Central do Lumiar, rua do Lumiar, 77 (Telef. 779480); Alentejo, avenida da Igreja, 28-B, Sítio de Alvalade (Telef. 777282); Campo Pequeno (Do), avenida da Republica, 58-B/C (Telef. 771661); Belmar, avenida de Roma, 53 (Telef. 776314); **ONILDA, avenida João XXI, 13-A (Telef. 777848)**; Palma, av. Duque de Avila, 25-31 (Telef. 47068); Imperio, Ld.ª, rua Filipe Folque, 40-A/B (Telef. 48002); Salus, rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 42239); Ascenso, rua 27, 41, Bairro da Encarnação (Telef. 399216); Olivais (Dos), rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 399237); Conceição, calçada D. Gastão, 30-32 (Telef. 391279); Pereira, Suc., rua do Paraíso, 98-100 (Telef. 845124); Silva, calçada de Santo André, 16 (Tel. 26474); Branquinho, rua dos Sapadores, 87 (Tel. 842725); Marluz, calçada da Picheleira, 140-B/C. (Telef. 840703); Nobel, rua Actor Vale, 53, junto á «Fonte Monumental», lado sul (Telef. 842152); Candido Monteiro, avenida Almirante Reis, 121-B (Telef. 45751); Góis, Ld.ª, Suc., rua dos Anjos, 12-C/D, antiga rua do Registo Civil (Telef. 840101); Ribeiro & Castro, Ld.ª, Rua Braamcamp, 58 (Telef. 43409); Salutar, rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade (Telef. 53694); Judice de Oliveira, rua de Campaiide, 54-A (Telef. 44424); Pinheiro, rua de Campo de Ourique, 131-133 (Tel. 663640); Linaida, rua Ferreira Borges, 32-34 (Telef. 660955); Ocidental, rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (Telef. 610256); Gomes, Suc. (Gonçalves), rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193); Costa, rua dos Lusíadas, 32 (Telef. 636474); A. César, rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187); Pinheiro, rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 661867); S. Nunes Simões, Suc., rua do Quelhas, 1 (Telef. 661275); Africana, rua Bernardino Costa, 45 (Telef. 29120); Pinharanda, rua da Rosa, 94-96 (Telef. 21534); Lima Amaro, Suc., Praça da Alegria, 27-28 (Telef. 21149); Morão, rua da Assunção, 17-19 (Telef. 21289); Cortez, rua de S. Nicolau, 93 (Telef. 25378).

Boletim meteorológico

Previsão do tempo para amanhã — A norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, céu geralmente encoberto; vento bonançoso de sudoeste e períodos de chuvisco. A sul daquele sistema: céu nublado e vento bonançoso de Noroeste, com agravamento possível durante a noite de hoje, vento de Sudoeste e períodos de chuva. Em todo o continente: pequena descida de temperatura.

Marés de amanhã

QUARTO CRESCENTE — *Preia-mar*, ás 3,11 e 15,33. *Baixa-mar*, ás 8,52 e 21,14.

ULTIMAS NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

MORREU LOUIS BRÉGUET

UM DOS PIONEIROS DA AVIAÇÃO FRANCESA

PARIS, 4 — Louis Bréguer, construtor de aviões e pioneiro da aviação, morreu em Paris, ao princípio da tarde. Tinha 75 anos. — (F. P.).

Nasceu a 2 de Janeiro de 1880, Louis Bréguet — que se tornaria célebre na história da aviação. Depois de cumprido o serviço militar, entrou na Escola Superior de Gïechevalde. Dedicou-se ao estudo de motores. Os seus aperfeiçoamentos começaram a chamar a atenção dos técnicos. Em 1905 era já o engenheiro-chefe da Rábrica Donai.

Apaixonado pelos motores de aviação, construiu, em 1906, um aparelho a que chamou «giroplano». Em 1907, esse avião consegue subir a trezentos metros. Em 1911, alcançou o «record» da velocidade, voando com um passageiro, e, depois, com dois. Meses depois, os aviões Bréguet triunfaram no Concurso Militar de Reims. Ainda nesse ano, fundou a «Société des Ateliers d'Aviation Louis Bréguet», fábrica de construções de material aeronáutico. Em 1912, construiu o seu primeiro hidroavião, e em 1915, apresentou um novo tipo de avião bombardeiro, e ganhou o concurso dos «grandes aviões». Em 1916, construiu o «Bréguet XIV», equipado com um motor Renault de 300 cavalos — o que marcou um progresso considerável na construção aeronáutica. Depois da primeira guerra ainda construiu o «Breguet XV», inteiramente metálico e, entre 1921 e 1930, a fábrica de que era dirigente produziu dois mil aviões.

DECLARAÇÕES DE HERBERT MOSES

(Continuação da 1.ª pág.)

formará elementos da mais alta importancia, como elementos comuns na vida do mundo». — (F. P.).

«A visita presidencial selou uma aliança para a paz» — diz o «Globo»

RIO DE JANEIRO, 4. — Com o titulo «Viagem a Portugal», o «Globo» publicou um artigo a três colunas acerca da viagem do Presidente Café Filho a Portugal.

Depois de exaltar a recepção ao Chefe do Estado brasileiro pelas autoridades e pelo povo portugueses, o «Globo» escreve:

«A visita presidencial selou na praça publica mais do que uma comunidade espiritual, uma verdadeira aliança para a paz. E' esse o seu mais alto e indissoluvel sentido».

E mais adiante:

«Ainda falta muito para chegarmos ao objectivo mais alto. E' preciso votarmos nas duas nações um estatuto para os portugueses no Brasil e para os brasileiros em Portugal. Este diploma foi delineado em bases sólidas e felizes. Impediu a luta interna de 1945. Por isso, não chegou a concretizar-se. Mas ele terá de vir como complemento do tratado». — (F. P.).

SÓ APÓS SONDAGENS REALIZADAS EM PEQUIM

SOBRE AS INTENÇÕES DA CHINA COMUNISTA

WASHINGTON TOMARÁ DECISÕES

REFERENTES ÀS PROPOSTAS DE CHU EN LAI

WASHINGTON, 4 — Uma actividade diplomática, intensa mas secreta, é a consequência das declarações de Chu En Lai e dos dirigentes americanos relativas a negociações directas, entre Pequim e Washington, para um «cessar-fogo» no estreito da Formosa.

Segundo fonte competente, essa actividade não se traduz pelo desejo doas Estados-Unidos de procurarem o contacto com Pequim, mas sim pelo desejo do Governo americano de obter esclarecimentos quanto ás intenções da China comunista.

Com efeito, o departamento do Estado pediu a certo numero de países amigos, para indagarem se o chefe do Governo de Pequim evocou, de facto, um «cessar-fogo» ou uma suspensão de hostilidades baseada na assinatura de um acordo, e qual o país que deveria tomar a iniciativa das negociações, se os Estados-Unidos se a China.

Afirma-se, de boa fonte, que esta «sondagem» pelas potências amigas, não terminou ainda, e que dela depende a diplomacia americana poder entrar em contacto com Pequim. Entretanto, os informadores em Washington frisam o seguinte quanto á atitude americana:

1.º — Os Estados-Unidos não encarregaram nenhum país amigo ou neutro para actuar, como intermediário, junto das autoridades de Pequim.

2.º — E' permitido supor que as próprias chancelarias que indagam das intenções da China comunista para conhecimento do Governo de Washington, também comunicam a Pequim os objectivos e as concepções dos Estados-Unidos.

3.º — Certos conselheiros do departamento do Estado continuam a manifestar desejos de que o caso da Formosa seja levado ás Nações Unidas.

Os dirigentes americanos, entretanto, decidiram adoptar uma posição «tão branda quanto possível», não se deixando «desviar da iniciativa por considerações de protocolo». — (F. P.).

O EXÉRCITO ALEMÃO

(Continuação da 1.ª pág.)

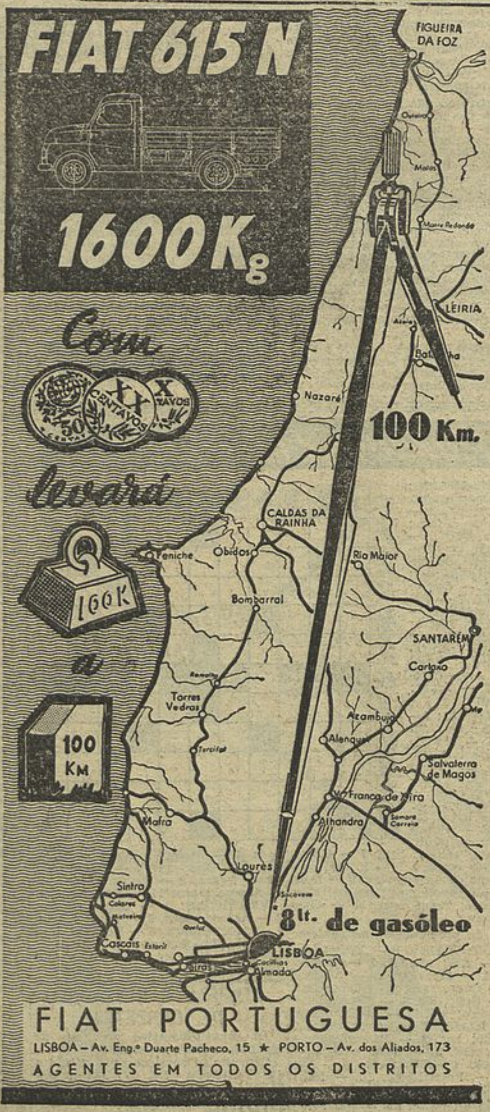
um prazo de 18 meses, e as primeiras chamadas de recrutas não poderão começar antes de 1957. Ora, ninguém esconde nos meios da coligação governamental que seria preferível atrasar essa chamada até ao Outono; isto é, depois das eleições legislativas, que devem realizar-se no Verão de 1957. Teme-se a repercussão que a introdução do serviço militar obrigatório possa ter na popularidade de que hoje goza o Governo Adenauer. — (F. P.).

Desporto

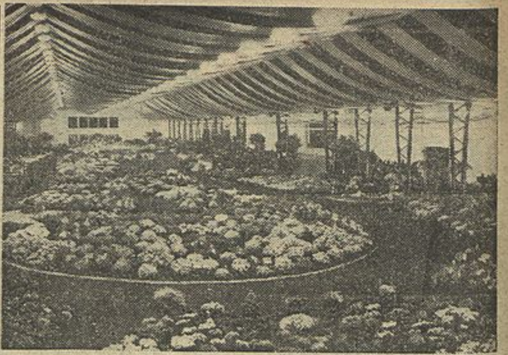
Ciclistas castigados pela Associação de Ciclismo do Norte

PORTO, 4. — A Associação de Ciclismo do Norte, reunida para apreciar a terceira prova de preparação, organizada no passado domingo, resolveu aplicar os seguintes castigos: Artur Coelho, independente, do Futebol Clube do Porto, três meses de suspensão e multa de 120 escudos, por ter agredido o academista Alberto Silva, no decorrer da prova; Ribeiro da Silva, do Académico; Sousa Santos, Alberto Gonçalves Silva, Emídio Pinto e Carlos Carvalho, todos do F. C. P. e também independentes, desclassificados na prova e multados em 40 escudos cada um, por terem feito «meio-fundo» atrás de uma bicicleta motorizada.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA P. A. A.



CASINO ESTORIL APRESENTA
SÁBADO, 7 DE MAIO
AS ATRACÇÕES INTERNACIONAIS
DANIÉLE DUPRÉ
Vedeta da canção francesa
Prémio «Edith Piaf» ★ Prémio «Suzy Solidor»
E
HAMMOND BIRDS
Um numero original de aves amestradas
1.º Prémio no Concurso Internacional de Londres
(Para adultos)



Na Feira de Gand, na Bélgica, os visitantes podem admirar, numa enorme sala, esta deslumbrante exposição de flores

ANUNCIA-SE PARA DEPOIS DE AMANHÃ

NOVA MARCHA DE «SATYAGRAHIS» PARA GOA

(Continuação da 8.ª pág.)

que trouxe graves contrariedades ás autoridades daquele país. Agora, armado em chefe politico, encontra as maiores protecções...

Quando este indivíduo entrou em Damão, vinha fugido ás autoridades da União Indiana, que tinham contra ele um mandado de captura passado por um tribunal.

Varnan Desai é já bem conhecido de todos nós...

Um abuso a que convém pôr termo

Nestes ultimos dias têm-se ouvido, do lado da União Indiana, centenas de tiros. Segundo se depreende da leitura dos jornais daquele país, o tiroteio destina-se a iludir as autoridades indianas, lançando-se as culpas dos disparos ás forças portuguesas. Será uma bela teoria, mas não iludirá ninguém.

Durante dois dias consecutivos, uma avioneta com as iniciais «VIT», do Aero Clube de Bombaim, tem realizado voos baixos sobre diversos pontos de Damão. Informações, que se consideram fidedignas, dizem que se trata da avioneta particular de Francisco de Mascarenhas. E' necessário pôr termo a este abuso.

Apesar de todos estes acontecimentos, e os boatos lançados pela propaganda da União Indiana, segundo os quais existe uma «quinta coluna» no interior de Damão (!) continua a verificar-se o patriotismo de toda a população que auxilia ao máximo a acção das autoridades portuguesas. A vida decorre com a normalidade habitual. Muitos populares, cristãos, hindus, mouros e parses afirmam que, nas suas orações, pedem a Deus a continuação da soberania portuguesa para todo o sempre, sob a qual têm vivido em paz e em sossego — tão diferentes das mil tribulações por que passa actualmente o povo da União Indiana.

(Do nosso correspondente António de Meneses)

GOA, 4 — O diário de Bombaim «Free Press» publica uma carta que a sr.ª Melba Dias Costa escreveu ao Governador-Geral da India Portuguesa sobre o actual momento politico e em que diz: «E' natural que os «satyagrahis» esperem na prisão o julgamento das suas actividades, mas não está certo que pacíficos «satyagrahis» sofram castigos corporais, principalmente quando se trate de uma senhora». A sr.ª Dias não tem qualquer razão ao fazer semelhante afirmação, pois todos sabem que os «satyagrahis» são bem tratados.

O partido «Jan Sangh» vai comemorar o dia 10 de Maio como Dia da «Libertação» de Goa. Por seu turno, o partido «Maharashtra», de Puna, estabeleceu a Semana da «Libertação» de Goa de 6 a 12 do corrente.

A Imprensa da União Indiana anuncia a prisão de dois «satyagrahis», Datarama Naíque e Rana Naíque, em Torxem, território português. Esta noticia, porém, não tem qualquer confirmação oficial.

O jornal «Sunday Standard» continua a publicar as mais singulares fantasias acerca de Goa. Numa das suas ultimas edições publica um longo relato sobre a marcha dos «satyagrahis» no nosso território de Damão, mas conclui dizendo que os chefes Varnan Desai e Fernando Costa regressaram á União Indiana.

Agora, pedem acção policial...

O partido dos camponeses e operários da India anunciou que vai promover grandes marchas de «satyagrahis» contra Goa até fins de Maio. Devem participar na marcha, segundo declararam os chefes daquele partido, milhares de camponeses.

A notícia não perturba em nada o espírito da população de Goa, que, cada dia, manifesta a sua incondicional lealdade á Pátria Portuguesa.

O «Heraldo», de Santa Rita Vaz, referindo-se á nova fase da guerra fria e á atitude do partido «Jan Sangh», que pede acção policial contra Goa, escreve: «Podem exigir acção policial. Ela fica mesmo em completa concordancia com aquele que assina acordos de co-existência, espirra por todos os poros métodos gandhianos, e berra e barafusta meios pacíficos. Não há duvida de que a tal acção policial será bem recebida pelo Mundo inteiro — que «a apoiará» com ambas as mãos.

TARDE LITERÁRIA NO MUSEU JOÃO DE DEUS

No próximo sábado, ás 17 horas, realiza-se no Museu João de Deus uma tarde literária na qual será evocada a figura do escritor e poeta Conde de Sabugosa, que pertenceu aos «Vencidos da Vida». O artista Assis Pacheco dirá poesias, entre as quais, uma de João de Deus dedicada ao Conde de Sabugosa e o sr. dr. Rodrigues Cavalheiro fará uma conferência.